

ESTUDAR NA UNIVERSIDADE ABERTA
PERFIS, EXPERIÊNCIAS
E PERCURSOS DOS LICENCIADOS (2011-2020)
*TO STUDY AT UNIVERSIDADE ABERTA
GRADUATES' PROFILES,
EXPERIENCES AND PATHWAYS (2011-2020)*

| 2023



TÍTULO

Estudar na Universidade Aberta: Perfis, Experiências e Percursos d@s licenciad@s (2011-2020)

To study at Universidade Aberta: Graduates' Profiles, Experiences and Pathways (2011-2020)

AUTORIA

Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta:

Pedro Abrantes, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0001-9572-9563](https://orcid.org/0000-0001-9572-9563)

Ana Paula Silva, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0003-1606-2188](https://orcid.org/0000-0003-1606-2188)

Barbara Bäckström, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0002-5844-3854](https://orcid.org/0000-0002-5844-3854)

Cláudia Neves, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0002-8175-4749](https://orcid.org/0000-0002-8175-4749)

Isabel Falé, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0001-8271-0695](https://orcid.org/0000-0001-8271-0695)

Marc Jacquinet, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0003-1157-060X](https://orcid.org/0000-0003-1157-060X)

Maria do Rosário Ramos, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0001-9114-0807](https://orcid.org/0000-0001-9114-0807)

Olga Magano, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0001-9661-6261](https://orcid.org/0000-0001-9661-6261)

Susana Henriques, Universidade Aberta, ORCID: [0000-0002-7506-1401](https://orcid.org/0000-0002-7506-1401)

EDIÇÃO

Universidade Aberta 2023

PRODUÇÃO

Serviços de Produção Digital da Universidade Aberta

COLEÇÃO

Outras Coleções

ISBN

978-972-674-957-8

DOI

<https://doi.org/10.34627/vy40-1j77>

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-SA 4.0.

De acordo com os seguintes termos:

Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional



RESUMO

A presente publicação sistematiza os resultados obtidos em sucessivas edições do questionário aos licenciados da Universidade Aberta, abrangendo: os perfis sociodemográficos; as motivações, condições de estudo e resultados académicos; o grau de satisfação e balanço de competências; os impactos da licenciatura na vida profissional; e, por fim, os percursos académicos e projetos de futuro após a licenciatura. A análise agregada das três edições do questionário, levadas a cabo em 2015, 2018 e 2020, permite assim abarcar amostras representativas dos licenciados na instituição entre 2011 e 2018, sendo possível constatar muitos aspetos comuns e que constituem marcas da instituição, assim como algumas variações entre áreas de estudo e evoluções ao longo da última década.

PALAVRAS-CHAVE: ensino superior, ensino a distância, seguimento de diplomados, empregabilidade, mobilidade social

ABSTRACT

This publication systematizes the data provided by the successive editions of the survey to Universidade Aberta graduates, including: socio-demographic profiles; motivations, study conditions and academic results; degree of satisfaction and skills balance; the impacts of the degree on professional life; and, finally, academic paths and future projects after graduation. The aggregate analysis of the three editions of the questionnaire, carried out in 2015, 2018 and 2020, allows us to cover representative samples of graduates between 2011 and 2018, making it possible to observe many common aspects that constitute institution hallmarks, as well as some variations between fields of study and evolutions over the last decade.

KEYWORDS: higher education, e-learning, graduates' follow-up, employability, social mobility

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO

INTRODUÇÃO

1. NOTA METODOLÓGICA

2. PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

3. MOTIVAÇÕES, CONDIÇÕES E APROVEITAMENTO

4. BALANÇO DE COMPETÊNCIAS

5. IMPACTOS NOS PERCURSOS DE VIDA E DO TRABALHO

6. PROJETOS DE FUTURO



SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente relatório analisa os resultados das primeiras três edições do questionário desenvolvido pelo Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta, caracterizando assim os percursos e impactos das licenciaturas realizadas na instituição, entre 2011 e 2018. Para aferir efeitos da licenciatura, os questionários são aplicados a posteriori, tendo o mais recente sido aplicado em 2020, por isso se considera que este relatório cobre, em traços gerais, a segunda década do novo milénio.

Se os procedimentos e resultados de cada uma das edições já se encontram em relatórios anteriores (Abrantes *et al.*, 2016, 2018 & 2021), esta publicação oferece um olhar conjunto das respostas dos 1352 diplomados, atento à estabilidade de alguns indicadores que configuram marcas institucionais, mas também a diferenças que podem configurar tendências de evolução, sejam decorrentes da ação da universidade e/ou do contexto social e económico.

Relativamente às características sociodemográficas (capítulo 2), a análise dos dados confirma a existência de uma grande diversidade de perfis entre os licenciados da Universidade Aberta, mas emergem alguns traços dominantes que demonstram grande estabilidade entre as várias edições do questionário:

- a maioria acedeu ao curso com o ensino secundário completo, sendo residual a percentagem daqueles que tinham apenas o nível básico concluído, mas existindo uma proporção expressiva daqueles que já têm uma licenciatura anterior ou que concluíram o ensino secundário através de modalidades de educação de adultos;
- a maioria é do sexo feminino e ingressa no curso entre os 30 e os 49 anos de idade;
- cerca de um terço cresceu e reside na Área Metropolitana de Lisboa, durante a frequência do curso, sendo reduzido o número daqueles que vivem fora de Portugal.

No que concerne ao percurso na licenciatura (capítulo 3), constata-se que a larga maioria escolheu a Universidade Aberta como primeira opção, sendo as razões bastante diversas, com um aumento gradual do reconhecimento do ensino a distância. A generalidade trabalha a tempo inteiro e realiza as suas atividades de estudo em casa, embora apenas cerca de metade disponha do estatuto de trabalhador-estudante, o que condiciona as suas condições de estudo. A maioria concluiu a

licenciatura em três ou quatro anos, mas tem aumentado a percentagem daqueles que demora mais tempo do que tinha previsto (cerca de um terço, na 3ª edição), o que poderá associar-se à possibilidade de realização da licenciatura em tempo parcial. As classificações obtidas são variáveis, cifrando-se a média um pouco abaixo dos 14 valores, com uma ligeira subida ao longo do período em análise.

No balanço de competências (capítulo 4), comparando as respostas d@s licenciad@s ao longo das três edições, é visível uma melhoria da perceção sobre o trabalho da Universidade que varia entre o moderado e o notável. Existem tendências como o domínio das tecnologias adquiridas e outras competências profissionais (como método de trabalho, espírito crítico ou de iniciativa) que apresentam melhorias importantes e muitas são esperadas dado a evolução da população estudantil. Há também algumas surpresas como a melhoria das competências de trabalho em grupo, o que pode levar a uma reflexão sobre a evolução das práticas pedagógicas e do foco acrescido sobre as competências adquiridas e os objetivos de aprendizagem.

De acordo com os principais resultados obtidos sobre a situação profissional antes da licenciatura e após a conclusão, bem como as perspetivas expressas quanto à melhoria de condições de empregabilidade (capítulo 5), podemos concluir que a obtenção do diploma de licenciatura é considerada como tendo um impacto positivo na mobilidade profissional e também no aumento das competências técnicas e culturais. Observa-se, em consonância, uma melhoria objetiva das condições salariais e do acesso a categorias profissionais mais qualificadas, mais evidente na 3ª edição do questionário. As progressões ocorrem, sobretudo, dentro das organizações em que as pessoas já trabalhavam, durante a licenciatura, sendo possibilitadas pelo diploma obtido e/ou pelas aprendizagens realizadas.

Finalmente, @s diplomad@s que prosseguem percursos académicos nos anos seguintes à conclusão da licenciatura são ainda uma minoria, ainda que exista uma tendência de aumento e, sobretudo, um elevado número que pondera fazê-lo, em particular, na Universidade Aberta (capítulo 6). A ligação à universidade, aos seus ex-professores e aos seus ex-colegas é, porém, pouco frequente.

Em suma, podemos destacar como principal ponto positivo a satisfação d@s diplomad@s com a Universidade Aberta e com as competências desenvolvidas na licenciatura que realizaram na instituição, assim como as possibilidades que este percurso abriu, na maior parte dos casos, para a progressão laboral nas organizações onde já exerciam funções. Por seu lado, como áreas de melhoria, apesar de algum progresso entre edições, podemos referir o desenvolvimento de competências tecnológicas

e de trabalho em grupo, convertíveis numa maior capacidade para criar redes duradouras entre professores e estudantes, assim como a capacidade de valorização profissional e social, através da procura de emprego noutra organização ou até do autoemprego.

INTRODUÇÃO

Uma das missões centrais da universidade é promover aprendizagens relevantes aos seus estudantes, capazes de lhes proporcionar oportunidades de valorização, em termos pessoais, sociais e laborais. Contudo, é difícil de aferir em que medida concretizamos esse desígnio, até porque esses efeitos são, muitas vezes, mediados pelo tempo, pelas conjunturas económicas, entre outros fatores.

Tal como em muitas outras instituições do ensino superior, na Universidade Aberta, tem-se procurado responder a esta questão, através de metodologias científicas de recolha e análise de dados que permitem uma auscultação sistemática das experiências e perceções dos diplomados na instituição. Se este “seguimento” (ou *follow up*) dos diplomados é hoje uma boa prática em muitas escolas, nacionais e internacionais, permitindo análises comparadas, no caso da Universidade Aberta, este é ainda mais relevante, tendo em conta ser a universidade pública mais jovem em Portugal e caracterizar-se por um perfil de estudantes e um modelo pedagógico claramente distintos face às restantes.

Neste sentido, foi lançado um projeto em 2014, o qual deu origem, no ano seguinte, ao primeiro questionário aos licenciados na instituição. Estabeleceu-se como referência o período de um a três anos após ter concluído a licenciatura, no sentido de analisar uma experiência não muito longínqua no tempo, mas já capaz de se ter consolidado nas disposições dos indivíduos e ter suscitado impactos nos contextos em que estes interagem. De resto, este período de referência converge com o utilizado na maior parte dos estudos de seguimento dos diplomados, tanto a nível nacional como internacional.

O relatório com os resultados deste primeiro inquérito, relativos aos licenciados em 2011, 2012 e 2013, foi apresentado publicamente e encontra-se disponível no Repositório Aberto (Abrantes et al., 2016). No seguimento, a equipa foi reforçada e reconhecida institucionalmente, através da criação do Observatório dos Percursos Profissionais e de Vida dos Diplomados da Universidade Aberta. A 2ª edição do questionário foi aplicada em 2017 e a 3ª edição em 2020 – aos licenciados no período 2014-2015 e 2016-2018 – tendo os seus resultados sido também objeto de apresentação pública e estando disponíveis no repositório online da Universidade Aberta (Abrantes et al., 2018; Abrantes et al., 2021).

Com este manancial de três edições (2015, 2017, 2020), abrangendo @s licenciad@s ao longo de oito anos (2011 a 2018), considerou-se útil uma análise global dos mesmos. Não se trata apenas de que a fiabilidade dos resultados é reforçada por um

número maior de respondentes (a análise incide sobre as respostas de 1352 licenciad@s), mas também de que existem ganhos numa análise atenta à evolução dos resultados entre as três edições, ainda que as diferenças observadas possam nem sempre ser de fácil explicação. Por um lado, ao longo da última década, a ação da universidade não deixou de se consolidar, resultante de uma experiência acumulada no ensino a distância, assim como de estratégias pedagógicas, científicas e administrativas que foram seguidas. Por outro lado, o próprio contexto social e económico sofreu também grandes mudanças, as quais não deixaram de ter impactos nas motivações de entrada dos estudantes, nos seus percursos formativos e na possibilidade depois de mobilizar as competências desenvolvidas para a sua valorização, sobretudo, a nível profissional. Não podemos esquecer que Portugal atravessou uma severa crise económica e financeira, no início do período em análise, o que dificultou as condições de estudo e a progressão laboral de uma grande parte dos trabalhadores no país. Não devemos igualmente ignorar que a 3ª edição do questionário foi aplicada já num período condicionado pela pandemia de COVID-19, o que poderá também ter afetado as respostas d@s diplomad@s, sobretudo, relativas às suas condições presentes e expectativas de futuro.

Em todo o caso, com as devidas ressalvas, não deixa de ser interessante comparar os resultados das sucessivas edições, explorando os padrões de estabilidade visíveis e que são marca de uma ação institucional consolidada, mas também as diferenças que vão surgindo amiúde e que sugerem tendências que poderão ser também relevantes numa dimensão prospetiva.

O relatório organiza-se em seis capítulos. Um primeiro em que se explicitam algumas orientações metodológicas e se caracteriza a amostra, remetendo-se para os relatórios de cada uma das edições uma apresentação mais detalhada dos procedimentos seguidos. O segundo é dedicado ao perfil sociodemográfico d@s licenciad@s e que, como veremos, é notavelmente distinto da maioria das instituições do ensino superior, o que marca também a especificidade desta Universidade e a sua relevância na sociedade portuguesa. O terceiro capítulo analisa os percursos ao longo da licenciatura, focando-se nas motivações, condições para o estudo, duração do curso e resultados obtidos. O quarto é centrado nos níveis de satisfação e no balanço de competências desenvolvidas ao longo da licenciatura. No quinto capítulo, analisam-se os impactos da licenciatura em várias dimensões de vida, com especial atenção para a inserção laboral. E, por fim, o sexto capítulo aborda os percursos formativos após a conclusão da licenciatura, a ligação d@s diplomad@s com a Universidade Aberta e os seus os projetos de futuro, a nível académico e laboral.

A nossa expectativa é que este trabalho possa ser útil para todos aqueles que se interessam pelo trabalho da Universidade Aberta e, em termos gerais, pelo ensino a distância, contribuindo para a prestação de contas e, sobretudo, para o desenho de estratégias que, a diferentes níveis, possam efetivamente ampliar as oportunidades de formação superior, bem como os seus efeitos no desenvolvimento e bem-estar de todos aqueles que decidem estudar nesta instituição.

De referir que o tipo de análise global que permite o presente relatório justifica uma abordagem mais descritiva e que, a nível analítico, não deixa de apresentar limitações. Paralelamente, a equipa tem-se empenhado em aprofundar, a nível teórico e empírico, algumas questões que tem considerado mais pertinentes, tais como as trajetórias de mobilidade social (Magano *et al.*, 2016), as motivações, percursos e aprendizagens (Neves *et al.*, 2017) ou as competências e empregabilidade d@s licenciad@s da Universidade Aberta (Abrantes *et al.*, 2022), entre outras.

Num momento em que se prepara já a aplicação da 4ª edição do questionário, prevista para 2023, de forma a manter uma periodicidade trienal, cabe mencionar que a equipa está igualmente envolvida na adaptação do questionário aos mestres e doutorados da instituição, o qual deverá permitir, a breve trecho, alargar também a análise a estes ciclos de estudo em expansão na instituição.

Não podemos terminar esta introdução sem agradecer à Reitoria da Universidade Aberta pelo reconhecimento deste trabalho, aos serviços informáticos pelo apoio na aplicação do questionário, à Professora Mariana Gaio Alves pelos valiosos conselhos no lançamento deste trabalho, à editora da Universidade pela edição gráfica e, sobretudo, a tod@s @s diplomad@s que têm participado nas sucessivas edições do questionário.

1 | NOTA METODOLÓGICA

Os procedimentos de construção do questionário, recolha e análise dos dados são explicados, de forma detalhada, em cada um dos relatórios citados no capítulo anterior, pelo que nos dispensamos de voltar à sua apresentação. Ainda assim, sem prejuízo de pequenos aperfeiçoamentos que foram sendo introduzidos com base na própria experiência e nas circunstâncias de cada momento, importa garantir que, ao longo do tempo, as principais orientações metodológicas, assim como a maioria das perguntas do questionário, mantiveram-se inalteradas para potenciar o seu carácter cumulativo, robustecendo, a par, a comparabilidade das respostas, ao longo das diversas edições. Além disso, é também de frisar que, nas três edições, foram contactados por correio eletrónico tod@s @s licenciad@s dos anos correspondentes e, através de sucessivos contactos, foi possível alcançar uma representatividade das amostras, com taxas de resposta entre os 30% e os 40%, bem como uma distribuição equilibrada entre as várias licenciaturas existentes, em alguns casos, através de contactos telefónicos de reforço com @s licenciad@s de algumas áreas de estudo para sensibilizar para a importância da participação.

O total de graduad@s na instituição e o número de respostas dos questionários foram os seguintes: na primeira edição, foram contabilizados 1691 graduados em 2011, 2012 e 2013, e 518 responderam ao questionário (taxa de resposta de 30,6%); na segunda edição, dos 1079 diplomados em 2014 e 2015, participaram 420 (taxa de resposta de 38,9%); e, na terceira edição, de um total de 1194 graduados em 2016, 2017 e 2018, 414 responderam (taxa de resposta de 34,7%).

O perfil dos adultos com diploma de graduação em licenciaturas online, da UAb, foi traçado a partir da amostra global (três edições agregadas) composta por 1352 diplomados que responderam ao questionário, nas suas três edições, correspondendo a uma taxa de resposta de 34,3%. Comparando as três edições, bem como outros relatórios sobre a UAb, evidenciam-se características semelhantes, por idade, sexo, residência, nível de escolaridade inicial e atividades profissionais.

Para caracterizar os diplomados diferenciando os grandes grupos de domínios científicos, os programas das várias licenciaturas foram agregados nas seguintes áreas de estudos: Ciências Sociais e História (CS&H); Gestão (Gestão); Educação (Edu); Ciências, Tecnologia e Matemática (STEM) e Artes e Humanidades (A&H).

Tabela 1.1. Dimensão e distribuição da amostra por ciclos de estudo

Área de estudos	1ª ed.		2ª ed.		3ª ed.		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ciências Sociais e História	203	39,2	183	43,1	181	45,6	567	42,3
Gestão	66	12,7	55	13,2	55	13,9	176	13,2
Educação	77	14,9	59	14,1	50	12,6	186	14,0
Ciências, Tecnologia e Matemática (STEM)	25	4,8	30	7,2	31	7,8	86	6,5
Artes e Humanidades	147	28,4	93	22,5	97	20,2	337	24,1
Total	518		420		414		1352	

A maior percentagem d@s diplomad@s frequentou a licenciatura em Ciências Sociais e observa-se uma tendência crescente dos cursos de licenciatura na área das ciências, tecnologia e matemática (STEM), refletindo as recomendações da UNESCO (2017). A evolução das taxas de resposta por área do curso e por ano de conclusão apresentam algumas flutuações, com a área STEM a apresentar uma taxa mais elevada de respondentes nas duas edições mais recentes, enquanto os respondentes dos cursos de Humanidades, por exemplo, têm um percurso inverso.

2 | PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

A compreensão dos percursos profissionais e de vida d@s licenciad@s da Universidade não dispensa um conhecimento prévio sobre o seu perfil sociodemográfico. A idade com que realizaram a licenciatura, o género, a região de residência ou o nível de educação e formação, no momento de entrada no curso, são elementos muito relevantes para entender as suas motivações, o seu percurso académico e o impacto subsequente na sua vida social e profissional. É esta caracterização prévia que se providencia no presente capítulo, explorando algumas evoluções entre as três edições do inquérito e que, *grosso modo*, correspondem a diferenças entre os estudantes que concluíram a licenciatura no início (2011-2013) e no final (2016-2018) da última década.

2.1 Idade

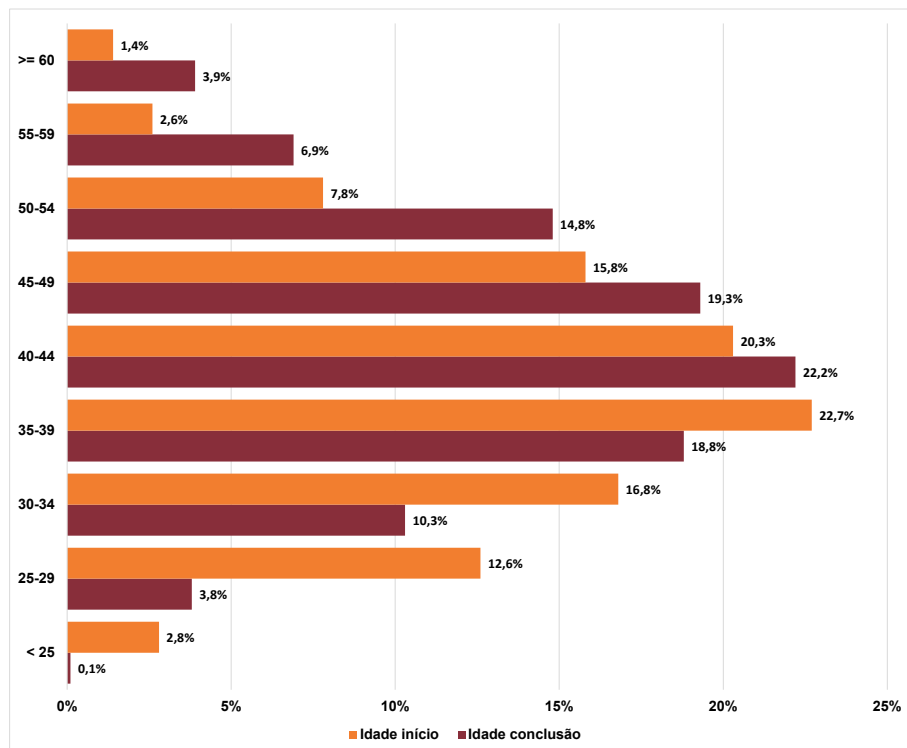


Gráfico 2.1. Idade dos licenciados da UAb, no início e no final do curso

Os dados agregados das três edições do inquérito realizado aos licenciados da Universidade Aberta apontam para um padrão de graduação num estágio intermédio da sua vida ativa. A maior concentração etária ocorre entre os 35 e 49 anos, tanto ao início como na conclusão do curso (Gráfico 2.1). Apesar de uma diversidade não negligenciável, parece, pois, que a escolha pelo ensino a distância tem estado, pelo menos, na última década, fortemente associada a uma etapa da vida, na qual @s estudantes já se encontram a trabalhar e, em muitos casos, já constituíram família, realizaram interrupções no seu período educativo e formativo, mas têm ainda amplas possibilidades de mobilidade profissional e social.

Analisando a amostra de cada edição, observa-se que a idade média de conclusão da licenciatura é, para a primeira edição, de 42,7 anos (Desvio-Padrão=8), de 44,5 anos para a segunda edição (Desvio-Padrão=8,8) e de 44,6 anos na terceira edição (Desvio-Padrão 8,95). Existe, portanto, uma

certa estabilidade ao longo da última década, com uma ligeira tendência de aumento da idade, o que pode refletir o concomitante aumento da esperança média de vida e o envelhecimento da população portuguesa, no seu todo.

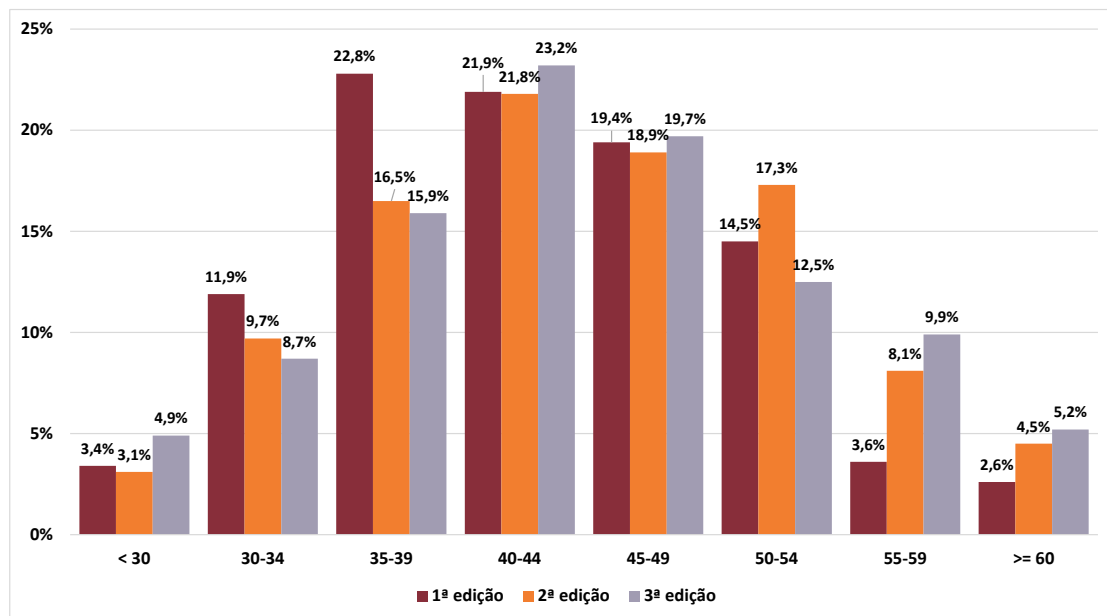


Gráfico 2.2. Idade dos licenciados da UAb, no final da licenciatura 3 edições

Esta tendência é consubstanciada em pequenas variações observadas na distribuição de diplomad@s pelos diferentes grupos etários (ver gráfico 2.2). Na primeira edição, a faixa etária mais frequente registada foi entre os 35 e 39 anos, ligeiramente acima da faixa 40-44 anos. Nas segundas e terceira edições, esta relação inverte-se.

Existe, porém, alguma variação entre áreas de estudo (ver tabela 2.1). A área das Ciências Sociais é a que apresenta uma maior proporção de graduad@s com 50 anos ou mais (31,1%), seguida da área das Humanidades (26,8%). Por seu lado, os cursos de Gestão e da área das

Ciências, Tecnologia e Matemática, destacam-se por formar, em maior proporção, estudantes jovens.

Tabela 2.1. Idades de conclusão da licenciatura, por área de estudo

Idade	Ciências Sociais e História (CS&H)	Gestão (Ges)	Educação (Edu)	Ciências, Tecnologia e Matemática (STEM)	Artes e Humanidades (A&H)
< 30	2,7%	6,6%	2,4%	7,6%	3,8%
30-34	8,0%	17,1%	13,5%	13,9%	7,3%
35-39	16,6%	23,7%	22,9%	13,9%	19,4%
40-44	22,1%	22,4%	19,4%	26,6%	22,6%
45-49	19,6%	17,1%	20,0%	17,7%	20,1%
50-54	16,6%	7,2%	15,3%	11,4%	16,7%
55-59	8,2%	3,9%	4,7%	6,3%	7,3%
60 ou mais	6,3%	2,0%	1,8%	2,5%	2,8%

2.2 Género

No que se refere à distribuição por género (gráfico 2.3), não obstante uma distribuição bastante equilibrada, pode-se observar que a população é maioritariamente feminina (57,1%, n=707, num total de 1238 respostas), em todos os grupos etários (gráfico 2.4), exceto entre @s diplomad@s com 60 e mais anos, refletindo a tendência do ensino superior português no seu todo (Alves e Morais, 2021).

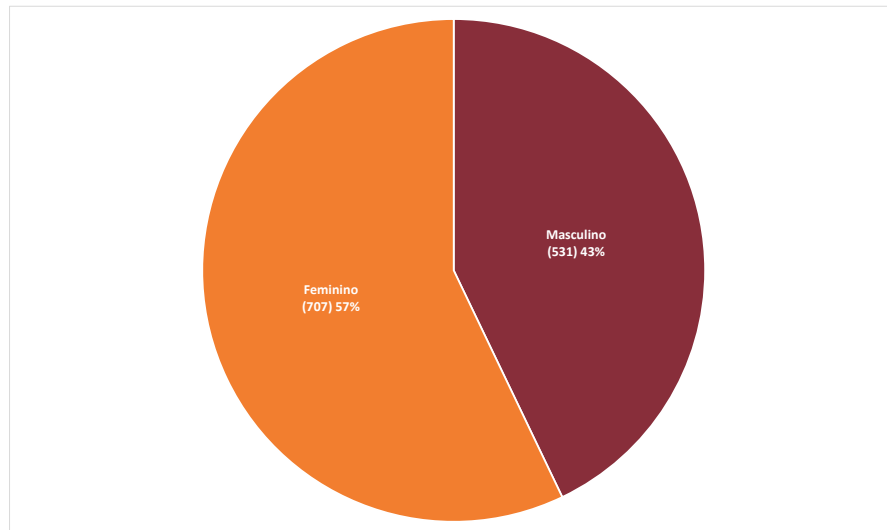


Gráfico 2.3. Género dos licenciados e das licenciadas da UAb

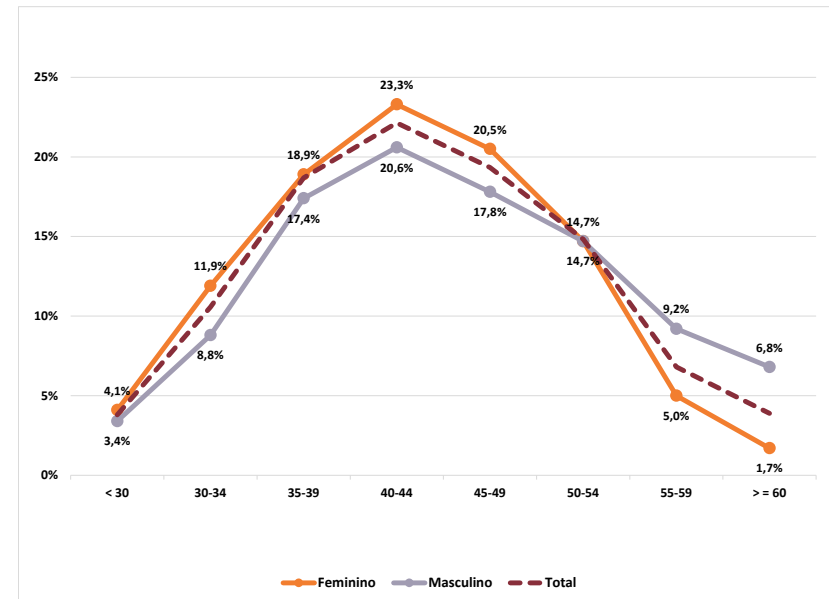


Gráfico 2.4. Género dos licenciados e das licenciadas da UAb por grupos etários

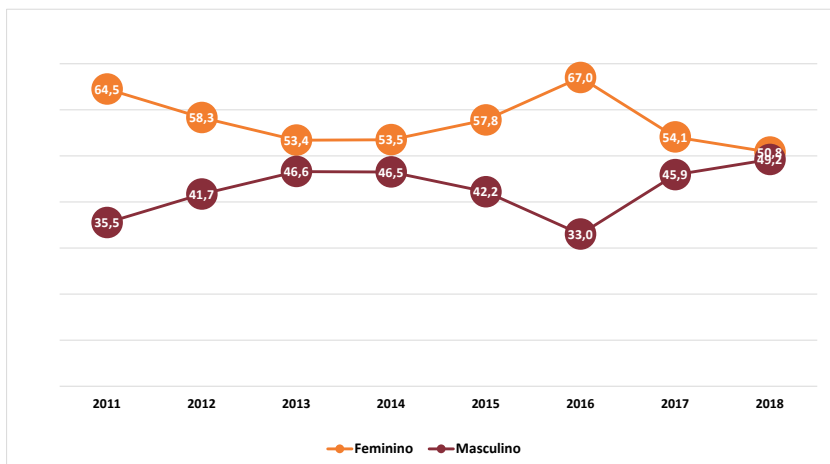


Gráfico 2.5. Género d@s licenciad@s da UAb (%), por ano de conclusão

A evolução da distribuição dos diplomados e diplomadas segundo o ano de conclusão evidencia a prevalência contínua do género feminino, apresentando valores bastante mais elevados nos graduad@s de 2011 e 2016, anos em que o género feminino apresenta uma percentagem de graduad@s de 64,5% e 67% respetivamente (gráfico 2.5).

A distribuição etária é idêntica em ambos os géneros, embora com pequenas alterações (gráfico 2.6). A terceira edição revela um aumento da percentagem de diplomados respondentes acima dos 60 anos. Por seu lado, o aumento gradual da percentagem de respondentes nas idades mais jovens também é transversal, sendo mais notório entre as mulheres.

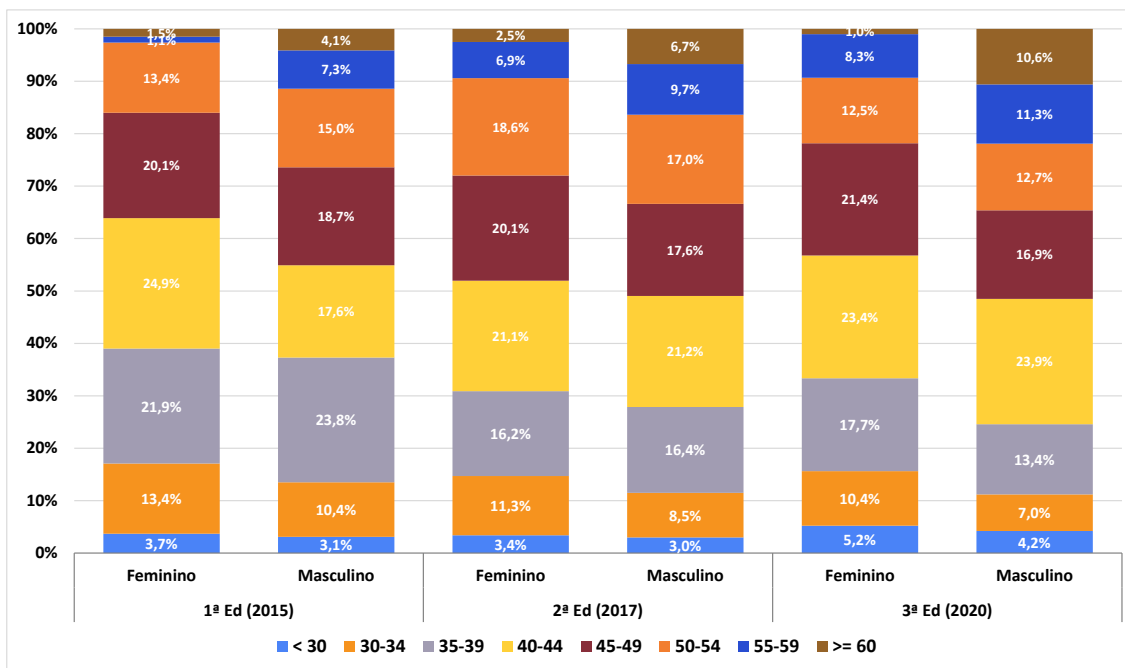


Gráfico 2.6. Distribuição etária, por género e edição do inquérito

Fazendo uma análise comparativa entre áreas de estudo (gráfico 2.7), observamos que o sexo feminino é francamente maioritário entre @s diplomad@s em Educação (sempre superior a 75%) e em Humanidades (cerca de 60% ou mais), em todas as edições do inquérito, o que vai ao encontro do salientado em outros estudos recentes sobre os estudantes do ensino superior (Alves e Morais, 2021; Vázquez-Cano et al., 2020).

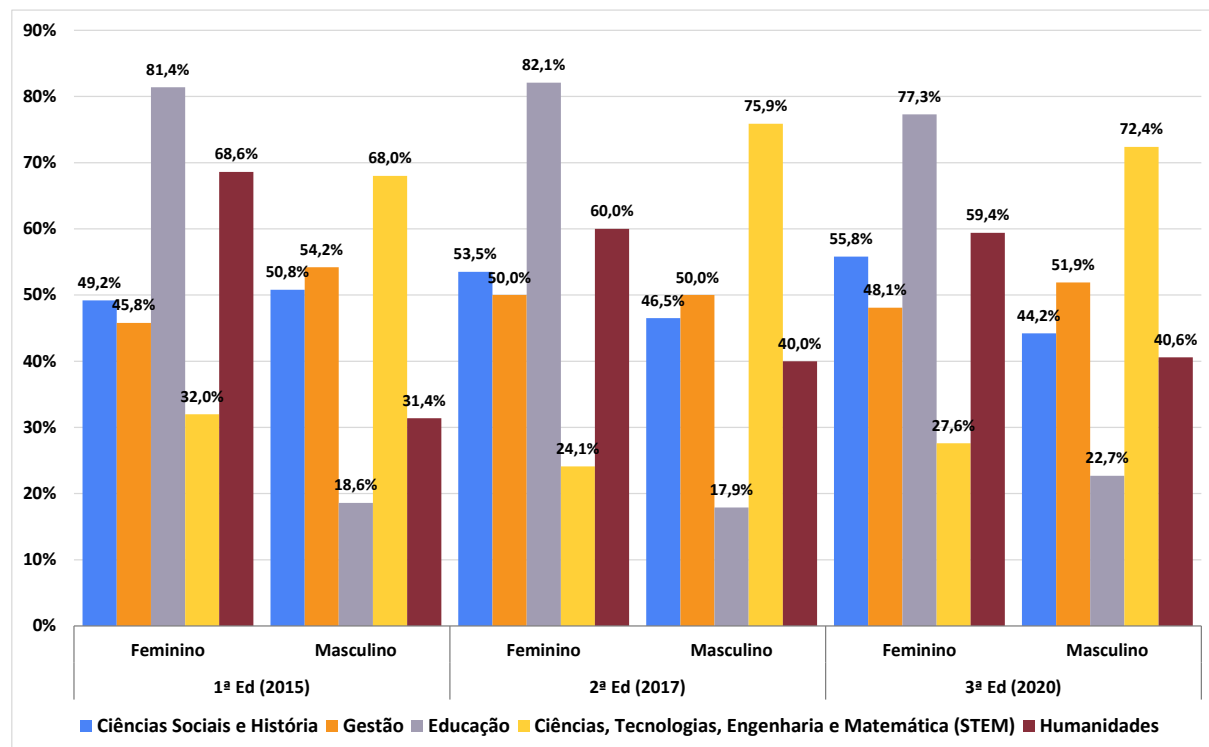


Gráfico 2.7. Género d@s licenciad@s da UAb (%), segundo a área de estudos e a edição do questionário

Comportamento oposto apresenta a área STEM, na qual o género masculino apresenta proporções superiores a dois terços d@s licenciad@s, nas três edições do questionário. Nas áreas de Ciências Sociais e da Gestão, os valores são mais equilibrados entre os géneros, apesar de se notar uma evolução a favor do género feminino na área das Ciências Sociais e História, de 49,2% na primeira edição para 55,8% na 3ª edição.

2.3 Distribuição geográfica

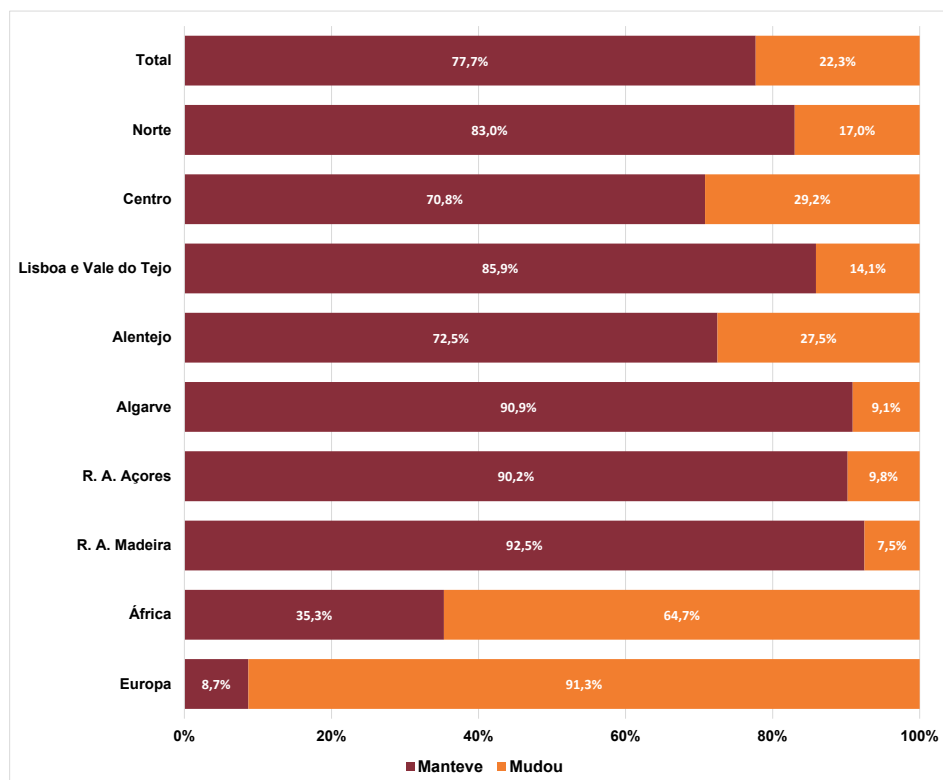


Gráfico 2.8. Região de residência, até aos 18 anos e durante a licenciatura (%)

Fazendo uma análise da mobilidade geográfica dos 1352 respondentes relativamente ao local de residência, em duas fases da sua vida (até aos 18 anos e durante a licenciatura), constata-se que, na maioria das situações, a região de residência mantém-se (77,7%), embora se identifiquem algumas regiões que apresentam padrões mais significativos de mobilidade (Gráfico 2.8).

Relativamente ao território português, as regiões que apresentam maiores índices de mobilidade são o Centro e o Alentejo. Relativamente ao território estrangeiro, é no continente africano que se verifica a maior taxa de mobilidade (64,7%). Importa não esquecer que uma parte dos estudantes viveu a sua infância e adolescência ainda antes do 25 de abril, num período em que Portugal ocupava ainda amplos territórios em África.

Analisando com mais detalhe a mobilidade entre regiões, ao longo da vida dos diplomados, podemos constatar, por exemplo, que uma proporção significativa d@s licenciad@s que cresceram na região Centro migraram, posteriormente, para a região de Lisboa e Vale do Tejo (19,3%) ou para a Região Norte (5,3%). Da região do Alentejo, a transferência em maior escala foi igualmente para a região de Lisboa e Vale do Tejo 14,7%. Relativamente à mobilidade de e para países estrangeiros, dos 68 licenciados que residiram no continente africano até aos 18 anos, 20 (29,4%) residiam em Lisboa e Vale do Tejo durante a licenciatura e 11 (16,2%) viviam na Região Norte de Portugal.

Em termos de região de residência (gráfico 2.9), ao longo das três edições do inquérito, os graduados e as graduadas viveram a maior parte da infância e adolescência na região de Lisboa e Vale do Tejo e, em menor proporção, na Região Norte e na Região Centro. Destaca-se um aumento de graduados respondentes que viveram na região Norte e Lisboa e Vale do Tejo, na edição mais recente, e uma redução nos provenientes na região Centro e Alentejo.

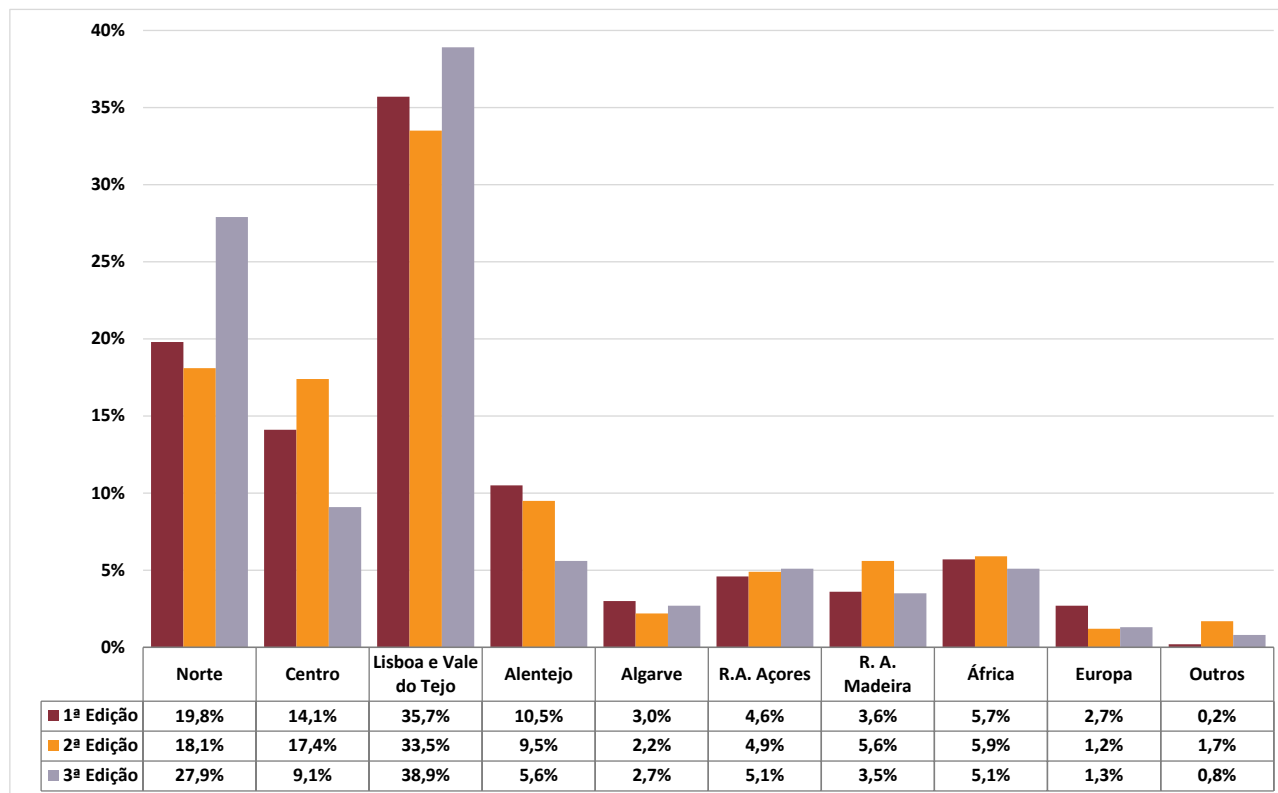


Gráfico 2.9. Região de Residência durante a infância e adolescência, segundo a edição do questionário (%)

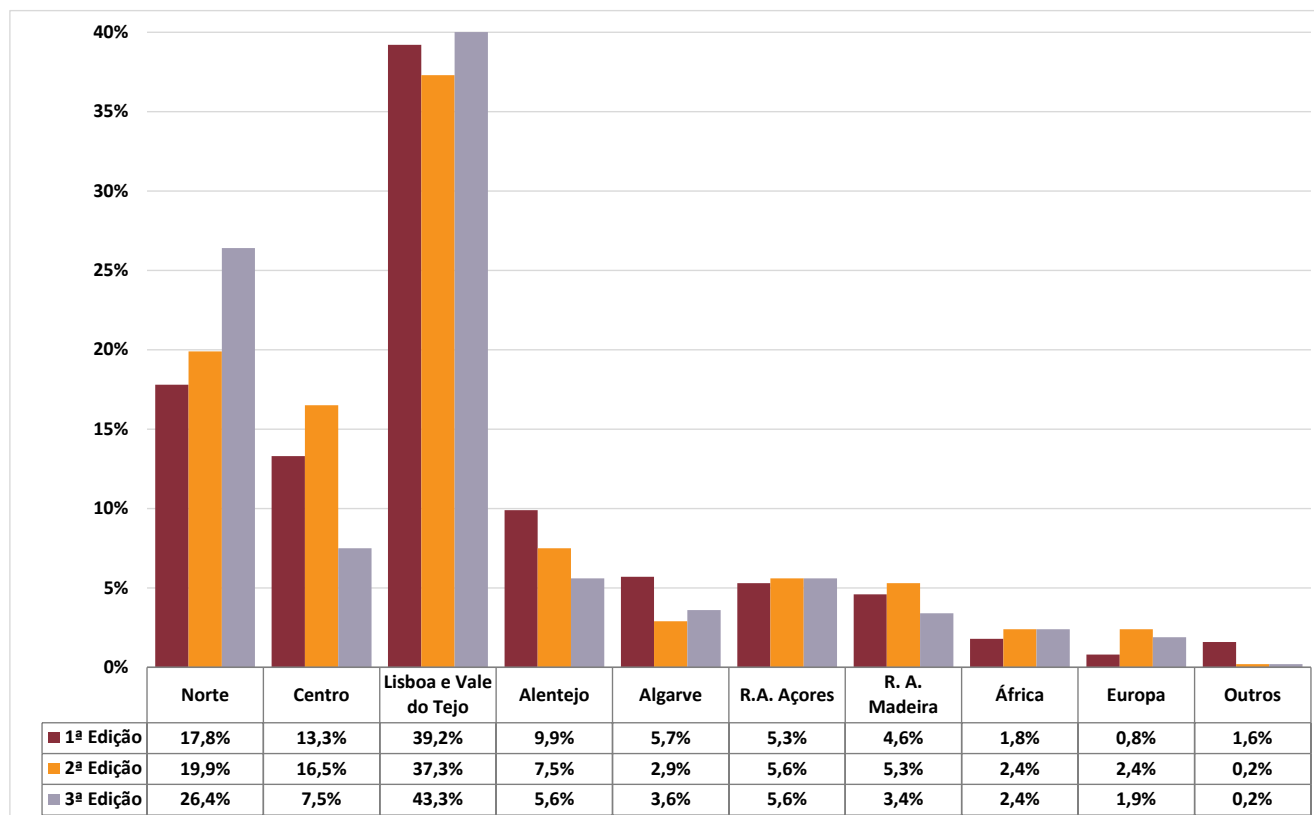


Gráfico 2.10. Região de residência, durante a realização da licenciatura segundo a edição do questionário (%)

Se é verdade que este padrão corresponde, em grande medida, à evolução da distribuição demográfica em Portugal, com uma concentração cada vez maior de população (e de recursos) na área metropolitana de Lisboa (Mauritti et al., 2019), não deixa de ser significativo que esse padrão se reproduza numa instituição de ensino a distância. Estando também a oferta de licenciaturas bastante concentrada nas maiores cidades e, em particular, na capital, seria plausível que os cursos da Universidade Aberta fossem mais apelativos a populações em localizações mais remotas.

2.4 Nível de educação e formação

A generalidade dos licenciados detinha o ensino secundário completo quando ingressou na Universidade Aberta (gráfico 2.11), sendo expressiva, aliás, a proporção (14,1%) daqueles que já detinham um nível de habilitações literárias correspondente ao ensino superior (bacharelato ou outra licenciatura). De notar que uma percentagem minoritária, mas relevante (10,3%), obteve o ensino secundário pela via técnico-profissional ou através do programa de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC).

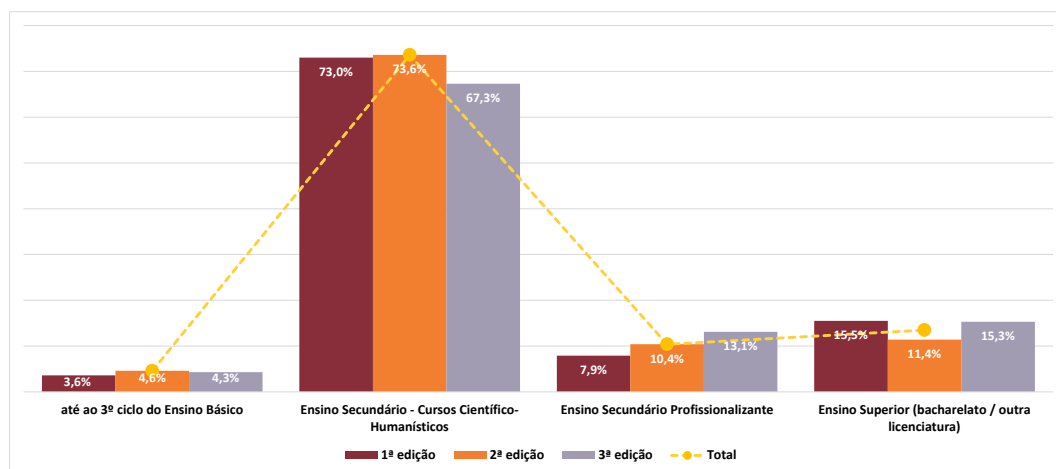


Gráfico 2.11. Nível de escolaridade no momento de ingresso na Universidade Aberta, segundo a edição do questionário

Entre os licenciados e as licenciadas que responderam ao inquérito, 43,7% referiu já ter tido alguma experiência anterior no ensino superior, enquanto 56,3% nunca tinha frequentado o ensino superior antes de ingressar na licenciatura na Universidade Aberta (gráfico 2.12). Daqueles que já tinham experiência no ensino superior, 28,6% já tinha iniciado uma licenciatura/bacharelato numa outra instituição, mas sem ter concluído, enquanto 4,7% já era licenciad@ por outra instituição e 0,6% pela Universidade Aberta. Comparando as três edições, constata-se uma distribuição estável, destacando-se apenas que, na segunda edição, a percentagem de licenciad@s que nunca tinha frequentado o ensino superior é a mais elevada.

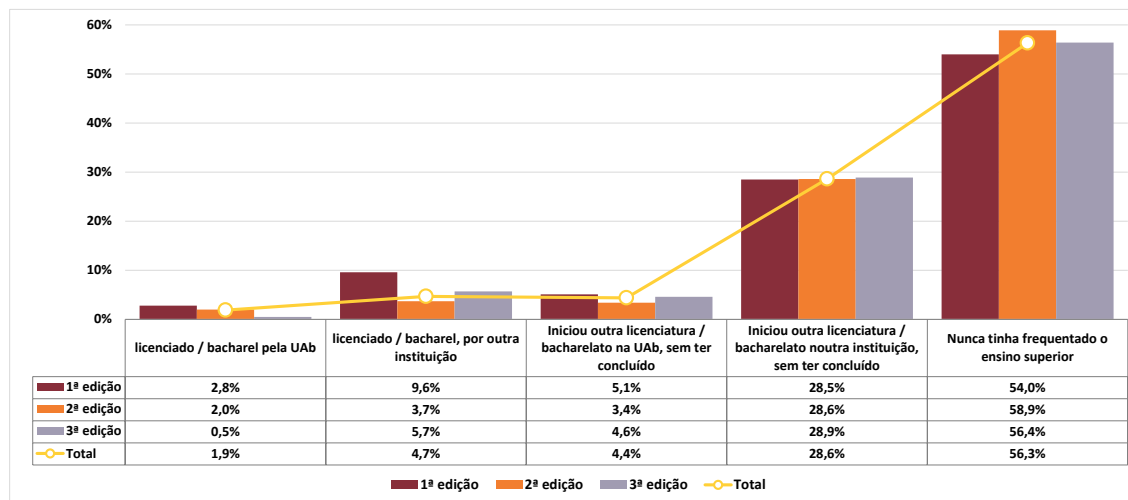


Gráfico 2.12. Experiência anterior no Ensino Superior (%)

Comparando as várias áreas de estudos, observam-se diferenças na experiência anterior de frequência do ensino superior. As áreas de Gestão e de Ciências, Tecnologia e Matemática apresentam as percentagens mais elevadas de licenciados/as que já tinham frequência anterior (mais de 50% em ambos). Estes casos incluem, por exemplo, licenciados da área da Informática que começaram a sua atividade profissional sem grau de licenciado numa área em que o número de graduados ainda é bastante inferior ao necessário. Importa igualmente lembrar que as licenciaturas até ao início do século XXI eram mais longas (4 a 5 anos) e que as taxas de insucesso e de abandono no ensino superior eram elevadas (Costa, Lopes e Caetano, 2014).

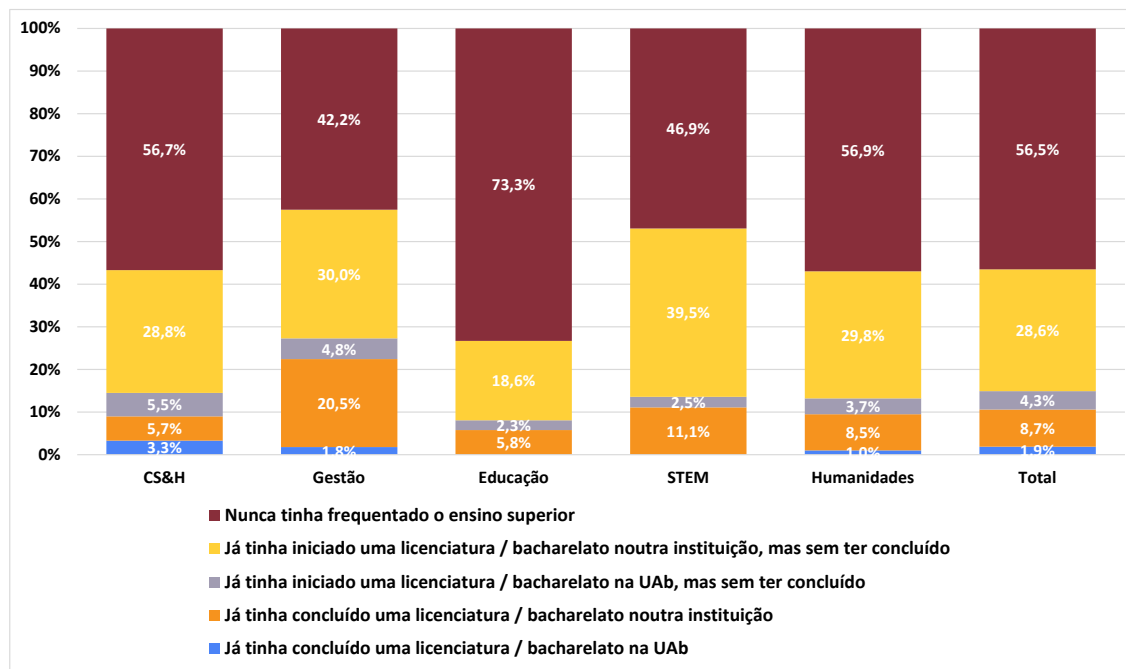


Gráfico 2.13. Experiência anterior no ensino superior, por área de estudos (%)

3 | MOTIVAÇÕES, CONDIÇÕES E APROVEITAMENTO

Uma dimensão fundamental para compreender os percursos laborais e de vida d@s diplomad@s da Universidade Aberta é atender às suas motivações, ao seu trajeto durante a licenciatura e aos seus resultados académicos, procurando aferir se tem havido alterações substanciais ao longo da última década. Esta análise organiza-se em quatro aspetos distintos, embora articulados, deste percurso: as modalidades e motivações de acesso; as condições de estudo; o tempo de duração, tendo em conta as expectativas iniciais; e, por fim, as aprendizagens e classificações obtidas.

3.1 Modalidades e motivações de acesso

Um primeiro resultado relevante para compreender a especificidade da Universidade Aberta e a sua utilidade social é o facto de mais de quatro em cada cinco respondentes (84%) ter escolhido a licenciatura realizada na instituição como a sua primeira opção, mantendo-se este valor estável nas três edições do inquérito. Entre os restantes, quase metade (7%) revelou que a sua preferência era ter ingressado noutra curso da Universidade Aberta, o que reflete uma preferência robusta e consolidada por esta instituição e pela modalidade de ensino que oferece. Estes resultados são semelhantes nos diferentes grupos etários e nas diferentes áreas de estudo, sendo apenas de salientar que são @s diplomad@s da área da Educação que expressam uma maior preferência pela frequência de outra licenciatura na Universidade Aberta (gráfico 3.1).

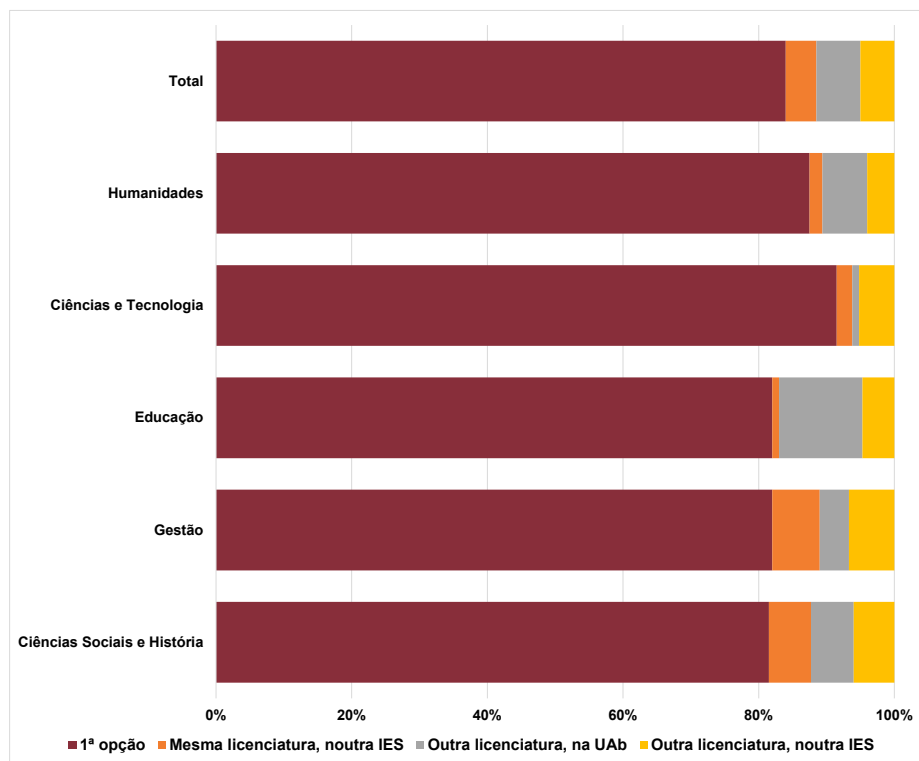


Gráfico 3.1. Preferência inicial pela licenciatura e pela instituição de ensino superior (IES), segundo a área de estudos

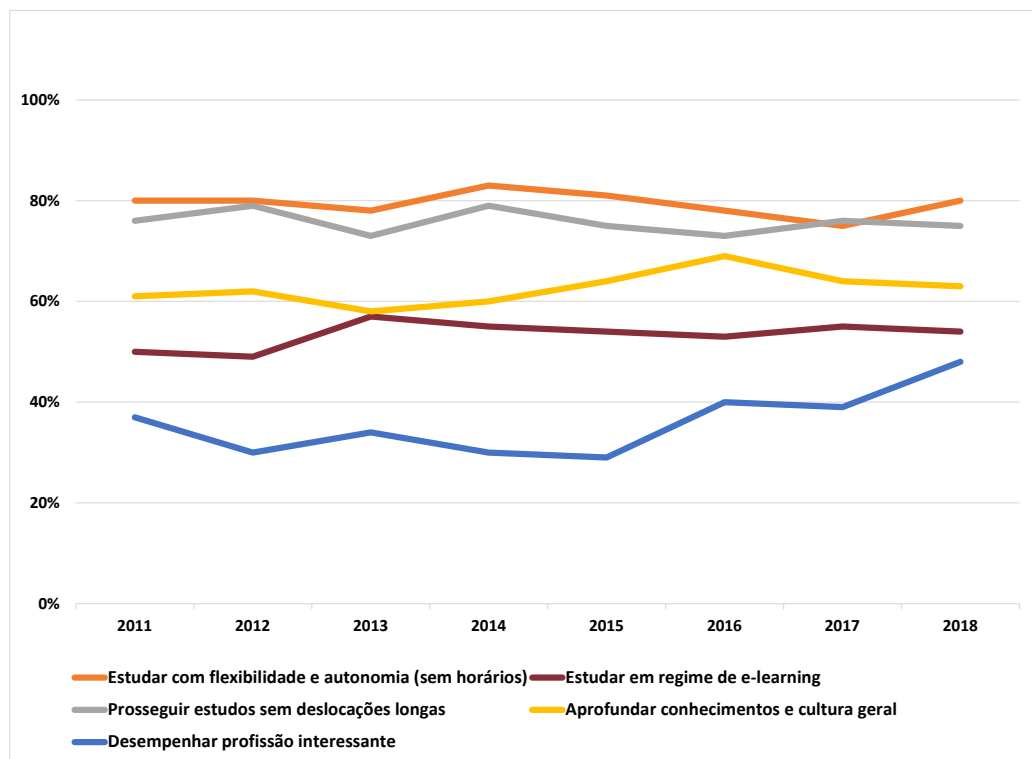


Gráfico 3.2. Motivos classificados como “muito importante” para a decisão de ingresso na licenciatura, segundo o ano de conclusão da licenciatura

Para além dos fatores já referidos, destaca-se o facto de ter aumentado a proporção de diplomados para quem o desempenho de uma “profissão interessante” constituiu uma motivação “muito importante” para o ingresso na licenciatura (de 33% entre @s diplomad@s de 2011 a 2013 para 43% entre @s que se licenciaram entre 2016 e 2018), sendo também crescente a importância atribuída à possibilidade de realizar os estudos em regime de “e-learning”.

No sentido de avaliar a importância de fatores que estão habitualmente associados à motivação para o ingresso no Ensino Superior, foi pedido aos diplomados que classificassem um conjunto de fatores de acordo com a relevância que tiveram na sua decisão de ingressar na Universidade Aberta. Os resultados indicam que 75% dos participantes considerou “muito importante” a possibilidade de prosseguir estudos superiores sem necessitar de fazer deslocações longas, bem como a maior flexibilidade e autonomia (ausência de horários) característica da modalidade de ensino a distância, acima de quaisquer outros fatores, sendo estes resultados constantes ao longo da década (ver gráfico 3.2).

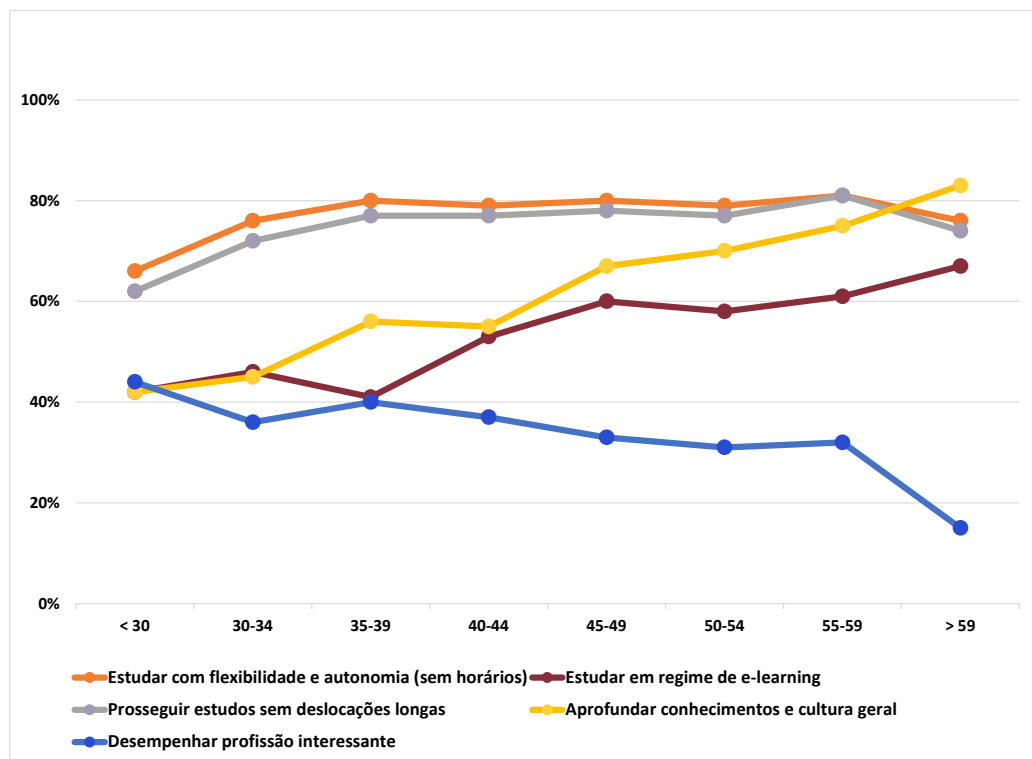


Gráfico 3.3. Motivos para a decisão de ingresso na licenciatura, segundo o grupo etário¹

A análise dos motivos classificados como “muito importantes” para a decisão de ingresso na licenciatura revela diferenças por grupos etários no que se refere aos fatores “Desempenhar profissão interessante” e “Aprofundar conhecimentos e cultura geral”. Os grupos etários mais jovens (<25, 25-29, 30-34) atribuem maior importância ao valor instrumental da qualificação superior, em termos de mobilidade profissional, enquanto os grupos etários mais velhos (>59, 55-59, 45-49, 40-44) valorizam mais o valor intrínseco da formação, consolidado que está, para a maior parte dos participantes destes grupos etários, o seu percurso profissional (gráfico 3.3).

Embora a possibilidade de estudar com autonomia e sem deslocações longas sejam fatores muito valorizados por diplomad@s de todas as áreas, observa-se que o aprofundamento do conhecimento e da cultura geral constituiu um fator mais relevante para @s que cursaram Ciências Sociais, História e Humanidades, enquanto aqueles que realizaram estudos em Educação ou em Ciências, Tecnologia e Matemática, valorizam mais do que os restantes a possibilidade de estudarem em regime de e-learning (gráfico 3.4).

¹ As percentagens reportam-se a diplomad@s que afirmam que os motivos listados foram “muito importantes” para a sua decisão de ingresso na licenciatura; foi considerada a idade no momento de conclusão da licenciatura.

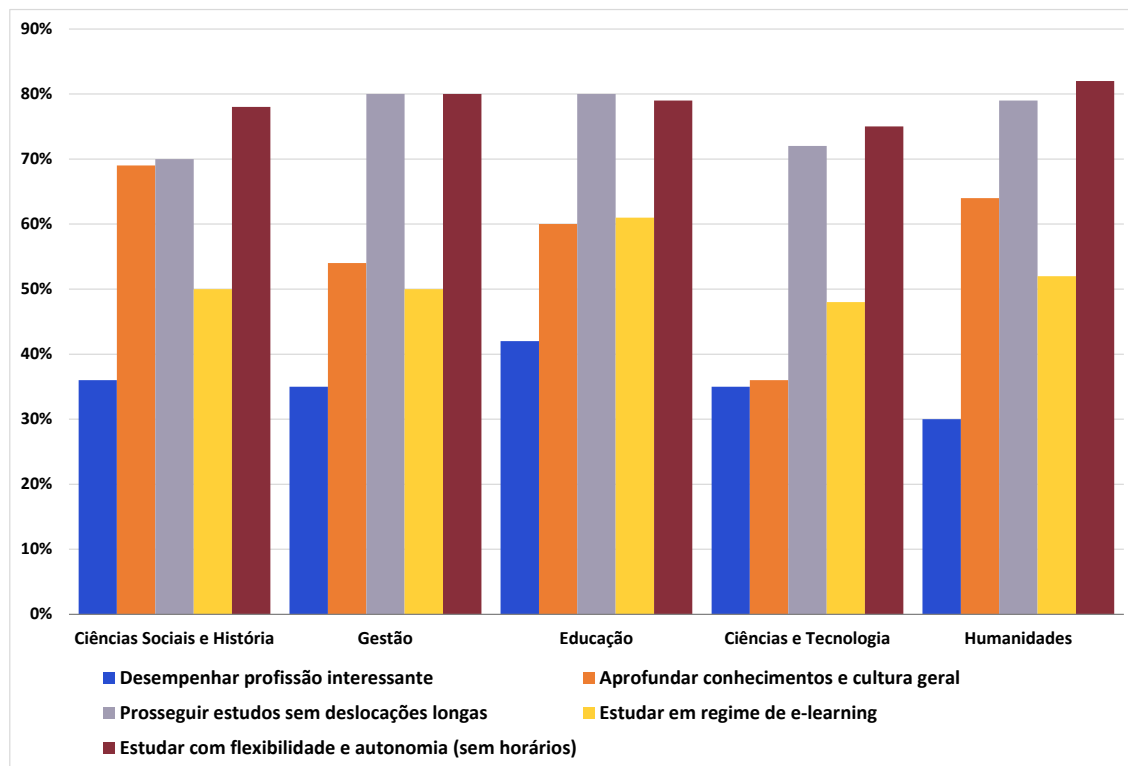


Gráfico 3.4. Motivos para a decisão de ingresso na licenciatura, segundo a área de estudos

diplomados em 2016-2018). O encurtamento das licenciaturas para três anos poderá ter contribuído para a redução desses percursos de transferência. Ainda assim, esta situação foi mais comum entre os diplomados de Gestão (38%) e das licenciaturas na área das STEM (33%), em comparação com as restantes áreas de oferta da Universidade Aberta.

Refira-se ainda a modalidade de acesso direto de titulares de outra licenciatura. Essa possibilidade apenas foi aferida na 3.ª edição do questionário, tendo-se constatado que cerca de 10% d@s diplomad@s ingressaram diretamente na Universidade pelo facto de já terem concluída anteriormente outra licenciatura, sendo esta situação mais comum na área das Ciências, Tecnologia e Matemática.

O acesso à Universidade Aberta tem-se realizado recorrendo a diferentes possibilidades, sendo predominante (44%) o ingresso através da aprovação nas provas para *Avaliar a Capacidade para a Frequência do Ensino Superior dos Maiores de 23*, regime previsto na legislação para todas as instituições de ensino superior. A realização de exames de acesso específico tem sido igualmente uma via de entrada na Universidade com alguma expressão (22%), sobretudo, entre os grupos etários mais jovens.

A mobilidade entre cursos e/ou instituições do ensino superior continua a ser uma modalidade recorrente, ainda que tenha diminuído no período em análise (de 26% dos diplomados em 2011-2013 para 21% dos

3.2 Condições de estudo

As respostas relativas às condições de vida enquanto realizaram a licenciatura na Universidade Aberta indicam um padrão prevalente de trabalho a tempo completo (89%), tendo este valor variado pouco ao longo da década. Isso ajuda a compreender por que razão a flexibilidade de horários e a ausência de deslocações foram apontadas por tantos inquiridos como motivações para realizar os seus estudos nesta instituição. Houve um ligeiro aumento de licenciados que indicou não estar a trabalhar, mas a cuidar de familiares, assim como aqueles que trabalhavam de forma pontual ou a tempo parcial. A percentagem de diplomad@s que esteve dedicada aos estudos a tempo completo foi residual (cerca de 1%).

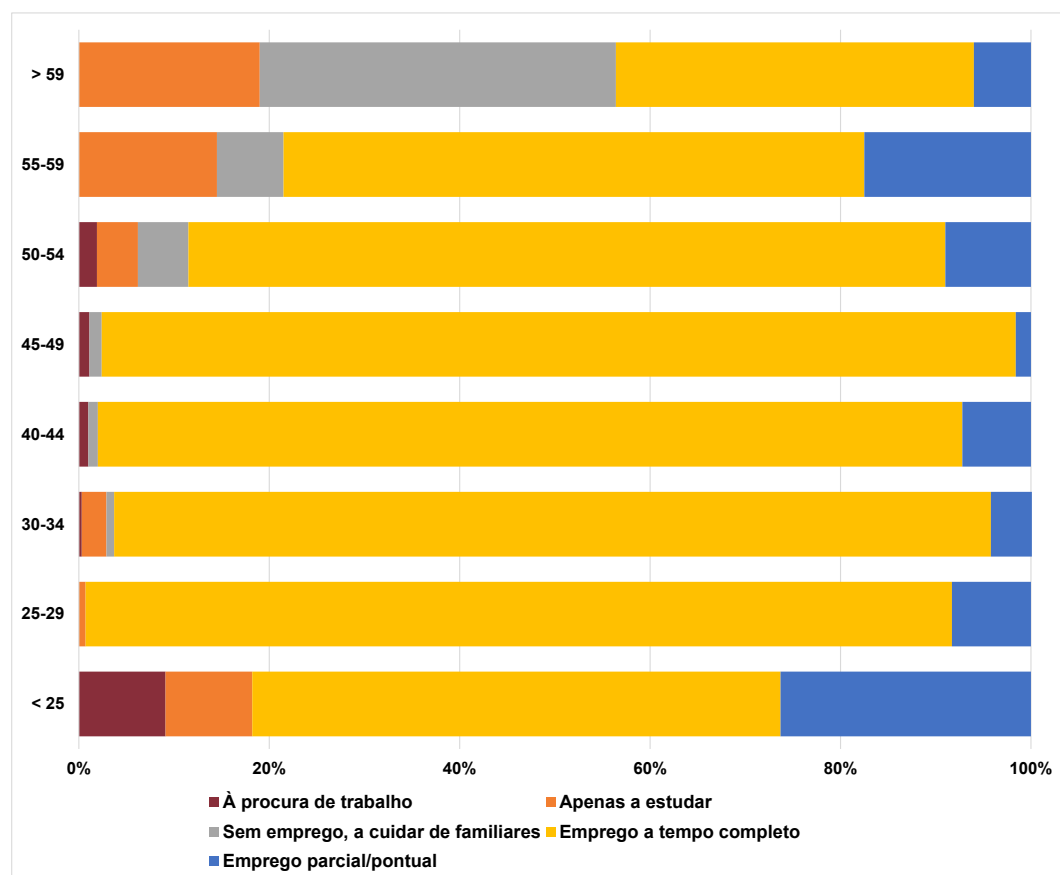


Gráfico 3.5. Situação laboral durante a frequência da licenciatura na Universidade Aberta, segundo o grupo etário (%)

A este propósito, as variações, em termos de áreas de estudo, são também pouco expressivas. Por seu lado, vale a pena sublinhar as diferenças por grupos etários (gráfico 3.5). Assim, a situação de trabalho a tempo inteiro descreve a situação da generalidade d@s diplomad@s que ingressaram no curso entre os 30 e os 50 anos (a larga maioria), mas não é tão prevalente nos grupos etários dos dois extremos (mais novos e mais idosos). Nestes dois grupos etários, a conciliação dos estudos com trabalhos pontuais ou a tempo parcial tem maior expressão. Entre aqueles que ingressaram no curso já depois dos 50 anos de idade, a conciliação dos estudos com os cuidados a outros familiares foi também uma situação mais comum, o que aponta para a importância da Universidade Aberta na promoção de um envelhecimento ativo.

Apesar da enorme prevalência da conciliação dos estudos com o exercício de funções profissionais, apenas 56% d@s diplomad@s dispôs do estatuto de trabalhador-estudante, valor que sobe para 62% se considerarmos apenas o segmento que afirmou ter trabalhado a tempo inteiro durante maior parte do tempo do curso. Não deixa de ser um valor relativamente baixo, atendendo às vantagens que confere este estatuto à conciliação entre o estudo e o trabalho, e que não apresenta uma tendência de crescimento entre as sucessivas coortes em estudo. A ausência deste regime entre estudantes que teriam direito a ele e que lhes providenciaria melhores condições de estudo pode resultar de desconhecimento sobre a sua existência ou de uma decisão individual, eventualmente associada à ausência de benefícios ou a riscos percebidos.

Analisando por grupo etário, é possível observar uma menor incidência do usufruto deste estatuto entre os estudantes mais jovens, o que pode estar associada a uma maior precariedade ou instabilidade laboral. Relativamente às áreas de estudo, as Ciências Sociais e a História e, sobretudo, a Gestão são aquelas em que uma menor proporção de estudantes que trabalham a tempo inteiro afirmam ter beneficiado deste regime.

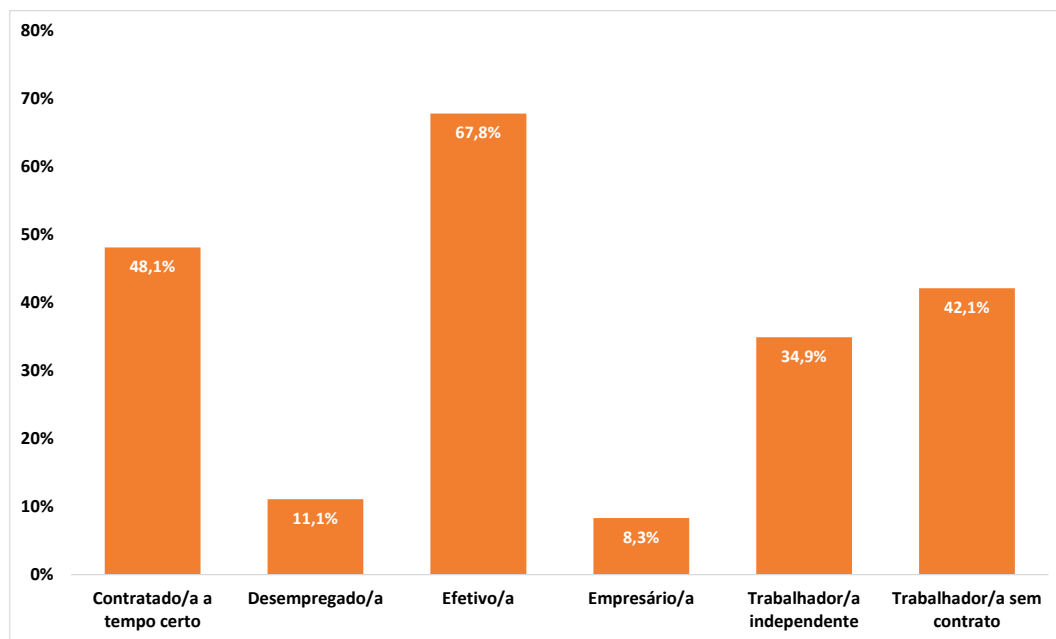


Gráfico 3.6. Estudantes a trabalhar a tempo inteiro integrados no regime de "trabalhadores-estudantes", segundo o seu vínculo laboral

Cruzando o usufruto do benefício com a informação sobre vínculo laboral, podemos observar que o estatuto foi obtido por 67% dos trabalhadores efetivos (contrato permanente ou a termo incerto), enquanto os estudantes em regimes de trabalho por conta própria ou com contratos a termo certo beneficiaram em menor proporção deste estatuto (gráfico 3.6). Por seu lado, o setor de atividade parece ser o elemento mais discriminante no acesso a este estatuto, uma vez que 78% dos trabalhadores da administração pública adquiriram este estatuto, mas o mesmo ocorreu com apenas 42% dos trabalhadores em empresas privadas e 50% em organizações do terceiro setor.

O questionário inclui ainda uma pergunta sobre o local privilegiado em que os diplomados desenvolveram as atividades letivas, durante a licenciatura. Assim, foi possível apurar que a generalidade d@s licenciad@s (96,3%) desenvolveu a maior parte das atividades do curso em sua casa, sendo muito diminuto o número daqueles que o fizeram no seu local de trabalho (1,5%), num espaço ligado à Universidade Aberta (1,1%) ou noutro espaço cívico, comunitário e cultural (1,1%). Estes valores variam pouco durante o período em estudo, ainda que se observe algum crescimento das atividades em espaços cívicos, comunitários e culturais, partindo de valores inferiores a 1% na coorte 2011-2013 até alcançar 3,5% entre @s diplomad@s em 2018.

3.3 Duração da licenciatura

O tempo de conclusão da licenciatura constitui um elemento importante para caracterizar o percurso académico. As licenciaturas estão, atualmente, concebidas para serem concluídas em três anos letivos, sendo, aliás, frequente considerar o tempo real de duração das licenciaturas como um indicador de sucesso, em diversas instituições de ensino superior. Os dados recolhidos mostram que, apesar de se observarem percursos com durações muito variáveis, a maioria dos diplomados da Universidade Aberta (62,9%) concluiu o curso em três ou quatro anos. O grupo etário tem pouca influência nesta dimensão, mas existem diferenças assinaláveis entre as áreas de estudo, sendo o tempo de realização da licenciatura sensivelmente maior nos cursos de STEM (gráfico 3.7).

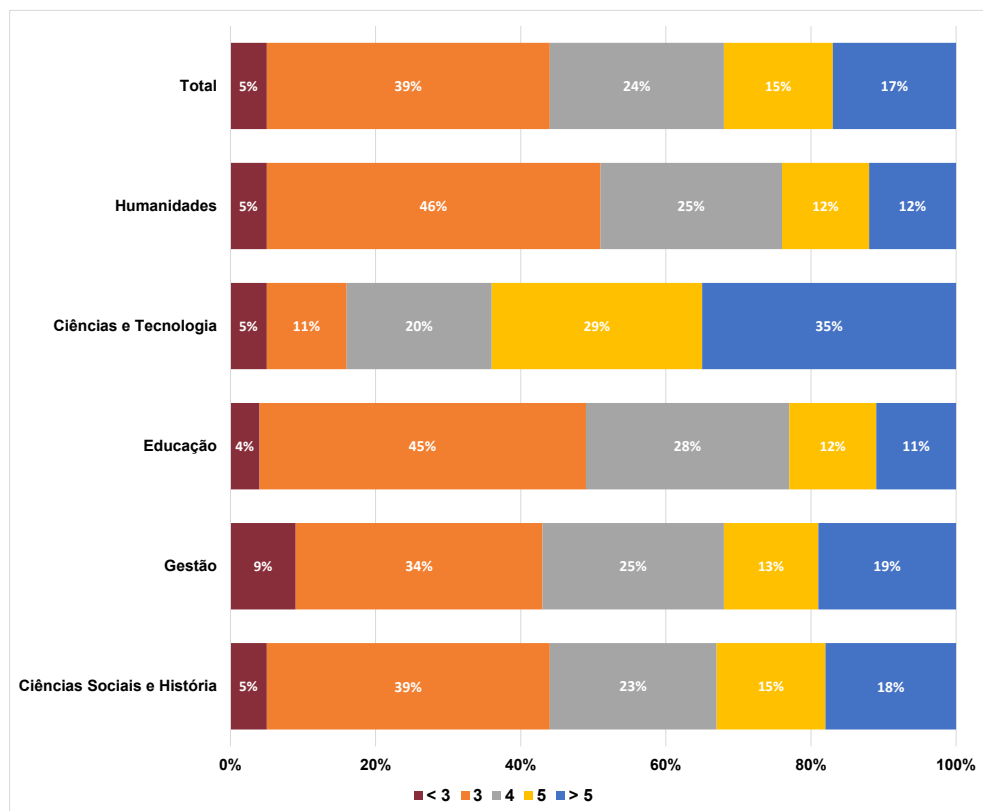


Gráfico 3.7. Proporção dos diplomados da Universidade Aberta, segundo a área de estudos e o número de anos entre o início e a conclusão da licenciatura

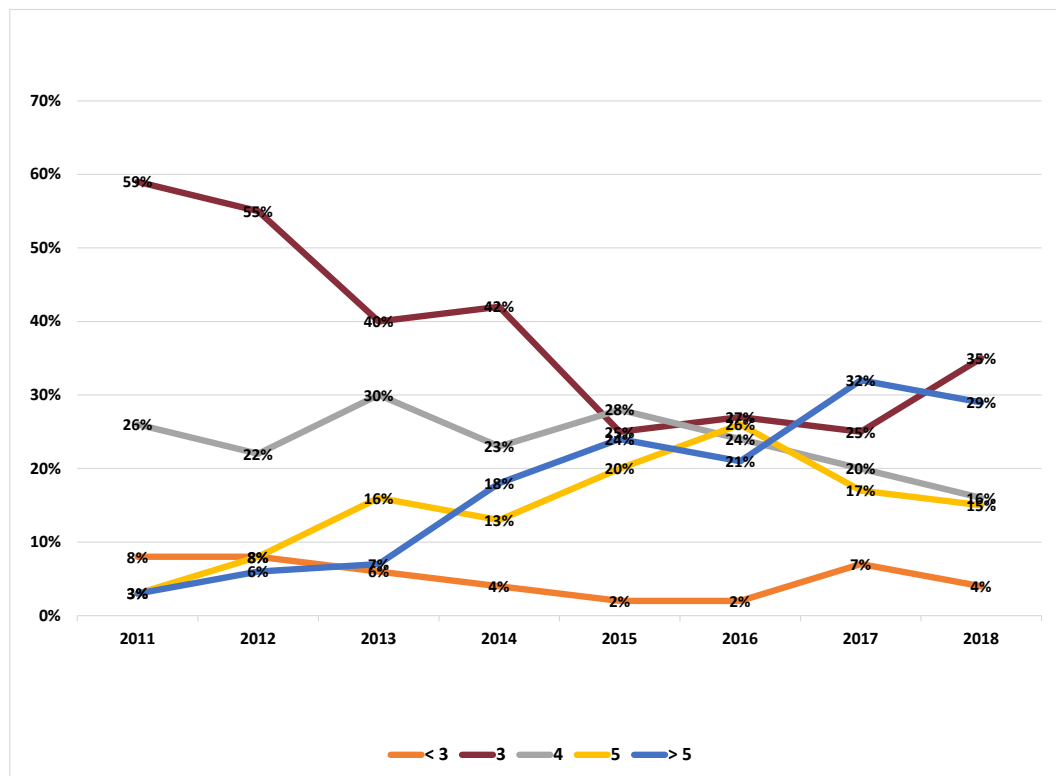


Gráfico 3.8. Número de anos entre o início e a conclusão da licenciatura, segundo o ano de conclusão (%)

Quando observamos a tendência ao longo da década, constata-se que a conclusão da licenciatura em três anos foi a situação mais comum entre @s diplomad@s que terminaram o seu percurso académico no início da década, tendo diminuído a partir de 2015. Em contraste, um dado que não deixa de ser preocupante é a proporção crescente de estudantes que demoram mais de cinco anos a concluir a licenciatura, ainda que esta tendência se inverta em 2018 (gráfico 3.8).

A relevância deste indicador deve ser ponderada, sobretudo em instituições como a Universidade Aberta, tendo em consideração dois motivos, analisados noutros pontos desta publicação. Por um lado, a larga maioria dos estudantes trabalha a tempo inteiro e, portanto, tem um tempo limitado para realizar as atividades de aprendizagem

previstas na licenciatura. Por outro lado, no momento de entrada na licenciatura, muitos estudantes já tinham realizado estudos superiores, tinham experiência profissional e tinham frequentado atividades de formação ao longo da vida, podendo assim obter equivalências a algumas das unidades curriculares do curso, de acordo com o *Regulamento de Creditação de Competências Académicas e Profissionais, Formação e Experiência Profissional* da Universidade Aberta. A maior proporção de diplomados de 2011 a 2013 que acederam à universidade através mobilidade de outra instituição do ensino superior pode, assim, justificar a maior celeridade na conclusão dos seus estudos.

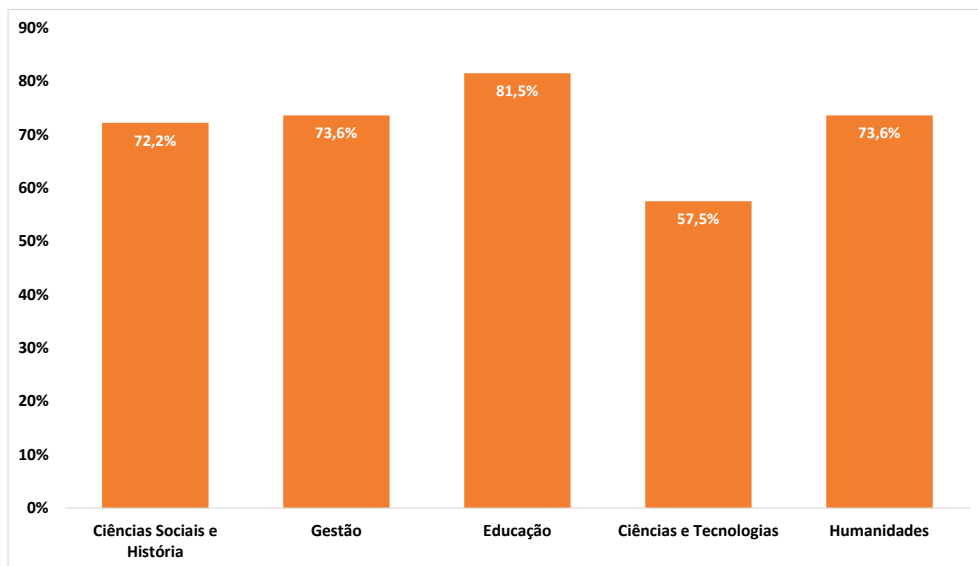


Gráfico 3.9. Conclusão da licenciatura no tempo previsto, segundo a área de estudos (%)

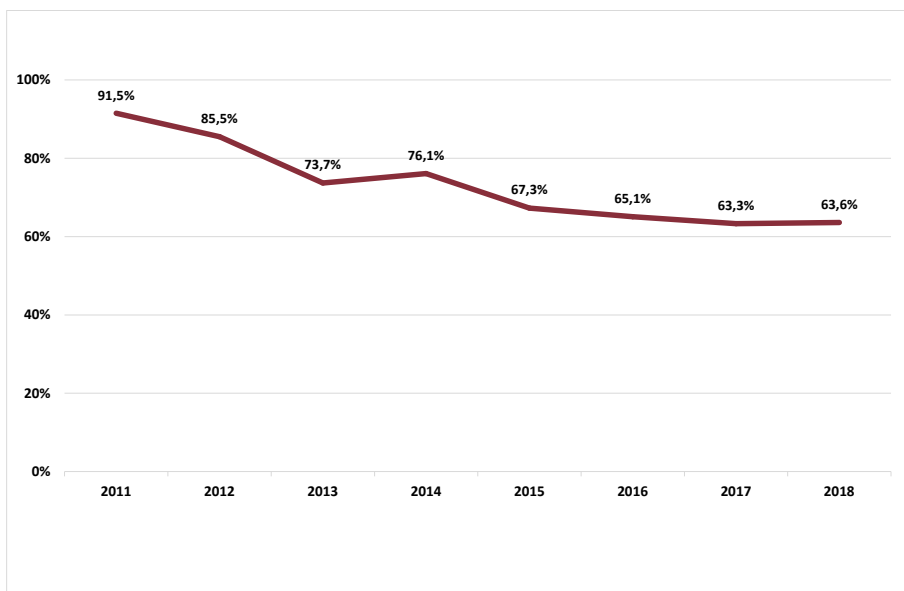


Gráfico 3.10. Conclusão da licenciatura no tempo previsto, segundo o ano de conclusão (%)

Tendo em conta estes dois fatores, o questionário incluiu outra pergunta sobre se os estudantes concluíram a licenciatura no tempo que haviam previsto inicialmente. Tendo em conta este indicador, verifica-se que quase três em cada quatro diplomad@s (73%) concluíram a licenciatura no tempo esperado, ainda que volte a constatar-se um valor mais reduzido nos cursos da área das STEM, em oposição a uma proporção mais elevada no curso de Educação (gráfico 3.9).

Além disso, não deixa de ser preocupante o facto de a conclusão no tempo previsto ter diminuído ao longo da década. Ou seja, mais de 80% dos diplomados em 2011 e 2012 realizaram os estudos na duração que haviam previsto, mas esse valor decresce nos anos posteriores, tendo atingido os 64% entre os diplomados em 2018 (gráfico 3.10), sendo esta uma tendência para a qual importa buscar explicações. Infelizmente, o questionário não incluiu uma questão sobre @s diplomad@s que optaram pela modalidade de “estudo a tempo parcial”, estando prevista a sua inclusão nas próximas edições, de forma a aferir em que medida

esta maior longevidade do curso poderá explicar-se por uma opção consciente dos estudantes, de forma a conciliar os estudos com a vida profissional, familiar e pessoal.

É relevante, por seu lado, que a conclusão no tempo esperado aumente à medida que a idade dos estudantes também avança, o que poderá resultar de uma maior capacidade de alinhar as expectativas iniciais com as possibilidades efetivas, bem como uma maior estabilidade laboral e de vida, nas faixas etárias mais adiantadas (gráfico 3.11).

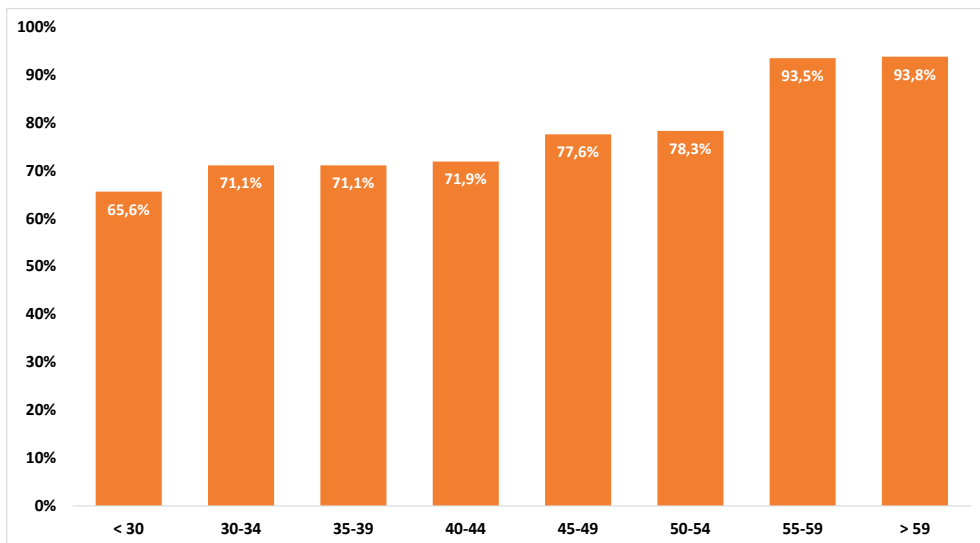


Gráfico 3.11. Conclusão da licenciatura no tempo previsto, segundo o grupo etário (idade no início da licenciatura) (%)

A análise do tempo de duração da licenciatura conjugada com outras variáveis consideradas no estudo aponta para alguns dados surpreendentes: o facto de estar a trabalhar a tempo inteiro não parece ter impacto, seja na duração dos estudos, seja na conclusão no tempo esperado. Por outras palavras, @s estudantes que não estavam a trabalhar a tempo inteiro não conseguiram concluir a licenciatura mais rapidamente, nem sequer previram com maior precisão o tempo que demorariam. Ainda assim, convém ser prudente nesta análise, pois, como se observou anteriormente, mais de 90% d@s respondentes trabalhou a tempo inteiro. Neste sentido, não deixa de ser mais revelador que, efetivamente, dispor do estatuto de trabalhador-estudante constitua um fator que contribuiu para a realização da licenciatura em três a quatro anos, assim como para a conclusão no

tempo previsto (gráfico 3.12). Ao invés, os rendimentos auferidos não têm relação com o tempo de conclusão da licenciatura, seja em termos absolutos, seja em termos da coincidência (ou não) com as expectativas iniciais.

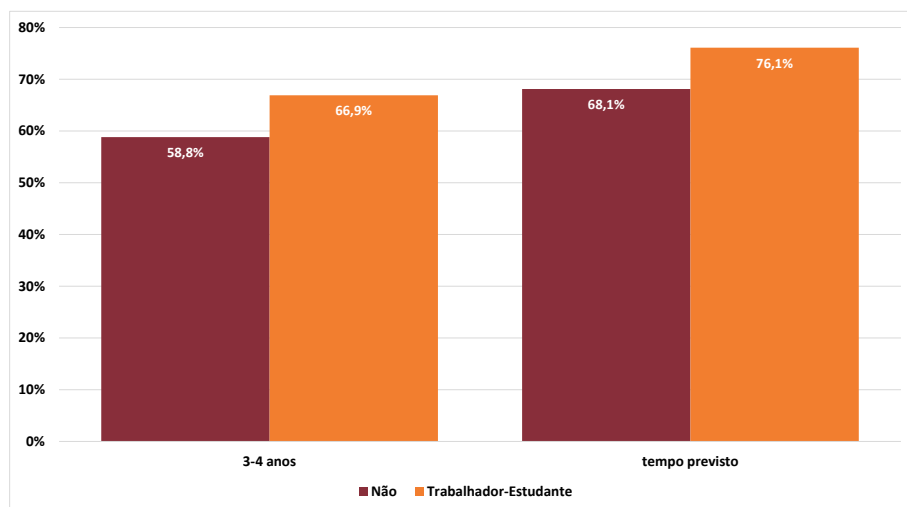


Gráfico 3.12. Taxa de conclusão da licenciatura em 3-4 anos e no tempo previsto, segundo o estatuto de trabalhador-estudante (%)

Por seu lado, o nível de escolaridade anterior tem também algum peso: quanto mais elevadas as habilitações literárias no início da licenciatura, maior a probabilidade de concluir a licenciatura em três anos (gráfico 3.13). O mesmo se observa na capacidade de concluir o curso no tempo inicialmente previsto, o que ocorre com 78% d@s respondentes que já possuíam um grau de ensino superior, 73% d@s que concluíram o ensino secundário nos cursos científico-humanísticos, 69% d@s que o fizeram através de modalidades profissionalizantes e apenas 60% d@s que ingressaram na Universidade Aberta sem ter concluído o ensino secundário.

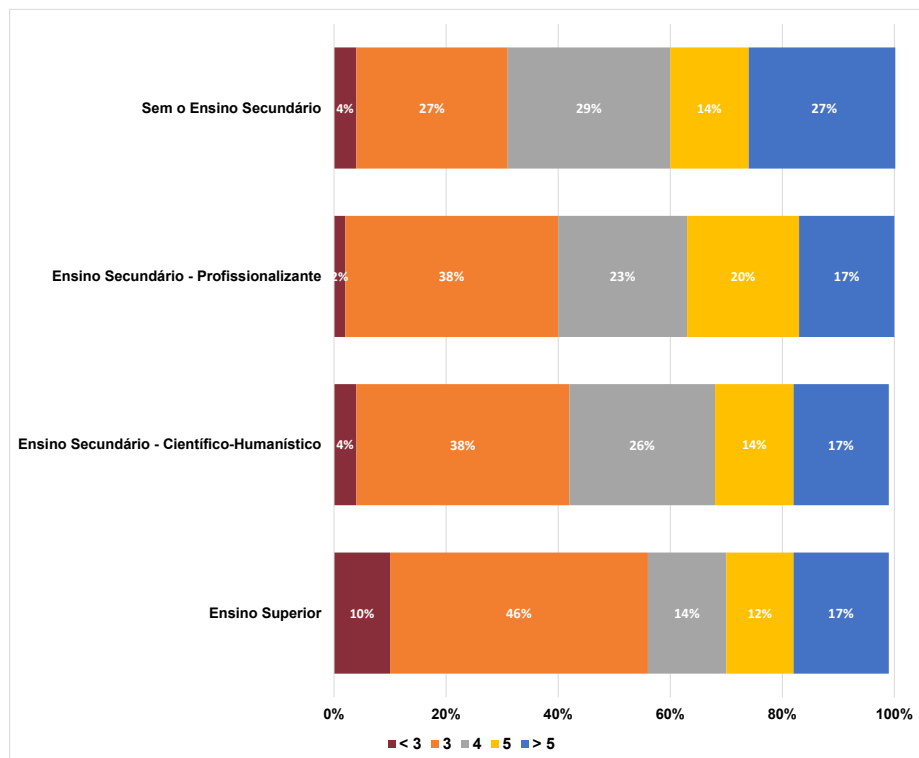


Gráfico 3.13. Número de anos entre o início e a conclusão da licenciatura, segundo o nível educativo no início da licenciatura (%)

É interessante considerar que este efeito de frequência anterior do ensino superior apenas se aplica a diplomad@s que haviam efetivamente completado o grau. Isto é, quem já tinham frequentado o ensino superior sem ter concluído qualquer grau, mesmo com a possibilidade de creditar algumas das unidades curriculares realizadas, não concluiu, em média, a licenciatura em menos tempo do que quem nunca tinha frequentado o ensino superior. Ao nível da conclusão no tempo esperado, os primeiros apresentam até valores inferiores, provavelmente porque teriam a expectativa de concluir os seus estudos mais rapidamente.

Outro aspeto interessante é que a conclusão do ensino secundário através de um processo de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC) se associa a um menor tempo despendido na realização da licenciatura, assim como a uma maior capacidade de conclusão do curso no tempo previsto pelos próprios (gráfico 3.14).

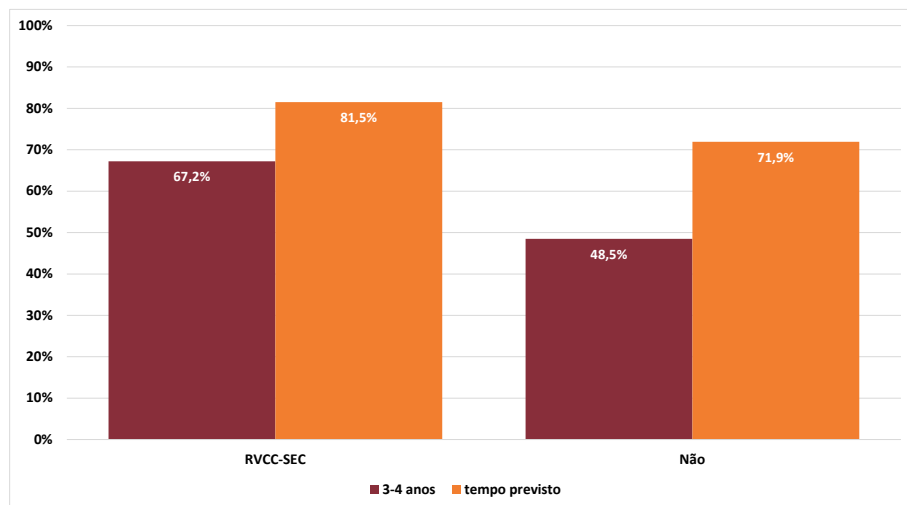


Gráfico 3.14. Duração da licenciatura e conclusão no tempo previsto, segundo a realização de um processo de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC) de nível secundário (%)

A generalidade d@s estudantes que conseguiram concluir a licenciatura no tempo previsto explica este êxito pela sua força de vontade pessoal (88%). A adequação dos conteúdos (55%), a flexibilidade dos espaços e horários de estudo (52%) e o apoio da família (46%) são também apontados como fatores relevantes por cerca de metade d@s respondentes. Por seu lado, o apoio dos colegas (26%), dos docentes (25%) e da entidade patronal (13%) são referidos apenas por uma minoria. De referir, ainda assim, que os aspetos relativos à própria licenciatura, nomeadamente, os conteúdos, a flexibilidade dos tempos e espaços e o apoio dos docentes constituem os fatores com maior progressão entre as três coortes que participaram no questionário, o que aponta para melhorias no trabalho pedagógico da Universidade Aberta (gráfico 3.15).

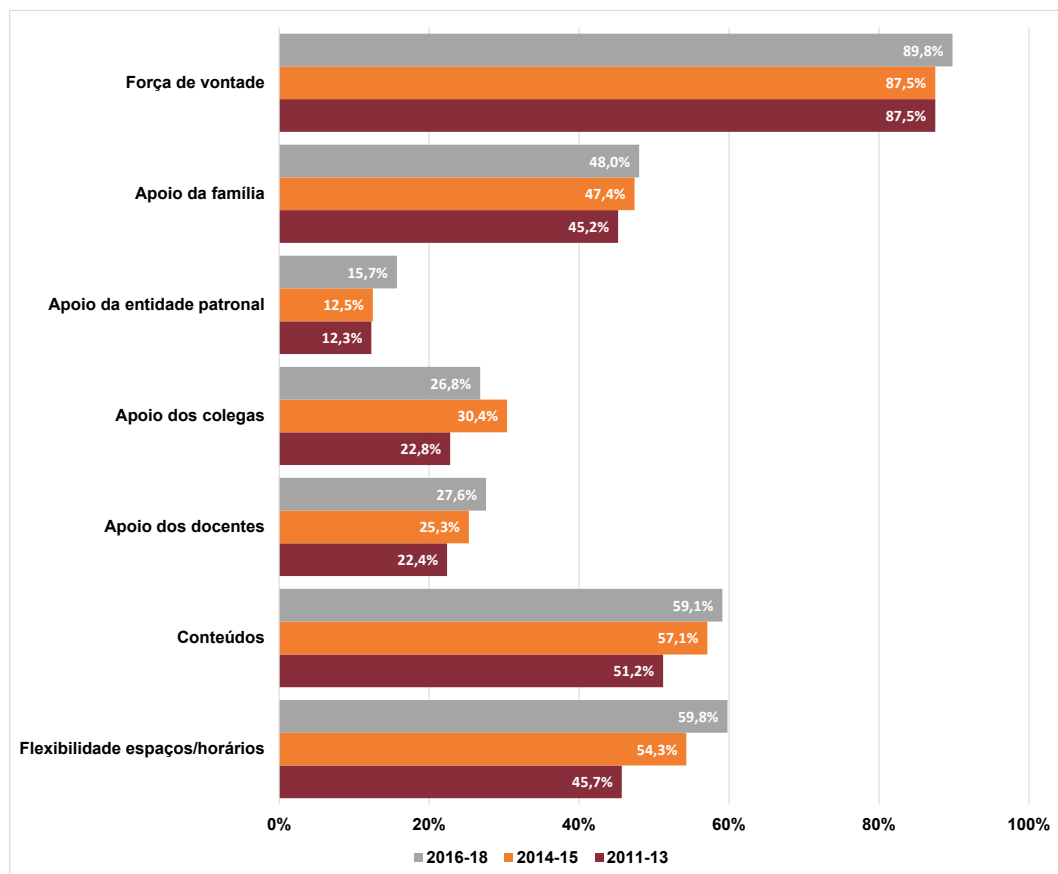


Gráfico 3.15. Motivos para a conclusão da licenciatura no tempo previsto, segundo o ano de conclusão (%)

No segmento daqueles que demoraram mais tempo a concluir o curso do que haviam previsto, os motivos apontados são muitos. As dificuldades de conciliação do estudo com as atividades laborais são o fator mais comum, tendo sido referido por 68% d@s diplomad@s, com alguma flutuação ao longo da década. Por seu lado, as exigências da vida familiar é também um motivo apontado por quase metade (44%) para não ter conseguido concluir no tempo esperado. Os motivos diretamente relacionados com a ação da Universidade registam valores bastante mais baixos, ainda que seja de mencionar a falta de apoio de alguns docentes (14%) e a dificuldade dos conteúdos (10%), sobretudo por apresentarem alguma tendência ascendente

entre as sucessivas edições do questionário (gráfico 3.16).

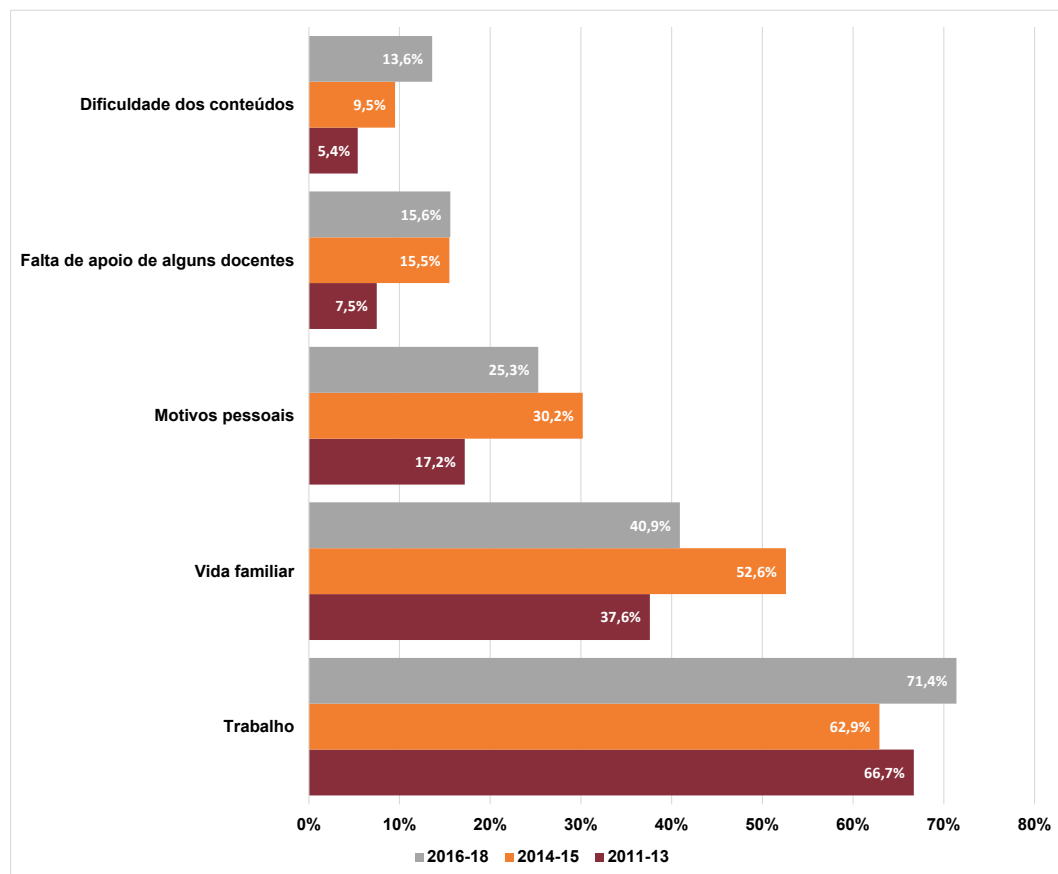


Gráfico 3.16. Motivos para o atraso na conclusão da licenciatura face ao previsto, segundo o ano de conclusão (%)

Em suma, apesar de pequenos progressos, estes resultados não deixam de apontar para um contexto geral de grandes dificuldades, em que a larga maioria dos estudantes trabalha a tempo inteiro, assume responsabilidades familiares e realiza as atividades do curso, em casa, nos seus (escassos) tempos livres, em muitos casos, sem sequer aceder aos benefícios estabelecidos pelo estatuto de trabalhador-estudante. A par dos baixos salários, os quais tornam o trabalho a tempo parcial muitas vezes impossível, este contexto reflete também a pouca relevância que dão ainda a maioria das organizações produtivas à qualificação dos seus trabalhadores, assim como a escassez de espaços comunitários que apoiem este tipo de trajetos académicos, o que implica um maior esforço individual dos próprios estudantes.

3.4 Classificações obtidas

A análise das classificações finais de licenciatura (resultado da média das classificações nas diferentes unidades curriculares), numa escala de 0 a 20 valores, mostra que a larga maioria d@s respondentes (87%) obteve classificações medianas, entre 12 e 15 valores. É possível observar alguma estabilidade das classificações, durante o período em análise, com uma ligeira tendência ascendente, em particular com o aumento gradual, a partir de 2015, d@s diplomad@s com uma classificação final igual ou superior a 14 (gráfico 3.17). Assim, a média das classificações finais manteve-se estável entre 2011 e 2015, mas evoluiu de 13,6 em 2015 para 13,9 em 2018.

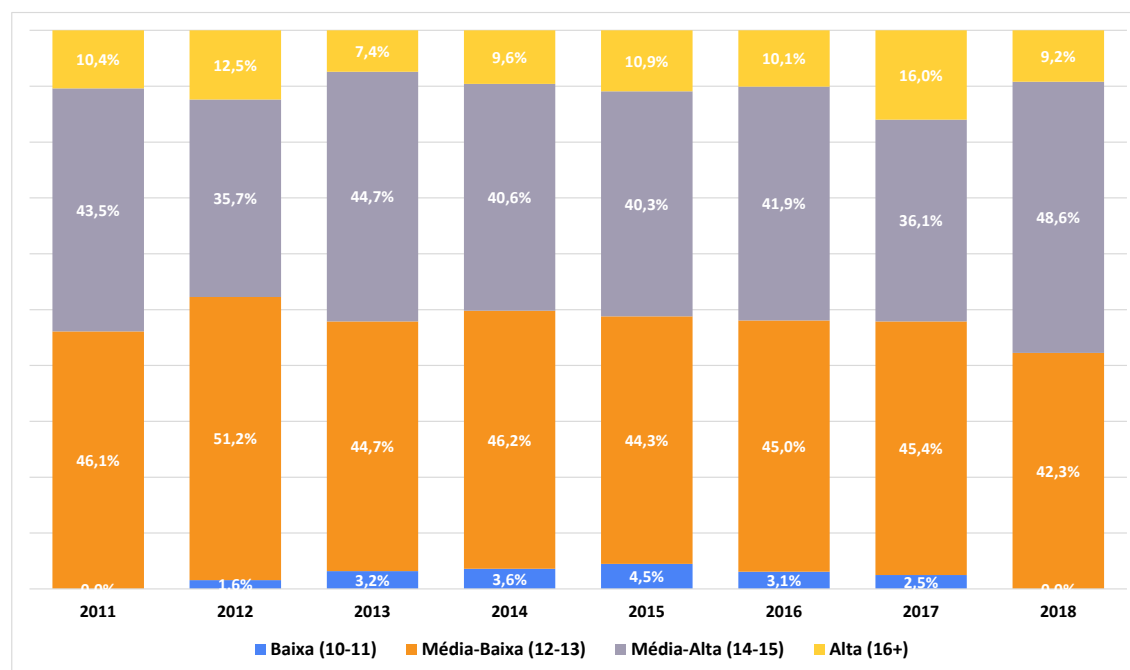


Gráfico 3.17. Classificação final de licenciatura, segundo o ano de conclusão (%)

Quando se cruzam as classificações médias com outras variáveis consideradas no questionário, observa-se que a área de estudos apresenta alguma variação, destacando-se os resultados mais elevados d@s diplomad@s de STEM (14,2) e de Artes & Humanidades (14,1), em contraste com os diplomados de Ciências Sociais e História (13,3) e de Gestão (13,4), com a Educação

numa posição intermédia (13,9). Essa diferença resulta, sobretudo, de uma assimetria nas proporções de diplomados com classificações finais mais elevadas, não sendo tão evidente entre aqueles com resultados mais baixos (gráfico 3.18).

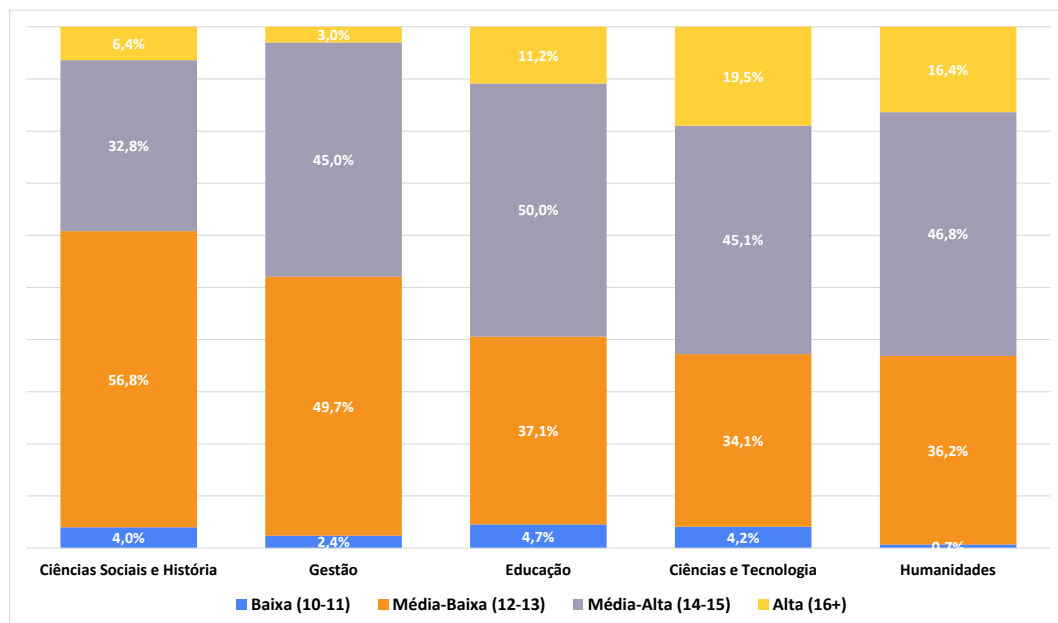


Gráfico 3.18. Classificação final de licenciatura, segundo a área de estudos (%)

A idade parece ter um impacto reduzido nos níveis de aproveitamento dos estudantes, apesar de se constatar uma classificação média ligeiramente superior entre @s diplomad@s que iniciaram a licenciatura já depois de terem cumprido 50 anos. Diferença maior é a que se associa ao nível educativo anterior. Apesar da existência de grande heterogeneidade em todos os níveis, a obtenção de classificações elevadas é mais frequente entre aqueles que já detinham um diploma do ensino superior, sobretudo face aos que não detinham o ensino secundário (gráfico 3.19). Os diplomados do ensino secundário encontram-se numa posição intermédia, com uma pequena vantagem para aqueles que concluíram este nível pelas vias profissionalizantes face aos que concluíram pelos cursos científico-humanísticos (antigos “cursos gerais”).

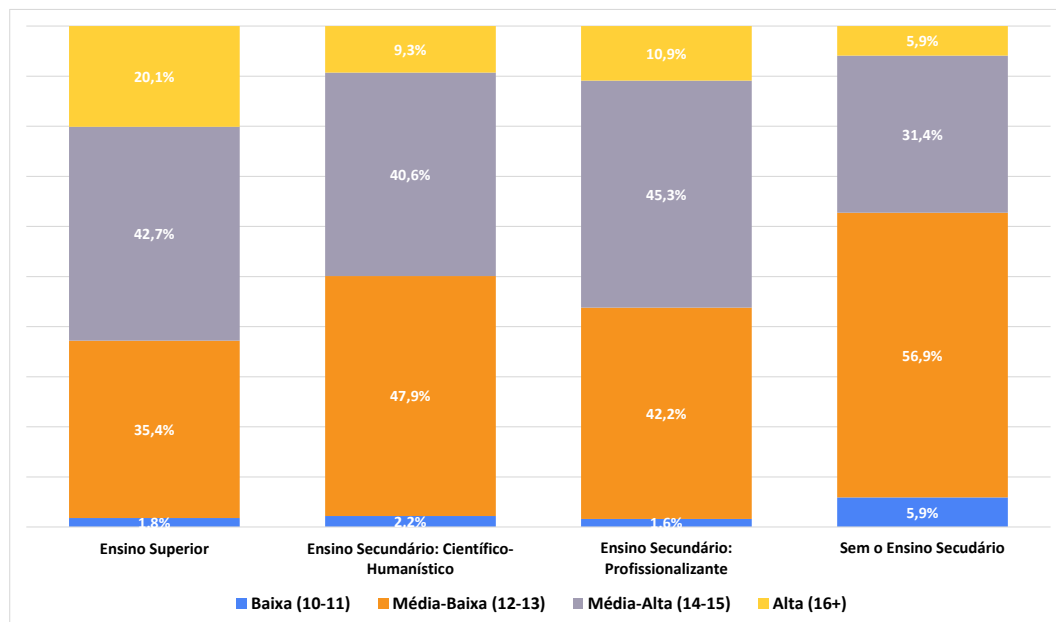


Gráfico 3.19. Classificação final de licenciatura, segundo o nível educativo anterior (%)

Por fim, no que se refere às condições de trabalho e de estudo, @s respondentes que puderam estudar a tempo inteiro, sem responsabilidades laborais e familiares, obtêm classificações finais mais elevadas, com uma grande proporção (43%) acima dos 15 valores, o que efetivamente dá razão àqueles que apresentaram os constrangimentos de tempo como fator central para as suas dificuldades de aprendizagem. Neste sentido, @s trabalhadores a tempo completo foram aqueles que evidenciaram classificações mais baixas (gráfico 3.20).

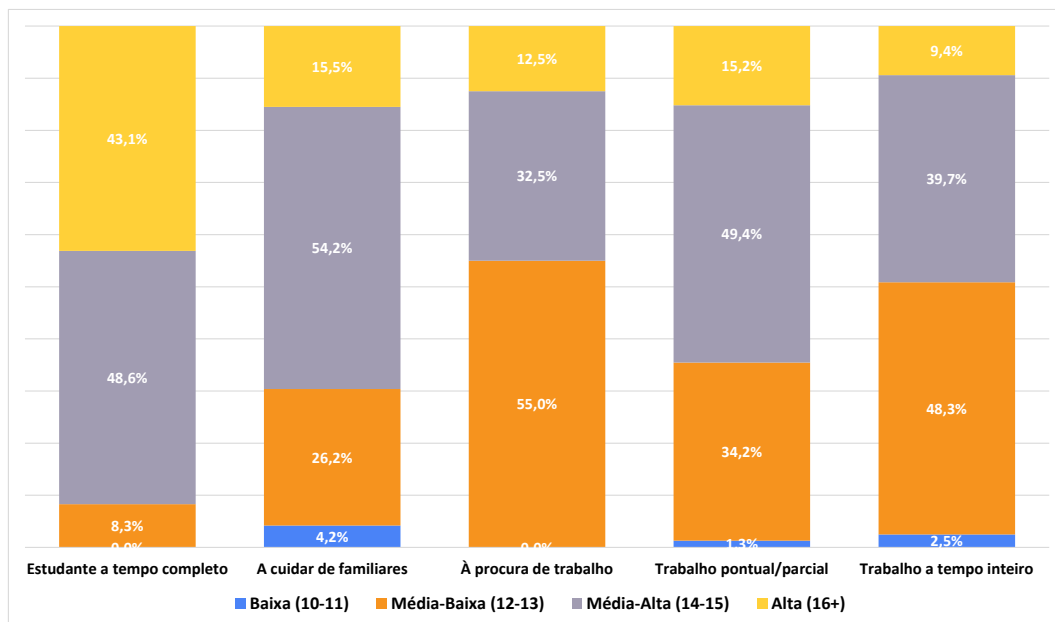


Gráfico 3.20. Classificação final de licenciatura, segundo a situação perante o trabalho (%)

No que concerne à relação com os meios de produção e ao vínculo laboral, as categorias de empresários e trabalhadores independentes apresentam classificações médias um pouco superiores, sendo de destacar que o vínculo de trabalho permanente não se associa a melhores resultados, em comparação com contrato a termo certo. Também ao nível de rendimentos, é possível observar uma classificação média mais elevada entre aqueles que auferem um rendimento mensal acima dos 1500 euros, mas abaixo deste patamar as diferenças são despidientes.

Em suma, as classificações finais obtidas pel@s diplomad@s da Universidade Aberta tendem a ser medianas, apresentando uma ligeira melhoria nos anos mais recentes. Por seu lado, o nível de habilitações anterior e as próprias condições sociais e económicas em que realizaram o curso têm algum impacto no aproveitamento obtido. Mais concretamente, os dados sugerem que o trabalho a tempo inteiro (sobretudo, quando não se dispõe do estatuto de trabalhador-estudante) e os rendimentos médios-baixos constituem obstáculos efetivos à obtenção de classificações mais elevadas ao longo da licenciatura.

4 | BALANÇO DE COMPETÊNCIAS

Neste capítulo apresentamos um balanço das competências adquiridas pelo diplomado, a partir da sua própria percepção, e de acordo com um conjunto predefinido de sete itens que se mantiveram ao longo das três edições do questionário, a saber:

- a satisfação dos estudantes com a frequência dos cursos;
- a percepção sobre o ensino a distância (e online);
- os objetivos adquiridos ao longo dos cursos;
- se a frequência dos cursos serviu como preparação para a vida profissional e em que medida;
- os contributos dos cursos para o desenvolvimento pessoal, profissional e social dos diplomados;
- as percepções sobre a imagem pública da UAb;
- as principais características associadas aos estudantes da UAb.

O balanço de competências configura um instrumento de apoio ao diagnóstico e monitorização das competências mobilizadas ou desenvolvidas por parte dos estudantes que concluem a licenciatura na Universidade Aberta. Trata-se de um exercício dinâmico que assenta no entendimento de competências enquanto capacidades de responder de forma adequada a uma atividade ou tarefa, mobilizando e operacionalizando conhecimentos adquiridos (Guimarães & Barros, 2014; Estêvão, 2005; Castro, 2000).

De uma forma geral, os resultados são coerentes ao revelarem uma tendência consistente e poucas flutuações entre as diferentes edições. Apresentamos os principais resultados organizados por item.

4.1 Graus de satisfação

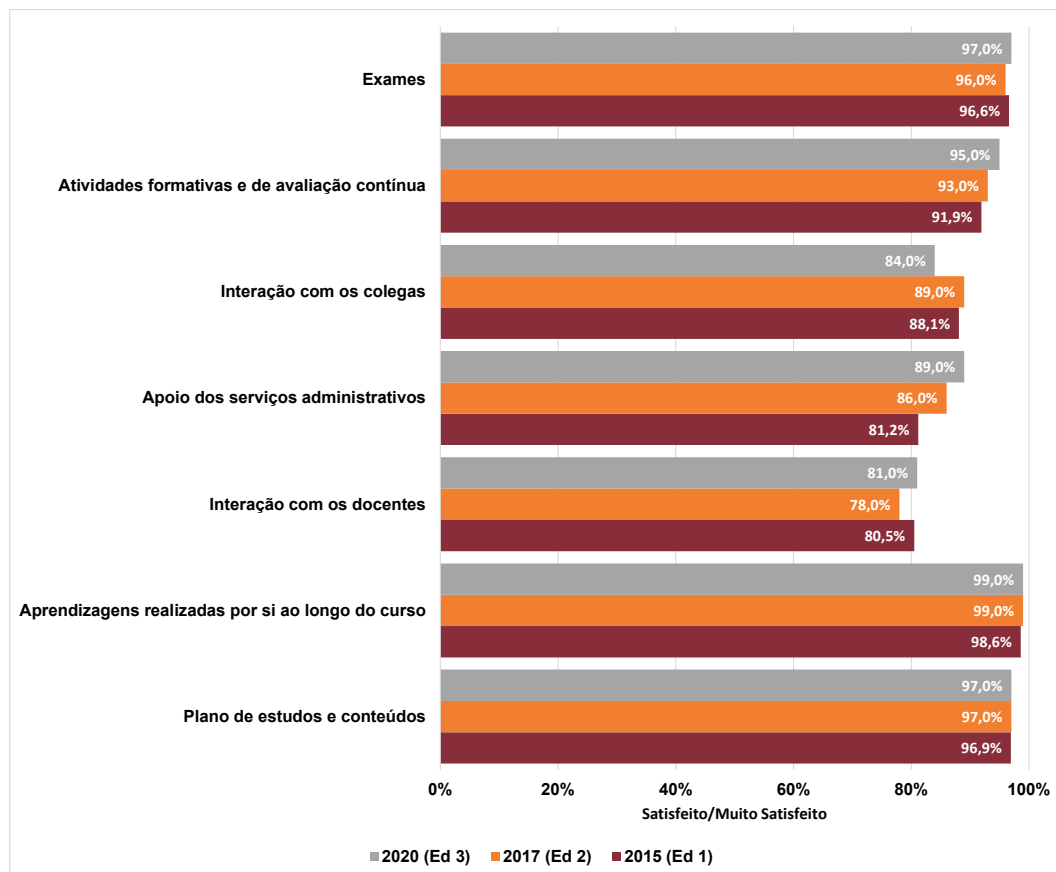


Gráfico 4.1. Grau de satisfação com diferentes dimensões da licenciatura realizada (%)

No apuramento do grau de satisfação com a licenciatura destacam-se, pela positiva, as aprendizagens realizadas durante o curso, seguidas do plano de estudos e conteúdos, com um nível muito elevado (acima dos 90%), somando os graus “satisfeito” e “muito satisfeito”. Embora com valores ligeiramente mais baixos, mas mantendo-se acima dos 80%, evidencia-se a relação com os docentes e o apoio dos serviços da Universidade Aberta. Refira-se ainda que a satisfação com o apoio dos serviços regista uma melhoria continuada e relevante, desde a primeira auscultação (mais 10 pontos percentuais), atingindo os 90% na edição mais recente. Já na interação com os colegas verifica-se um ligeiro decréscimo (Gráfico 4.1). Ainda em destaque aparecem os exames e as atividades formativas e de avaliação contínua, que apresentam valores muito confortáveis, respetivamente entre 96% e 97% e 93% e 95%.

Salientamos dois aspetos que estes números nos permitem analisar e que se prendem com a elevada satisfação com as aprendizagens realizadas pelos próprios estudantes ao longo do curso e a elevada satisfação com os planos de estudo e conteúdos. Um dos principais pilares do modelo pedagógico da Universidade Aberta é a aprendizagem centrada n@ estudante e a sua autonomia no processo de aprendizagem (Mendes *et al.*, 2018; Pereira *et al.*, 2007). Esta «capacidade de o estudante estar consciente e ativamente envolvido na sua própria aprendizagem enquanto interage num ambiente organizado pelo

professor» (Monteiro, Leite & Lima, 2012: 37) favorece, segundo os autores, o desenvolvimento de uma autonomia durante o processo de aprendizagem dos estudantes. O desenho do Plano de Unidade Curricular é feito por forma a potenciar estratégias que permitem desenvolver um conjunto de tarefas e atividades, no decurso dos períodos letivos, respeitando o princípio da flexibilidade. Esta flexibilidade torna possível o estudo a partir de diversos locais e em diferentes horários, permitindo «sair dos 'muros' da universidade e integrar outras vivências, também elas relevantes para o processo de aprendizagem de cada estudante» (Cardoso & Pestana, 2021: 16).

Em suma, este conjunto de itens denota uma satisfação dos inquiridos com a frequência do curso, tanto nos aspetos científico-pedagógicos, como em aspetos relacionais e administrativos, em crescendo ao longo das três edições.

4.2 A percepção sobre o ensino a distância

O Modelo Pedagógico Virtual (MPV®) da Universidade Aberta é flexível e dinâmico, dado que assenta em resultados de investigação produzida sobre a educação digital (Mendes *et al.*, 2018; Pereira *et al.*, 2007). Recentemente, o recurso à educação digital nas dinâmicas pedagógicas foi particularmente intensificado, no contexto dos constrangimentos à circulação das pessoas nos espaços públicos devido à pandemia de COVID-19 (Moreira *et al.*, 2020). Conhecer a satisfação dos diplomados relativamente à frequência de cursos *online* é fundamental para compreendermos a utilidade da plataforma e a componente emocional e relacional que se estabelece nos cenários virtuais de aprendizagem.

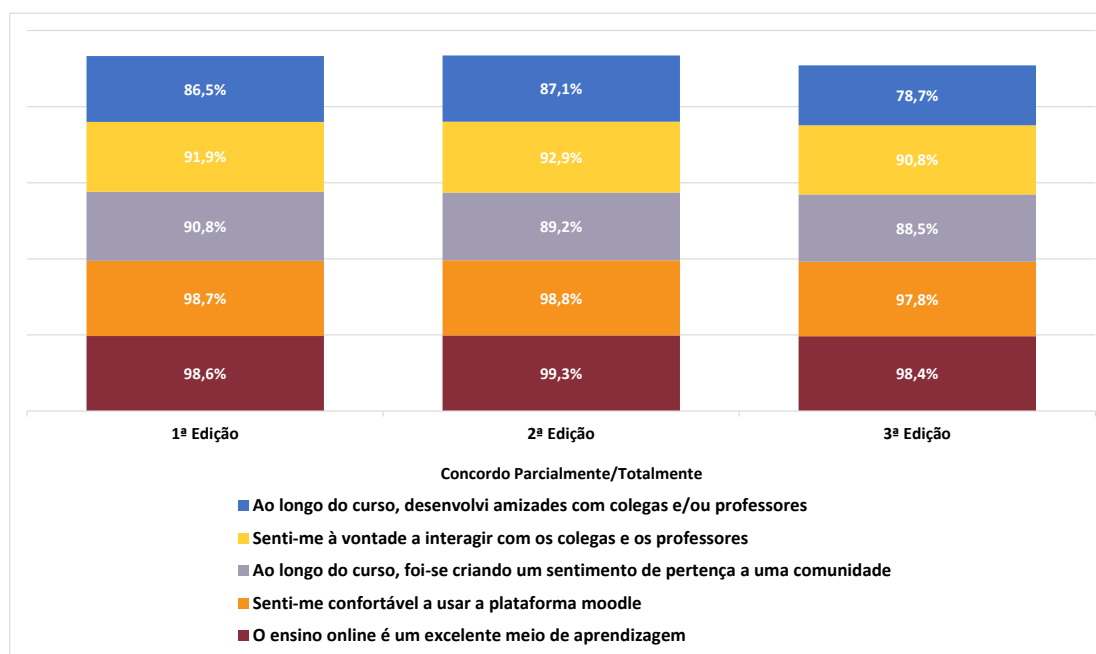


Gráfico 4.2. Grau de concordância com a experiência de Ensino a Distância na UAb (%)

socioemocionais menos favoráveis para a interação que os estudantes tinham durante este período. Ainda assim, importa sublinhar que também neste item o grau de satisfação atinge valores eloquentes.

No que respeita à experiência de educação a distância na Universidade Aberta, os respondentes manifestam elevada concordância com os itens apresentados, a qual se mantém constante ao longo das três edições, sendo particularmente elevada quanto ao ensino *online* enquanto meio por excelência de aprendizagem, seguido do conforto na utilização da plataforma. O desenvolvimento de amizades com colegas e/ou professores é um valor menos elevado nestes dados (gráfico 4.2) e que sofreu um pequeno decréscimo na auscultação de 2020. Esta descida poderá estar relacionada com o contexto da pandemia e as condições

4.3 Objetivos adquiridos ao longo da licenciatura

As respostas obtidas nas sucessivas edições do questionário permitem constatar uma percepção generalizada de ter adquirido um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos, ao longo da frequência do curso. O grau mais elevado de concordância é obtido pela afirmação de que a licenciatura realizada na Universidade Aberta permitiu ampliar a autonomia, a cultura geral e o sentido crítico, notando-se mesmo um ligeiro aumento desta percentagem na última edição do questionário. É igualmente elevada a concordância d@s diplomad@s com a ideia de que o curso concluído contribuiu para o desenvolvimento das capacidades de análise e de síntese.

Porém, ao longo das três edições existe uma ligeira descida em todas as dimensões aferidas, com exceção da autonomia, da cultura geral e do sentido crítico. A maior descida (acima de 10 pontos percentuais) verifica-se no item “aprofundar as competências no uso de tecnologias”. Independentemente desta quebra, a proporção daqueles que reconhecem o desenvolvimento de competências tecnológicas ao longo do curso é bastante elevada.

Sustenta-se, assim, a ideia da literacia digital enquanto uma das principais competências para o desenvolvimento da aprendizagem ao longo da vida e para a participação ativa da cidadania nas sociedades atuais (veja-se, por exemplo, European Court of Auditors, 2021). Jimoyiannis (2015) defende que as pessoas que conseguem entender e usar efetivamente os meios digitais têm maior probabilidade de ser “empoderadas” e de aproveitar as oportunidades educacionais. Desta forma, aumentam as suas possibilidades de obter sucesso em diversas dimensões e atividades da vida social, económica e pessoal.

No entanto, nem todos os autores entendem este conceito de competências digitais de igual forma, pelo menos no que diz respeito à forma como é introduzido. Dias de Figueiredo (2019) refere que quando usamos o qualificador “digital” para separar as atividades digitais de todas as outras, estamos a privilegiar visões técnicas das competências e a ignorar a dimensão humana e social. Isto porque, para o mesmo autor, as competências digitais são fenómenos culturais, políticos e éticos que vão muito além do seu uso instrumental e não devem ser confundidos com conhecimentos. Nesta perspetiva, não faz sentido separar competências digitais de outras, porque estas são culturais e complexas, transversais e multidimensionais (Figueiredo, 2019). Com base nos argumentos deste autor, podemos afirmar que o modelo pedagógico da Universidade Aberta contribui em grande medida para o esbatimento desta instrumentação de competências digitais, na medida em que assenta numa plataforma digital onde a interação e a comunicação exigem aptidões e competências, ao mesmo tempo que o conhecimento

académico tradicional é desenvolvido em domínios específicos. Este modelo pedagógico da Universidade Aberta está, em nosso entender, próximo da conceção de literacia digital proposta por Jimoyiannis (2015), a qual contempla um quadro operacional que mobiliza várias aptidões, competências e atitudes.

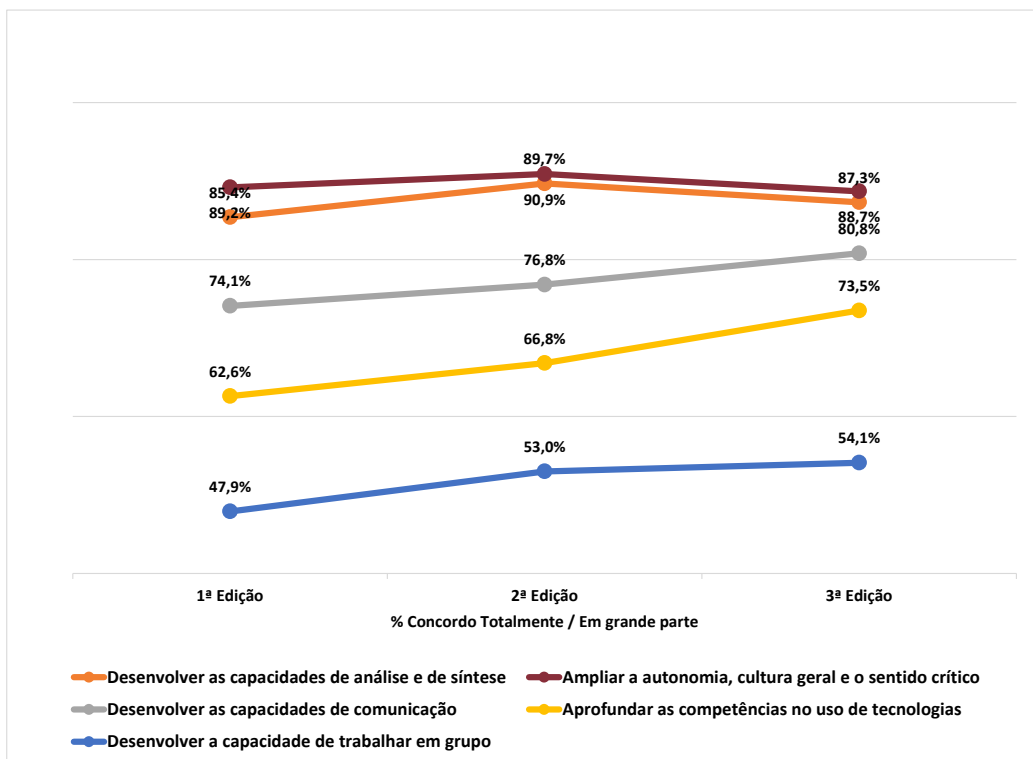


Gráfico 4.3. Medida dos objetivos alcançados com o curso na UAb (%)

Os dados apresentados permitem-nos, assim, concluir que @s licenciad@s da UAb efetivamente valorizam as competências transversais adquiridas ao longo do curso, a par dos conhecimentos e conteúdos específicos das áreas em que se diplomaram (Gráfico 4.3). Uma nota para o facto de a capacidade de trabalhar em grupo ter sido o objetivo menos indicado, apesar de ter atingido um valor bastante expressivo (50,3%).

4.4 Preparação para a vida profissional

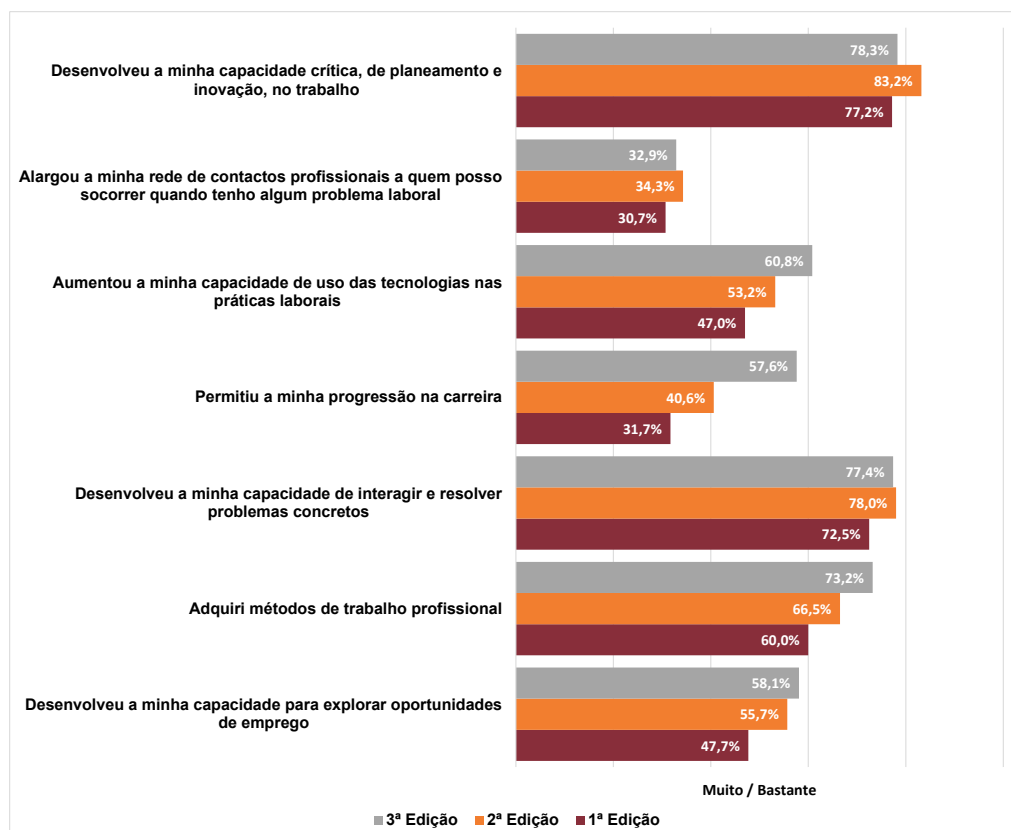


Gráfico 4.4. Preparação para a vida profissional providenciada pela licenciatura na UAb (%)

Enquanto elementos de preparação para a vida profissional providenciados pela licenciatura na Universidade Aberta, @s respondentes destacaram, em maior número, o desenvolvimento da capacidade crítica, de planeamento e inovação no trabalho, sendo que foi curiosamente na 2.ª edição que se verificou um valor mais elevado neste item (83,2%, cg. Gráfico 4.4).

A maioria dos inquiridos (57%) reconheceu que a licenciatura foi relevante para a progressão na carreira. Comparando a evolução temporal, salienta-se um aumento progressivo – acima dos 25 pontos percentuais entre a 1.ª e a 3.ª edições – do reconhecimento do impacto da licenciatura na Universidade Aberta na progressão na carreira. Lembre-se que a progressão na carreira havia sido apontada, por muitos dos diplomados da Universidade, como motivo para o ingresso do curso.

Verifica-se, também, uma satisfação elevada com as competências desenvolvidas na licenciatura enquanto habilidades a transferir para a esfera profissional. O resultado menos expressivo recai no alargamento da rede de contactos profissionais para auxílio, quando surge algum problema laboral, registando-se, no entanto, um ligeiro aumento entre a 1.ª para a 3.ª edições. Saliente-se aqui a tendência já registada genericamente nos outros itens deste capítulo do balanço das competências que é a de uma melhoria na perceção sobre os efeitos positivos da licenciatura, ao longo da última década. Excetuando, como já se referiu, o alargamento da rede de contactos, os restantes itens registam valores elevados entre 60% e 83% (Gráfico 4.4).

O perfil d@s estudantes da Universidade Aberta tem algumas especificidades, nomeadamente porque são adultos, maioritariamente ativos em termos profissionais e socialmente integrados (ver capítulo 2). Esta questão associada à particularidade desta universidade trabalhar com um modelo pedagógico distinto das restantes instituições portuguesas de ensino superior leva-nos a discutir a relação entre a obtenção de grau e os impactos na inserção no mercado de trabalho, com outra amplitude. Pelas suas características, os estudantes da Universidade Aberta, na sua grande maioria, estão empregados após a conclusão do curso. Na realidade, cerca de 90% dos respondentes já estavam empregados à data do ingresso no curso. Ora, trata-se de um cenário consideravelmente diferente dos cenários estudados noutras universidades portuguesas onde a precarização na obtenção de emprego dos recém-licenciados é bastante mais evidente (Alves, 2005; Ramos, Parente & Santos, 2014).

Em termos da perceção dos impactos diretos das licenciaturas no desempenho profissional, passados 1 a 3 anos da sua conclusão, verificamos que os principais impactos positivos se situam ao nível das capacidades individuais de desenvolver melhor trabalho, não sendo tão disseminados ao nível da progressão ou mobilidade no mercado de trabalho. Estes dados podem ser relacionados, em grande medida, com questões político-económicas que têm condicionado o mercado de trabalho português, durante a última década. Além disso, atendendo ao número de estudantes que já estavam empregados e eram efetivos antes da frequência da licenciatura, a estabilidade laboral desse importante contingente de diplomad@s não se pode atribuir à licenciatura, já que a precedia. Ainda assim, cerca de metade dos inquiridos, na última edição do estudo, referiu que o diploma teve efeitos, quer ao nível da progressão de carreira quer na capacidade de explorar novas oportunidades de emprego (Gráfico 4.4). Este tema é mais desenvolvido no capítulo seguinte.

Mesmo entre os inquiridos que não viveram qualquer mudança formal de categoria profissional, uma parte relevante declara exercer atualmente atividades profissionais mais gratificantes. Podemos também concluir que, ao longo das três edições do estudo, a progressão na carreira associada à realização da licenciatura tem vindo a aumentar, o que pode refletir mudanças do ciclo económico e político, mas também que a Universidade tem vindo a reforçar a ligação dos cursos aos contextos de empregabilidade dos seus estudantes e diplomad@s. Se relacionarmos este aspeto com o potencial associado à capacidade de resolução de problemas concretos e de planeamento e inovação no trabalho, reconhecidos como tendo sido desenvolvidos com a licenciatura, identificamos um conjunto de competências de interesse e relevância para os empregadores e para o mercado de trabalho em geral (Sharma *et al.*, 2022; Byrne, 2022).

4.5 Desenvolvimento pessoal, profissional e social

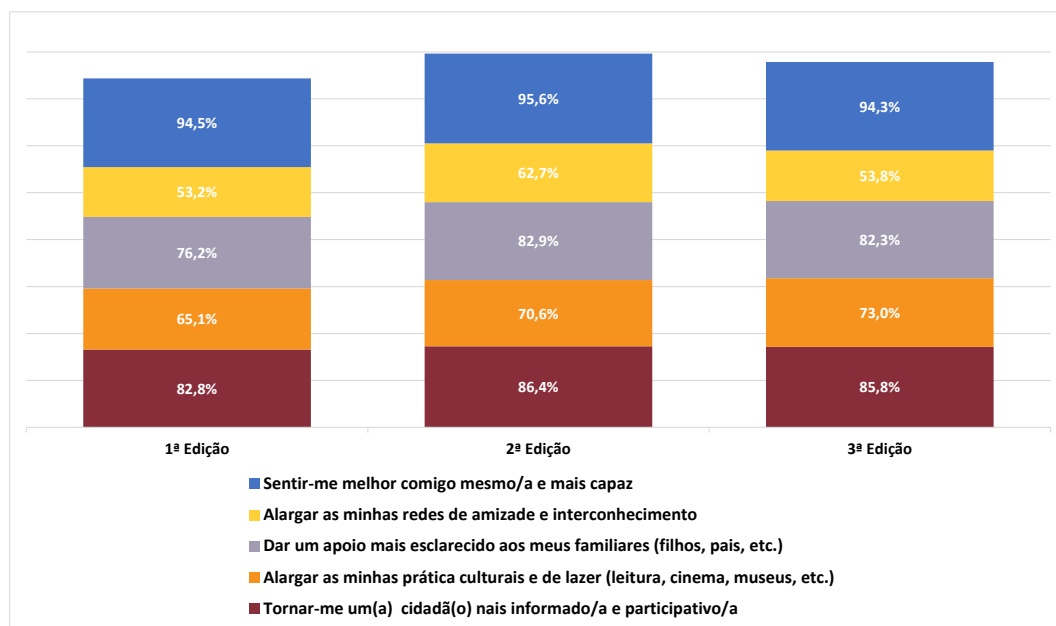


Gráfico 4.5. Contributos da licenciatura na UAb (%)

Sobre os contributos da licenciatura para o desenvolvimento pessoal e social, destaca-se a afirmação de que esta contribuiu para se sentirem melhor consigo próprios e mais capazes, a qual mereceu a concordância de mais de 94% dos diplomados (Gráfico 4.5). Verifica-se, portanto, uma melhoria da sua autoestima e da sua valorização (pessoal e profissional) após a conclusão da licenciatura. Outro aspeto em evidência é a contribuição da licenciatura para a formação de cidadãos mais informados e participativos. Os diplomados manifestam ter consciência da importância do seu papel ativo na comunidade e na sociedade em geral. No âmbito da esfera familiar, a possibilidade de

poder transferir para os filhos e familiares o conhecimento adquirido, dando assim um apoio mais esclarecido é também um aspeto privilegiado, ainda que com um grau de satisfação ligeiramente mais baixo, entre 76% e 82% (Gráfico 4.5).

Uma leitura mais geral destes dados evidencia que, para os diplomados da Universidade Aberta, a obtenção do grau académico contribuiu para elevar a autoestima e também para melhorar a sua vida social, cultural e política. Da comparação mais sistemática da preparação para o trabalho decorrente da licenciatura, há uma nítida melhoria. Significa isto que @s recém-diplomad@s, inquiridos na última edição do estudo, se sentem melhor preparados para as várias dimensões analisadas do que as coortes anteriores. Valerá a pena analisar estes resultados através de uma atenção mais fina aos perfis profissionais e pessoais d@s estudantes e verificar se existem novas hipóteses de interpretação a explorar.

Em Portugal, um segmento alargado das gerações mais velhas mantém-se afastado de percursos escolares mais prolongados e qualificantes, o que tem particular relevância para a caracterização dos contextos socioeconómicos do nosso país (Capucha, 2018). A inserção destas populações em programas de estudos superiores, nos quais integram a sua experiência profissional, pode ter impactos significativos para o seu desenvolvimento profissional e aprendizagem ao longo da vida, bem como para a modernização e qualificação das organizações produtivas e das comunidades (Conselho da União Europeia, 2021). A possibilidade de realizar este aumento de qualificações em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem configura um cenário particular para enquadrar a discussão dos dados relativos aos diplomados da Universidade Aberta. Ou seja, a possibilidade destes estudantes mais velhos e já inseridos no mercado de trabalho poderem aceder, de modo flexível e assíncrono, a processos de aprendizagem para melhoria das suas qualificações está a potenciar novas estratégias e cenários que desafiam as instituições de ensino superior a desenvolver ofertas formativas em ambientes digitais (Comissão Europeia, 2020).

Podemos, assim, considerar a educação a distância como parte de um processo *holístico* onde se desenvolvem aptidões e competências de natureza social, académica e tecnológica, entre outras, que promovem, favorecem e facilitam a participação de adultos no processo de aprendizagem ao longo da vida (Neves & Henriques, 2020).

Durante as três edições deste estudo, torna-se evidente que os diplomados da Universidade Aberta reconhecem que as competências adquiridas ao longo do curso foram capitalizadas como uma forma de capacitação pessoal que lhes permite aproveitar as oportunidades educacionais, de forma mais flexível e adaptável. Através deste processo de aprendizagem flexível e adaptável à vida pessoal, profissional e social dos estudantes, evidenciado por estes dados, fica claro que para além das competências específicas previstas em cada curso, @s licenciad@s reconhecem ter desenvolvido não só competências digitais, mas também competências transversais passíveis de ser mobilizadas em diversos contextos da vida, com significativo impacto pessoal, social e profissional.

4.6 A imagem pública da Universidade aberta

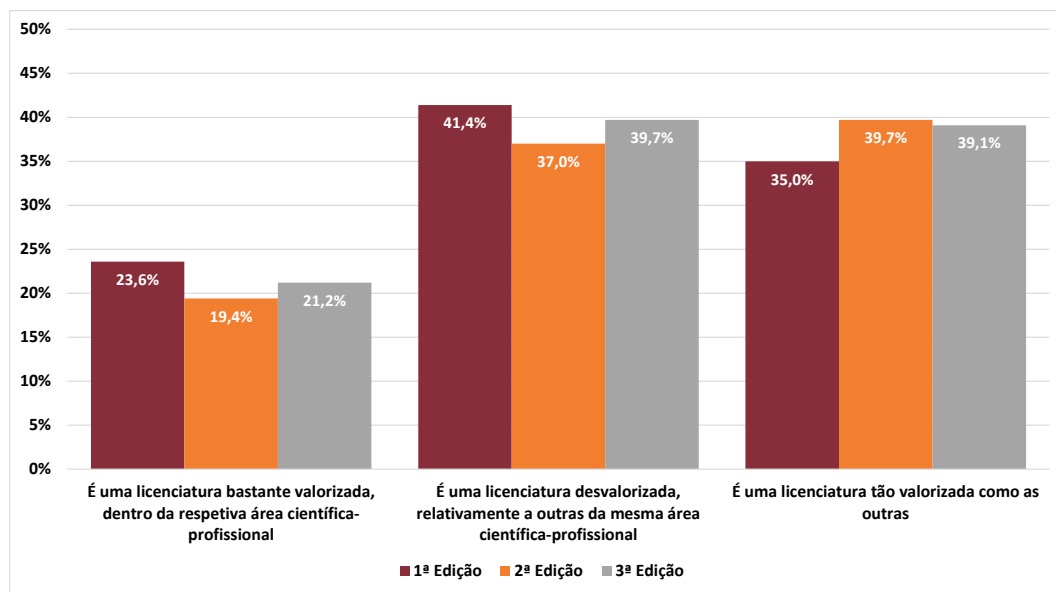


Gráfico 4.6. Percepção geral da licenciatura na UAb (%)

No que se refere à percepção pública das licenciaturas da Universidade Aberta, @s respondentes dividem-se entre os que a consideram tão válida como outras e os que a desvalorizam (Gráfico 4.6). Ainda assim, destaca-se uma percentagem relevante que considera tratar-se de uma licenciatura bastante valorizada dentro da respetiva área científica e profissional. Neste ponto, e considerando as respostas das três edições do estudo, não se verifica nos diversos indicadores a mesma tendência de um aumento gradual. No entanto, as diferenças oscilam pouco, o que permite manter a interpretação dada ao longo das três edições.

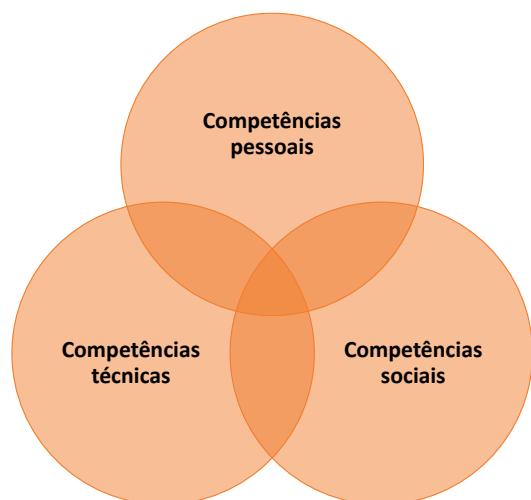


Gráfico 4.7. Características de um licenciado na UAb

Por fim, as características que os respondentes associam a um licenciado da Universidade Aberta – recolhidas através de uma pergunta aberta em que cada um pode colocar os adjetivos que considerava mais adequados – podem, de modo consistente nas três edições do estudo, agrupar-se em três grandes categorias (Henriques et al., 2020), representados no Gráfico 4.7.

A primeira categoria agrega as características que remetem para aspetos mais relacionados com o indivíduo e a sua margem de ação. Como ilustração, refira-se que vários d@s respondentes afirmaram que @ licenciad@ da instituição é “resiliente”, “focado”, “autónimo”,

“dinâmico”, “eficaz” e “eficiente”. As competências técnicas remetem para um segundo conjunto de capacidades particularmente adequadas ao mercado de trabalho e ao exercício profissional. Neste âmbito, um licenciado da UAb é “detentor de conhecimentos científicos e digitais atualizados”, revela “capacidade de resolução, de trabalho e de colaboração”, com “capacidade de gestão do tempo e de organização”. Finalmente, as competências sociais remetem para uma dimensão percebida e partilhada da imagem do diplomado desta universidade (e do ensino a distância em geral), em comparação com os de outras instituições, nomeadamente, o facto de serem “mais velhos”, “profissionalmente ativos” e com “responsabilidades familiares” ou o facto de “nem sempre verem o seu esforço (e o diploma) reconhecido e valorizado”.

A concluir este balanço de competências, apresentamos os resultados da análise de conteúdo realizada sobre as mensagens que @s licenciad@s deixaram acerca da experiência na UAb e o respetivo efeito na sua vida. Os aspetos mais referidos nestas mensagens remetem para a valorização pessoal e profissional, destacando a utilidade e mais-valias da frequência do curso e do reforço das qualificações em termos da cultura geral, capacidades de gestão do tempo e organização, assim como do reforço das oportunidades de emprego e carreira.

São referidos também aspetos relacionados com os métodos de trabalho e o regime de ensino, em particular, a aquisição de ferramentas que decorrem do facto de o curso ser frequentado a distância, seguindo o Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta. Nomeadamente, a autorregulação, a persistência, a flexibilidade e o envolvimento. Grande parte destas mensagens expressa de modo transversal uma satisfação e até gratidão para com a UAb, na medida em que lhe associam a realização de um sonho, assim como a melhoria das condições na profissão e salariais, da autoestima e autoimagem e uma certa valorização social.

5 | IMPACTOS NOS PERCURSOS DE VIDA E DO TRABALHO

Neste capítulo, abordam-se os resultados relativos aos impactos da Universidade Aberta no percurso laboral e em outras dimensões da vida, tendo por base tanto algumas variáveis objetivas como as perceções d@s inquirid@s.

5.1 Situação profissional

Os dados relativos à condição perante o trabalho, entre 1 e 3 anos após a conclusão da licenciatura, revelam que apenas num pequeno número de casos houve uma transformação face à condição no início da licenciatura (Gráfico 5.1). Este fenómeno é observável nas três edições do questionário e era já expectável, uma vez que a grande maioria d@s diplomad@s já trabalhava a tempo inteiro e com um contrato a tempo indeterminado quando ingressou no curso.

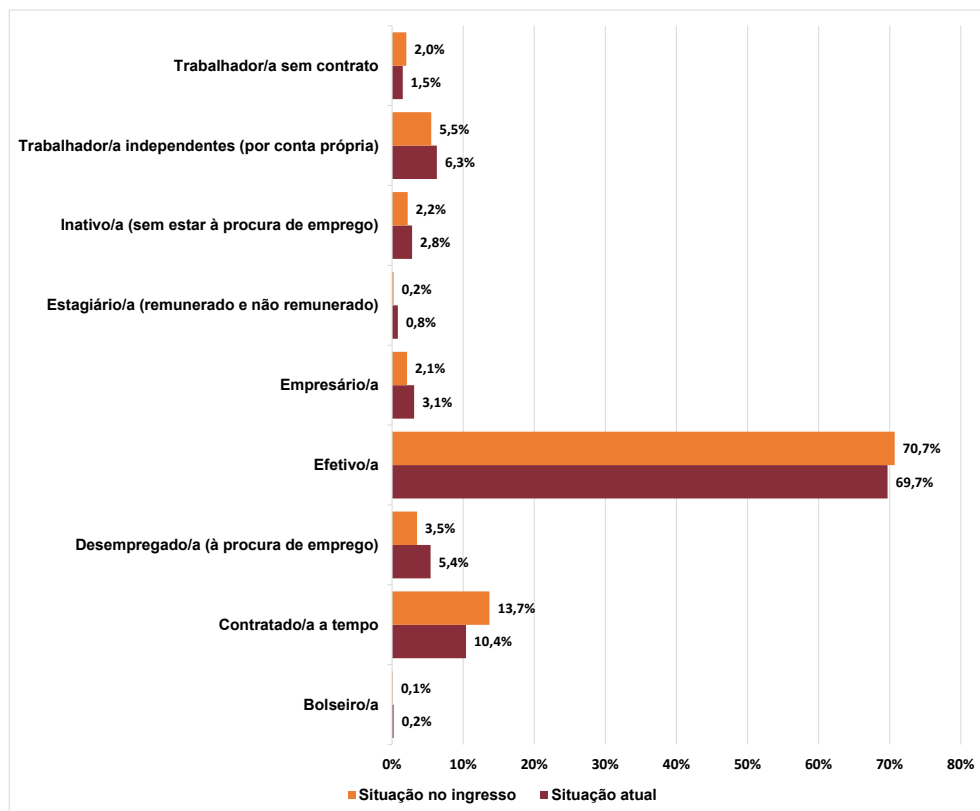


Gráfico 5.1. Situação profissional, no início da licenciatura e após a sua conclusão (%)

Tentando ilustrar a evolução ao longo das edições, representam-se os resultados no Gráfico 5.2. Observa-se que as condições perante o trabalho têm algumas diferenças, nomeadamente, a situação profissional de “efetivo” (contrato sem termo) mantém-se dominante ao longo das edições, mas reduz o seu peso na última edição. Por contraste, a situação de contratado a tempo certo apresenta um valor mais alto na última edição, na situação profissional atual. Podemos ainda observar que a situação atual de “desempregado, à procura de emprego” também é mais alta na terceira edição.

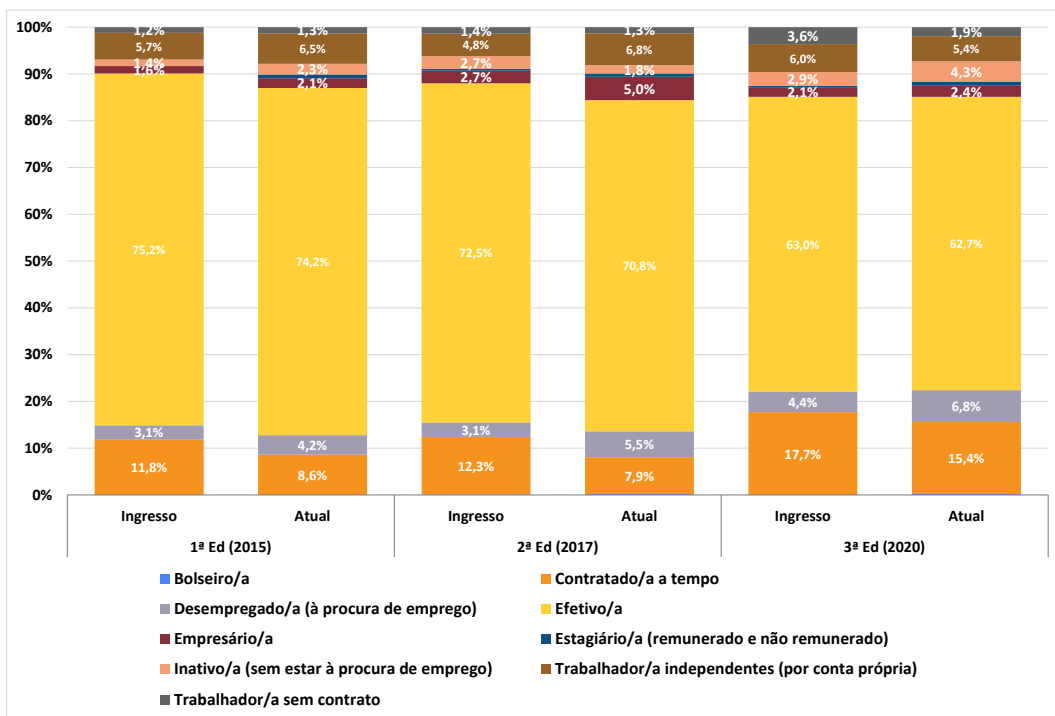


Gráfico 5.2. Situação profissional no início da licenciatura e após a sua conclusão, por edição do questionário (%)

Face ao início da licenciatura, os resultados demonstram uma muito ligeira redução (0,3%) na percentagem de efetivos, redução de 2,3% nos contratados a tempo certo (de 17,7% para 15,4%) e um aumento na situação de desempregado à procura de emprego (de 4,4% para 6,8%). Este último indicador reflete um aumento mais expressivo do que na edição anterior. Também se constata um ligeiro aumento na categoria de trabalhador independente e de empresários.

Além de eventuais situações de aposentação e de despedimento para procura de um emprego melhor, é provável que esta situação reflita já um efeito do período mais grave da crise económica vivida em Portugal, nos últimos anos, pois a aplicação da 3.ª edição do questionário coincidiu com o período de confinamento resultante da pandemia de COVID-19.

Simultaneamente, o facto de haver um aumento das categorias de trabalhador por conta própria e de empresário parece indicar que alguns d@s licenciad@s alteraram o seu perfil profissional e uma das hipóteses pode ser a decisão pessoal de abraçar desafios mais ambiciosos e com maior autonomia profissional. Também poderão estar aqui cobertas as situações de passagem à situação de reformado, o que pode elevar ligeiramente o peso relativo das restantes categorias. Em todo o caso, a larga maioria já era efetiva quando ingressou na licenciatura e permanece nessa situação (70,8%).

5.2 Categorias profissionais e natureza jurídica das organizações

Atendendo à situação particular dos e das estudantes da Universidade Aberta, em que a maioria é trabalhador(a), interessa-nos perceber qual o impacto da obtenção do diploma nas carreiras profissionais. Assim foram apresentados no questionário grandes grupos de profissões, de acordo com a Classificação Nacional de Profissões, publicada pelo Instituto Nacional de Estatística, em 2010, quer para as profissões desempenhadas à entrada da licenciatura, quer após a conclusão do curso.

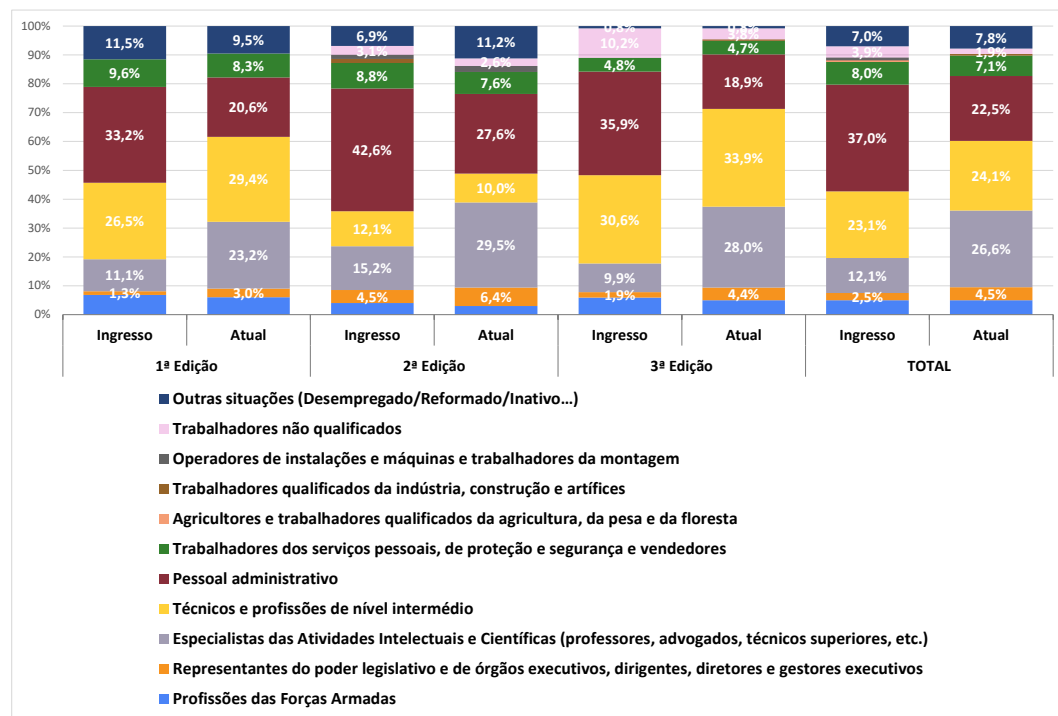


Gráfico 5.3. Profissão no início da licenciatura e após a sua conclusão (%)

As profissões desempenhadas à entrada e à data do inquérito licenciatura concentram-se entre três grupos, nas três edições do inquérito (Gráfico 5.3): o grupo do «pessoal administrativo» o mais representado em todas as edições à entrada do curso; o grupo dos «Técnicos e Profissões de Nível Intermédio» e os «Especialistas de atividades intelectuais e científicas». Comparando o momento à entrada do curso com a situação atual, verifica-se que o grupo do «pessoal administrativo» reduziu o seu peso substancialmente, e o grupo dos «especialistas de atividades intelectuais e científicas» conheceu uma evolução oposta, apresentando um aumento superior a 10 pontos percentuais em todas as edições do inquérito.

Verifica-se ainda uma redução da percentagem do grupo dos «trabalhadores não qualificados», mais expressiva na 3ª edição, de 10% para 3,9%, o que é um indicador importante de mobilidade socioprofissional associado à obtenção do grau.

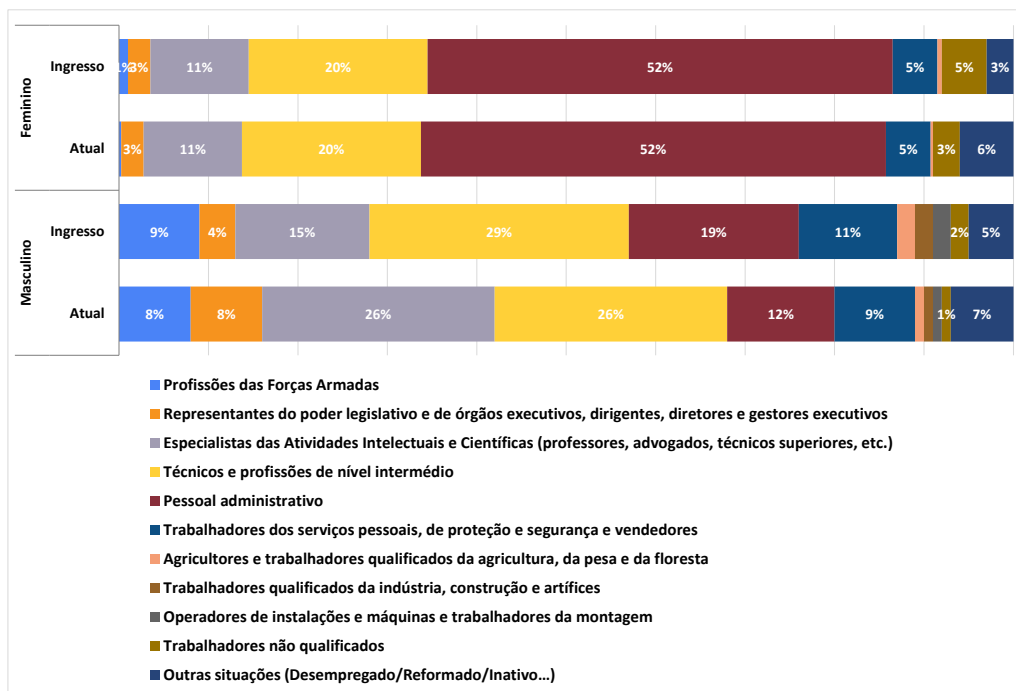


Gráfico 5.4. Profissão no início da licenciatura e após a sua conclusão por género (%)

Realizada uma análise das alterações das profissões segundo o género, verificam-se algumas diferenças nos perfis (Gráfico 5.4). O género feminino apresenta as alterações mais assinaláveis: parte de uma situação inicial concentrada nas categorias de «pessoal administrativo» (52%) e «técnicos de nível intermédio» (20%), alterando-se para uma concentração mais equilibrada em três categorias de profissão: «pessoal administrativo» (32%), «especialistas de atividades intelectuais e científicas» (29%) e «técnicos de nível intermédio» (22%). As alterações no género masculino refletem-se essencialmente no crescimento da categoria «especialistas de atividades intelectuais e científicas» (de 15% para 26%) e na redução da categoria «pessoal administrativo» (de 19% para 12%).

Quanto à natureza jurídica da entidade na qual exercem atualmente as suas atividades profissionais, a organização de administração ou empresa pública apresenta a percentagem mais elevada (58,3%), em comparação com o período do início da licenciatura (51,5%) e permanece maioritária nas três edições do inquérito (Tabela 5.1). Constatam-se que na terceira edição do inquérito a percentagem de respondentes afetos ao terceiro setor é a mais elevada (8,1%). Uma explicação plausível é ser um efeito da melhoria da situação económica após a grande crise internacional de 2008.

Tabela 5.1. Regime jurídico da organização à entrada e atual do licenciado e da licenciada da UAb

	1ª Edição		2ª Edição		3ª Edição	
	Inicial	2015	Inicial	2017	Inicial	2020
3.º sector (ONG, associação, coop., fundação, etc.)	ND ¹	7,3%	5,0%	5,9%	7,9%	8,1%
Administração ou empresa pública	ND	65,6%	61,0%	58,6%	51,5%	58,3%
Empresa privada	ND	27,1%	34,0%	35,5%	40,5%	33,6%

¹ O questionário da primeira edição não contemplou a pergunta sobre o regime jurídico da organização no início do curso.

5.3 Rendimentos

A análise da distribuição global do rendimento líquido mensal entre o período de entrada na licenciatura e a data da aplicação do inquérito pode ser observada no Gráfico 5.5, para a amostra agregada das três edições do inquérito. As categorias de rendimentos mais elevados passaram a ter mais peso: na categoria “mais de 1500 euros”, houve um aumento de 13,5% para 17,4%; e na categoria “1000-1500 euros”, um crescimento de 21,8% para 30,2%. A categoria “750-1000 euros” apresenta valores próximos, mas não deverá representar os mesmos indivíduos, sendo provável ter ocorrido uma transferência das categorias de rendimentos mais baixos, que diminuíram o seu peso (efeito “escada rolante”). Com efeito, categoria de “500-750 euros” diminui substancialmente, passando de um peso de 29,9% para 18,9%.

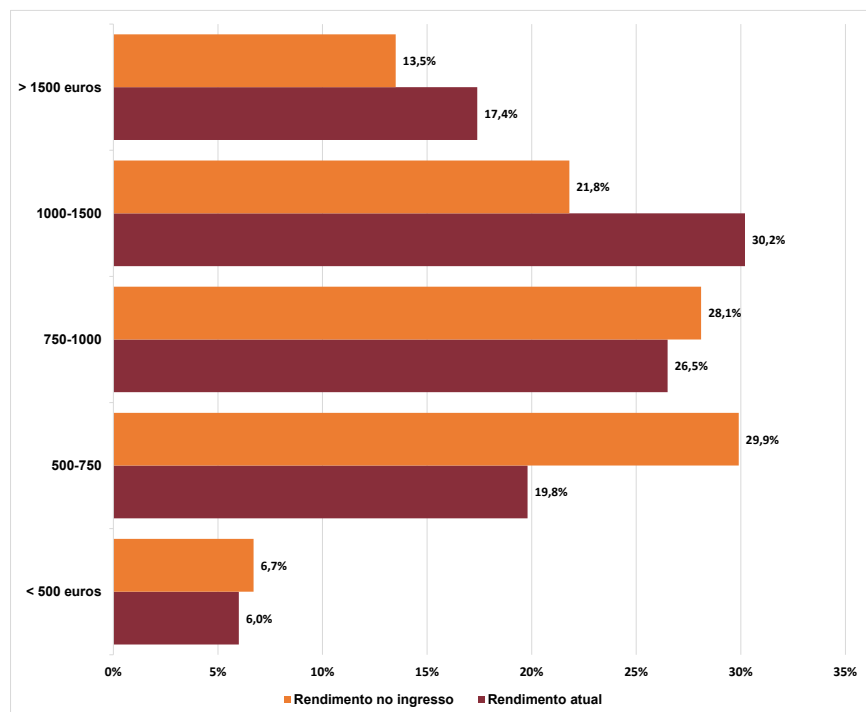


Gráfico 5.5. Rendimento no início da licenciatura e após a sua conclusão (%)

Comparando as três edições (Gráfico 5.6), constatam-se alterações globais do padrão do rendimento dos diplomados, que são mais significativas na terceira edição. Com efeito, reduz-se o número de indivíduos que se encontrava nas classes de rendimento mais baixas e aumentam nas classes de rendimento mais elevados. Esta evolução é mais patente na terceira edição do inquérito e pode, em parte, ser explicada pela progressão regular nas carreiras, acentuada pela retoma do emprego e pela revogação, em 2016, dos cortes salariais e “congelamentos” na administração pública que haviam sido decretadas nos anos anteriores. Ainda assim, poderá igualmente refletir um impacto positivo da licenciatura realizada na Universidade Aberta, em particular, através do contributo da obtenção do diploma para uma progressão na categoria profissional (Bolfo e Melacarne, 2019). Tratando-se de uma década em que a inflação foi praticamente residual, este aumento representou efetivamente uma melhoria das condições de vida deste segmento da população.

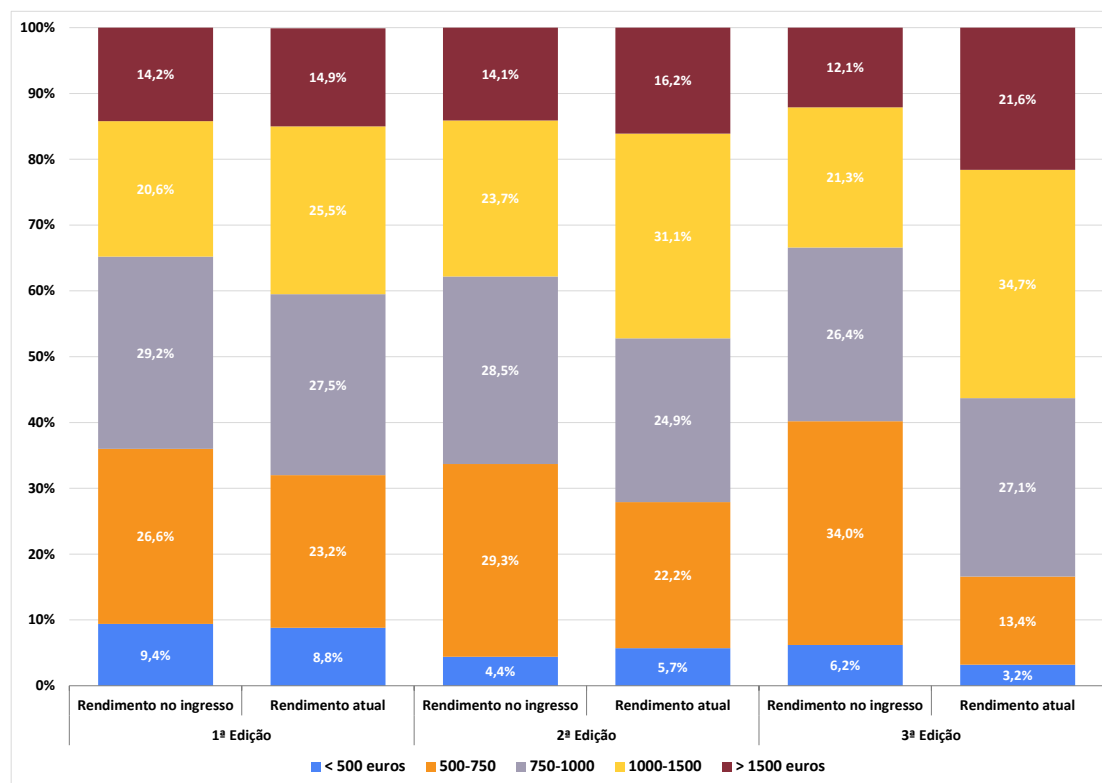


Gráfico 5.6. Rendimento no início da licenciatura e após a sua conclusão, segundo a edição do questionário (%)

5.4 Adequação entre licenciatura e atividade profissional

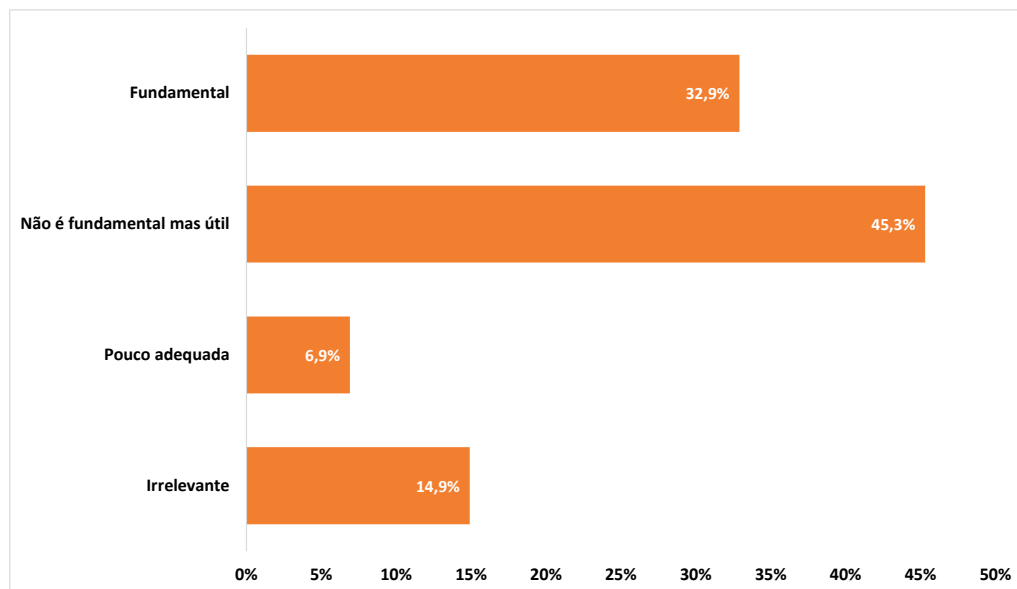


Gráfico 5.7. Adequação da licenciatura à atividade profissional atual (%)

Questionados sobre a compatibilidade entre a atividade profissional desempenhada e a certificação obtida, constatou-se que as respostas dos licenciados entre 2011 e 2018 estão centradas na sua maioria em duas das opções, sendo que 45,3% indicaram que a licenciatura não foi fundamental para a atividade profissional que exercem atualmente, mas é útil, enquanto 32,9% indicaram que a licenciatura é fundamental (Gráfico 5.7).

Fazendo um cruzamento entre a pergunta sobre as razões que mais pesaram na decisão de ingressar na Universidade Aberta e a adequação da licenciatura realizada à atividade profissional atual, podemos observar, por exemplo, que entre os licenciados que

indicaram que o motivo “Mudar de categoria profissional/promoção” era importante ou muito importante, 44,2% afirma que a licenciatura que realizaram é fundamental para a atividade profissional atual e 39,8% afirma que não é fundamental mas tem sido útil. Estes valores não são tão elevados entre aqueles que valorizavam sobretudo a possibilidade de desempenhar uma profissão interessante ou alcançar condições mais favoráveis, ainda que a maioria destes também indique que a licenciatura foi, se não fundamental, pelo menos, útil para a atividade desempenhada (Gráfico 5.8).

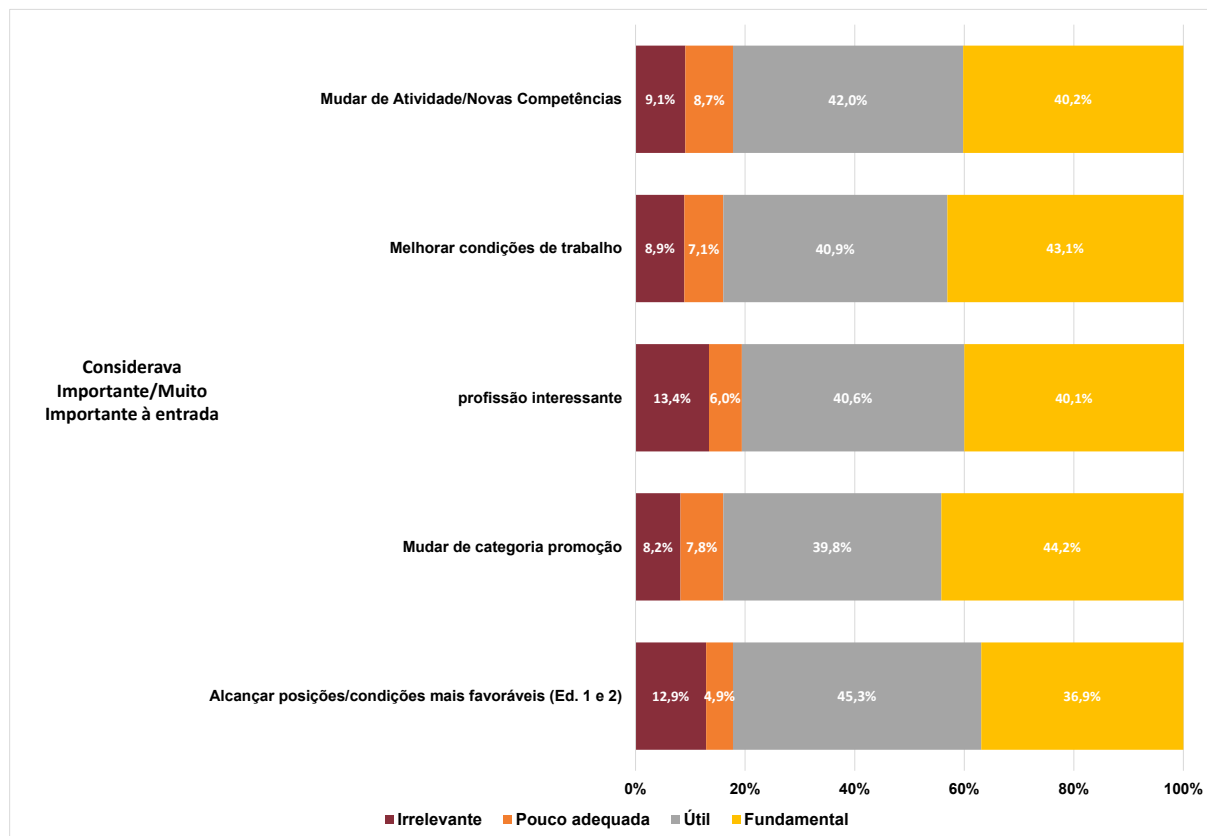


Gráfico 5.8. Adequação da licenciatura segundo razões importantes na decisão à entrada

À medida que a motivação inicial de cada objetivo diminui (para pouco/nada importante), também se verifica uma redução da relevância da licenciatura para a atividade profissional atual, embora a licenciatura seja classificada como útil em 45,3% d@s diplomad@s que atribuíram importância elevada ao objetivo de alcançar posições mais favoráveis (1ª e 2ª edição) e em cerca de 60% nos restantes motivos selecionados.

5.5 Mobilidade social e profissional

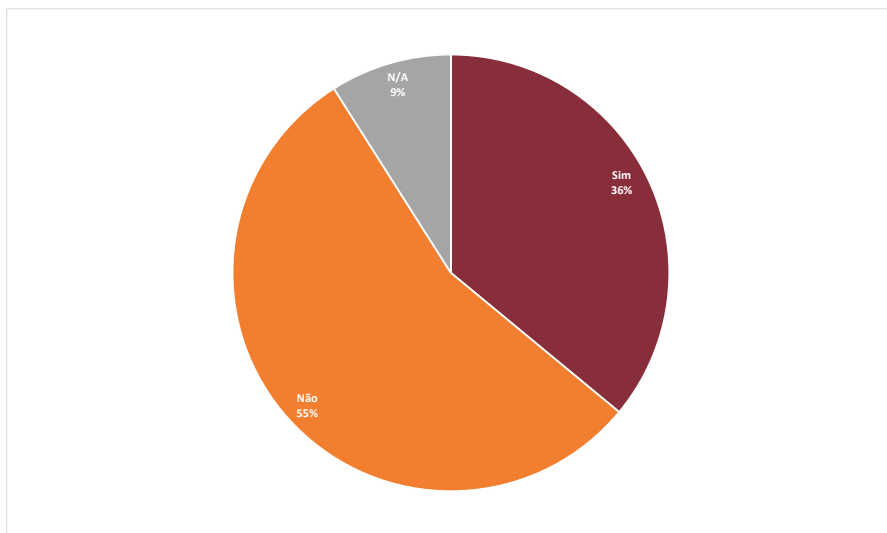


Gráfico 5.9. Alteração da situação profissional no início da licenciatura e após a sua conclusão (%)

segundo a idade à conclusão do curso (Gráfico 5.10), observamos que é nas categorias até aos 34 anos que se verifica a maior percentagem de mudança de situação profissional, de atividade e/ou categoria, reduzindo-se à medida que se avança na idade de obtenção da licenciatura. Este resultado era expectável, mas devemos destacar que a mudança (no período de 1 a 3 anos após a licenciatura) também ocorreu em cerca de 30% daqueles se licenciaram entre os 40 e os 49 anos. Na última categoria, acima dos 60 anos, o acréscimo verificado poderá estar relacionada com a passagem à situação de reformad@.

Com o objetivo de se compreender a existência de mobilidade profissional entre o início da licenciatura e o momento de resposta ao inquérito (1 a 3 anos após a conclusão do curso), nomeadamente se acedeu ao 1.º emprego, mudou de emprego ou mudou de categoria/atividade profissional, verifica-se que 36% dos licenciados referem algum tipo de mudança na sua situação profissional (Gráfico 5.9).

Da análise segundo o género dos diplomados e diplomadas, regista-se que 35,9% das mulheres afirmou ter alterado a sua situação profissional, entre o início do curso e o momento do inquérito, enquanto, entre os homens, o valor foi de 27,3%. Se olharmos para o desdobramento dos resultados

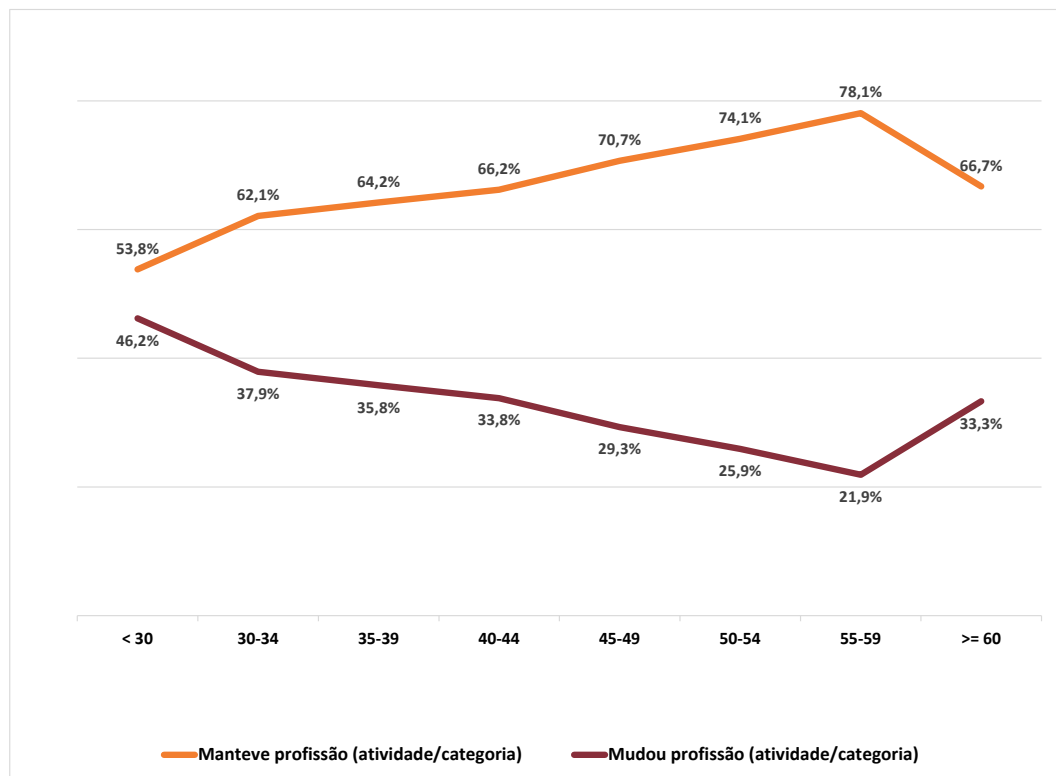


Gráfico 5.10. Alteração da situação profissional entre início do curso e o momento atual, segundo a idade de conclusão do curso (%)

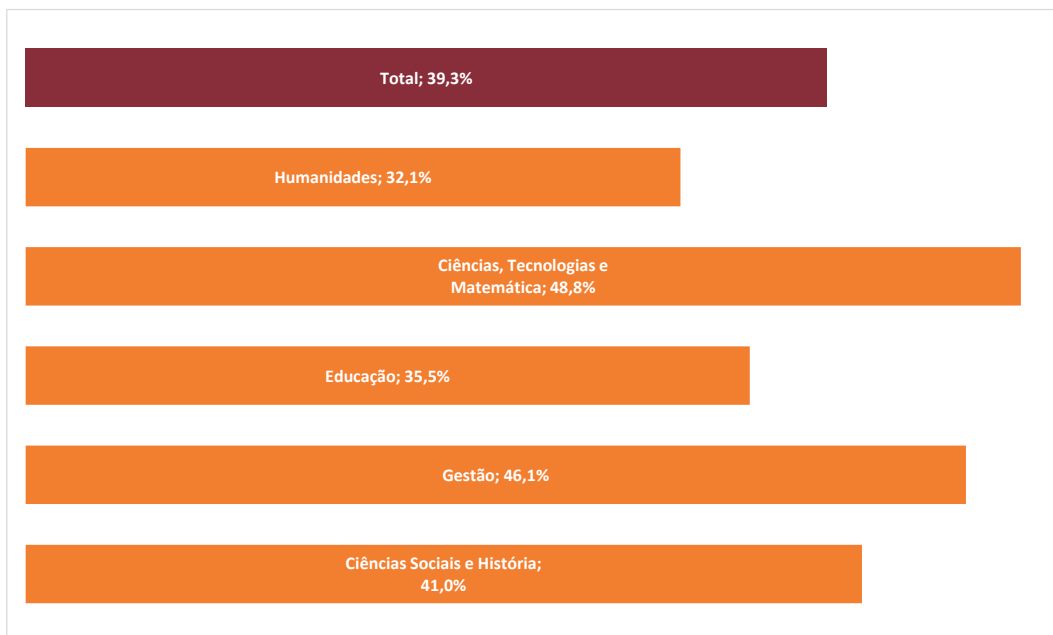


Gráfico 5.11. Alteração da situação profissional entre início do curso e o momento atual, segundo a área de estudos

foi importante, embora não decisiva (tabela 5.2). O segundo fator mais apontado para a mobilidade profissional foram as “competências teóricas, metodológicas e operatórias desenvolvidas na licenciatura”, sendo próximas as porcentagens dos que consideraram esse item como fundamental (39,5%) e importante (42,9%). Constatou-se que o papel dos “professores” e “colegas” para essa mobilidade também foi reconhecido pel@s licenciad@s em situação de mobilidade profissional, mas em porcentagens inferiores. Os resultados entre edições do questionário mantêm-se estáveis, embora se observem algumas diferenças. Por exemplo, na edição mais recente, a porcentagem de diplomad@s que afirmou que a aquisição do grau de licenciado havia sido fundamental para a sua mobilidade profissional foi superior.

Fazendo uma análise segundo a área científica da licenciatura (Gráfico 5.11), é na área STEM que se registra a percentagem mais elevada de mudança na situação profissional, ou seja, 48,8% d@s licenciad@s assinalou uma mudança na sua situação profissional, tendo a área de Gestão obtido também valores bastante próximos, em contraste com os valores mais baixos obtidos nas áreas de Humanidades e de Educação.

Tentando destrinçar sobre a importância de diferentes elementos associados à licenciatura, verifica-se que o nível de habilitações superiores foi considerado fundamental para 69,2% d@s respondentes que assinalaram esta opção, enquanto 16,9% consideram que a licenciatura

Tabela 5.2. Importância de fatores associados à licenciatura para a mobilidade profissional

	Fundamental	Importante	Pouco importante	Irrelevante
Nível de habilitações	69,2%	16,9%	6,7%	7,2%
Professores	12,1%	35,3%	24,1%	28,5%
Colegas	8,4%	33,4%	27,7%	30,5%
Competências adquiridas	39,5%	42,9%	8,8%	8,8%

A obtenção do diploma permitiu também que parte d@s respondentes (7%) tivessem aberto a sua própria empresa ou atividade profissional por conta própria. Dentro deste grupo, 47% referiram que as habilitações foram fundamentais e 34% referiram que foram importantes.

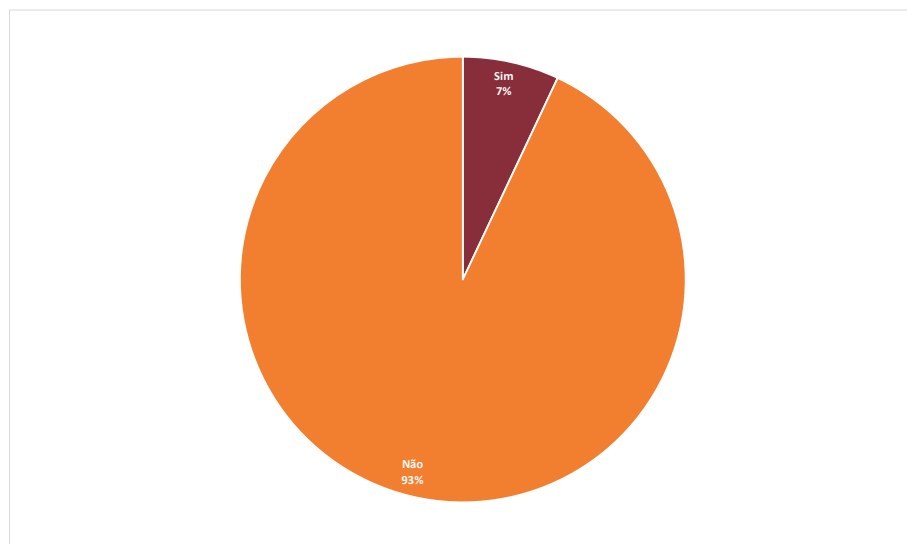


Gráfico 5.12. Criação de empresa ou atividade por conta própria

Como resultados mais significativos para as possibilidades resultantes da obtenção do diploma, verifica-se que, no global, 53,3% dos licenciados afirma que a licenciatura permitiu melhorar a posição ou condições de trabalho de alguma forma: 37,8% na organização em que já trabalhava e 11% noutra organização para a qual passou a trabalhar. Em oposição, 46,7% dos respondentes indicam que a licenciatura não contribuiu para melhorar a posição profissional.

Tabela 5.3. Importância dos fatores selecionados para a obtenção do diploma versus existência e tipo de mudança profissional

Em termos laborais, a licenciatura permitiu...	Na organização em que já trabalhava	Noutra organização	Por conta própria	Não
Melhorar a posição profissional (3.ª ed.)	37,8%	11,0%	4,4%	46,7%
Alcançar uma situação laboral mais estável	23,6%	10,0%	3,3%	63,1%
Mudar de atividade (3.ª ed.)	20,1%	14,1%	4,2%	61,6%
Realizar atividades laborais mais gratificantes	35,3%	10,7%	7,0%	47,0%
Melhorar condições de empregabilidade (2.ª ed.)	30,0%	9,4%	6,1%	54,5%

Constata-se ainda que, no total das três edições do inquérito, mais de metade (53%) refere que a licenciatura permitiu realizar atividades laborais mais gratificantes, principalmente na organização em que já trabalhava (35,3%). Em suma, as opiniões mais favoráveis ao impacto positivo da licenciatura centram-se na organização em que o licenciado já trabalhava. Este resultado está alinhado com os valores obtidos para a mudança de situação profissional, em que cerca de 30% indicou este tipo de mudança.

5.6 Associativismo profissional

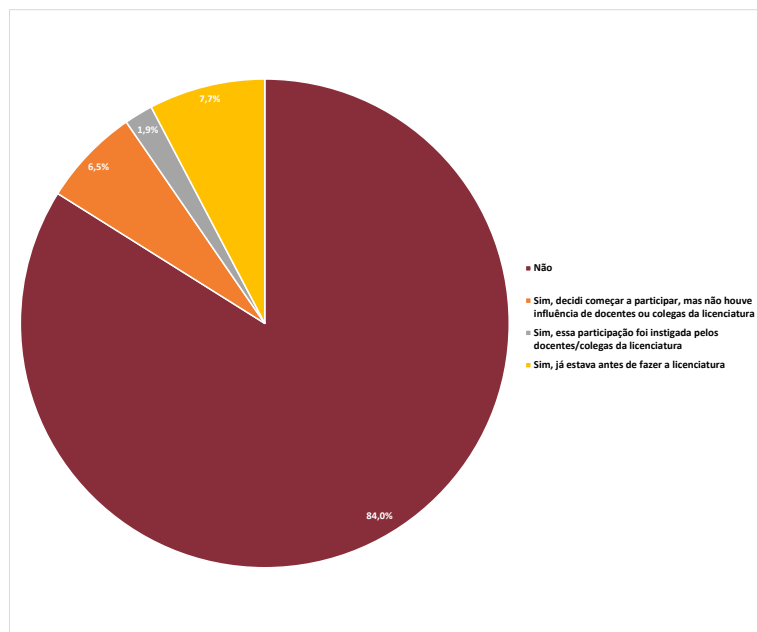


Gráfico 5.13. Participação em associações profissionais, na área da licenciatura

Com intenção de se conhecer a adesão ao associativismo profissional foi questionado aos licenciados se “está inscrito ou participa regularmente nas atividades de alguma associação profissional na área da sua licenciatura?”. Em resposta a esta questão, a grande maioria dos licenciados (mais de 80%) indicou não estar integrado numa associação profissional (Gráfico 5.13). Mesmo entre a minoria que participa em associações profissionais, o seu envolvimento parece decorrer de dinâmicas externas (em grande medida, prévias) à própria frequência da licenciatura, sendo o impacto dos docentes e dos colegas bastante incipiente.

Entre edições do questionário, é possível observar um ligeiro aumento da participação em organizações associativas relacionadas com a atividade profissional, mas esta era já existente no momento de entrada na licenciatura, mantendo-se a percentagem dos diplomados que assume que esse envolvimento foi instigado por docentes e/ou colega em torno dos 2% (Tabela 5.4).

Tabela 5.4. Participação em atividades associativas por edição do inquérito

	1ª edição	2ª edição	3ª edição
Não participo	86,2%	84,2%	81,2%
Sim, decidi começar a participar, mas não houve influência de docentes ou colegas da licenciatura	6,6%	5,6%	7,2%
Sim, essa participação foi instigada pelos docentes/colegas da licenciatura	1,7%	2,0%	1,9%
Sim, já estava antes de fazer a licenciatura	5,5%	8,1%	9,8%

5.7 Empregabilidade

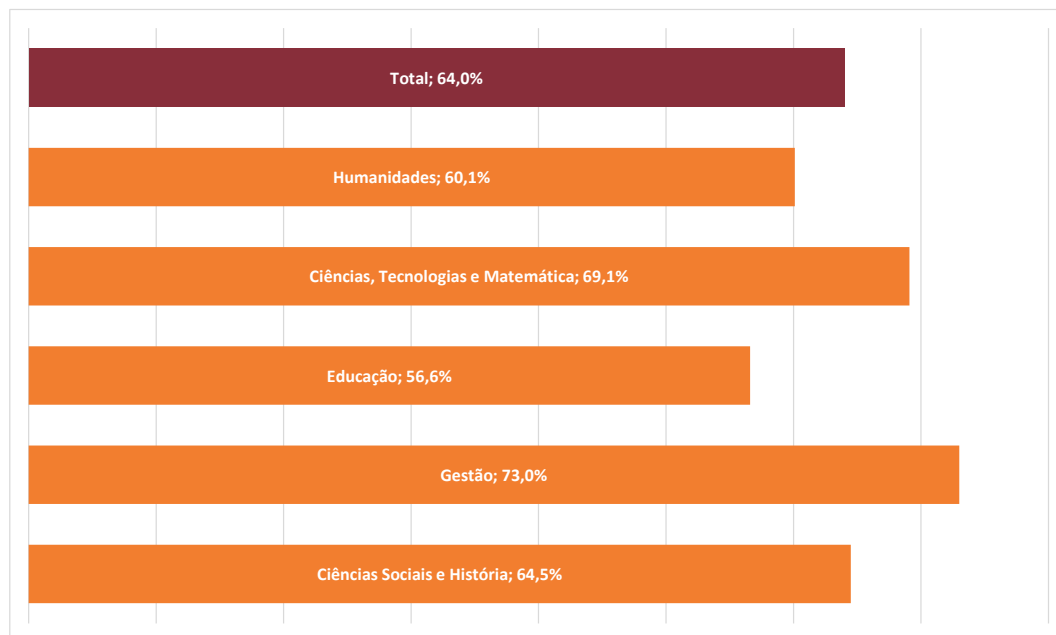


Gráfico 5.14. Melhoria de condições de empregabilidade com a licenciatura (2ª e 3ª edições)

de uma grande maioria já se encontrar numa fase intermédia ou mesmo avançada do seu percurso laboral, trabalhando a tempo inteiro e frequentemente com um contrato sem termo.

Por fim, a maioria dos licenciados (64%) refere que, no geral, as condições de empregabilidade melhoraram com a realização da licenciatura (gráfico 5.14). Trata-se de uma questão que foi introduzida no questionário apenas a partir da 2.ª edição e, portanto, não é possível aferir na primeira coorte inquirida.

Não sendo uma variável indiferente à conjuntura socioeconómica de cada momento histórico, trata-se, contudo, de um indicador hoje considerado central nas avaliações realizadas às ofertas formativas de nível superior. E o valor obtido é bastante significativo, mas deve ser lido tendo em conta o perfil d@s diplomad@s da Universidade Aberta (ver capítulo 2), nomeadamente, o facto

6 | PROJETOS DE FUTURO

Este capítulo visa uma análise das perspectivas de futuro (projetos de futuro) d@s licenciad@s da Universidade Aberta, com base nas respostas às três edições do inquérito sobre os percursos profissionais e de vida, como já indicado anteriormente. Algumas das respostas abrangem também pontos de reflexão sobre o percurso das três coortes que convém relacionar com as análises anteriores. Um ponto a salientar é a ausência de uma tendência clara em muitos indicadores, embora haja, de um modo geral, indicações de melhoria de vários indicadores.

6.1 Prosseguimento de estudos

Uma das primeiras questões relaciona-se com o prosseguimento (ou não) de estudos superiores, num contexto de expansão recente das pós-graduações e dos cursos de mestrado e doutoramento. A taxa de prosseguimento de estudos d@s respondentes (1 a 3 anos após a conclusão da licenciatura) é apresentada na Tabela 6.1. Neste caso, não se trata de uma tendência, mas de uma ligeira oscilação que tem pouca relevância estatística. A decisão de aprofundar os estudos pode ser uma consequência da falta de oportunidades de emprego, de uma reorientação da carreira ou mesmo de um investimento na mesma. Uma comparação com resultados anteriores permitiria uma discussão mais profícua. Nos parágrafos seguintes, iremos aprofundar alguns destes pontos.

Tabela 6.1. Inscrição no ensino superior após a licenciatura

	1ª edição	%	2ª edição	%	3ª edição	%
Sim	138	30	121	31	95	28
Não	316	70	270	39	247	72
N	454		391		342	

Esta proporção de aproximadamente 30% que continua os estudos superiores mostra o valor que pode ser associado ao ensino *online* em fomentar a aquisição de conhecimentos. Do conjunto dos dados das três edições do inquérito salienta-se, por parte d@s diplomad@s, um interesse em progredir pessoalmente e profissionalmente durante a licenciatura e depois desta ser concluída. Assim sendo, estudar na Universidade Aberta pode contribuir como um fator motivador para prosseguir os estudos. Corresponde ao elevado número de estudantes que afirmam que, sem uma oferta de ensino a distância, não teriam concluído uma licenciatura.

É de notar que a maioria d@s licenciad@s da Universidade Aberta que prosseguiram os seus estudos escolheram um aprofundamento num mestrado ou numa pós-graduação (de 91% na primeira edição, a 87% e 77% nas duas edições seguintes). Mesmo que os doutoramentos não sejam muito significativos, em termos relativos, passaram de 1% a 3% e 4%, revelando uma

diversificação no que diz respeito às opções formativas futuras. Há ainda um aumento das percentagens de ingresso numa segunda licenciatura passando de 8% e 10% nas duas primeiras edições para 19% na última. Pode ser interpretado, de novo, como uma diversificação na formação, alargando a base de conhecimentos. É um traço bem presente nas licenciaturas em Gestão. Uma segunda nota sobre as segundas licenciaturas é a oferta mais restrita de cursos de primeiro ciclo da Universidade Aberta que leva @s diplomad@s, muitas vezes, depois de ter ganho confiança numa licenciatura *online*, a apostar num outro curso mais próximo das necessidades profissionais ou ainda mais próximo de necessidades e gostos pessoais.

De todos estes primeiros dados, analisados em três inquéritos, podemos concluir que a licenciatura realizada na UAb foi um fator motivacional que estimulou a querer mais, em termos de formação e, como veremos, também em termos pessoais e profissionais.

A primeira escolha para avançar nos estudos superiores é, em todas as edições do inquérito, a Universidade Aberta (variando entre 58% e 46%), seguida por outras instituições (internacionais) de ensino a distância e outras universidades ou politécnicos. A tendência para o ensino superior a distância parece reforçar-se ou estabilizar-se por volta de 71%. Seria interessante ver, no futuro, como seria de esperar, se esta tendência sai reforçada por causa da crise do Covid-19.

6.2 A ligação à Universidade Aberta

O segundo grande tópico desta secção do inquérito é a participação em projetos ou atividades da Universidade Aberta, assim como outros desempenhos pós-licenciatura. No cômputo geral, a participação em projetos e atividades da Universidade Aberta, mantém-se na casa dos 6%, o que revela uma ligação relativamente baixa com a instituição.

A participação em reuniões e convívios de antigos alunos apresenta uma redução da segunda para a terceira edição, passando de 17% para aproximadamente 13%. O fator espacial pode explicar parte desta evolução desta situação, nomeadamente por residir ou trabalhar relativamente próximo de uma instalação da Universidade Aberta ou um dos seus Centros Locais de Aprendizagem (CLA), locais onde muitos se conheceram, por exemplo, em períodos de provas de exame. Outro fator a considerar é a disponibilidade relativa d@s diplomad@s para deslocarem-se a eventos presenciais, sendo já profissionais inseridos no mercado de trabalho e/ou com situações familiares que exigem atenção.

No que diz respeito à receção de informação proveniente da Universidade Aberta, na base das três edições dos inquéritos, entre 60% e 70% d@s respondentes afirmaram receber, pelo menos, alguma informação por via eletrónica. Há, neste ponto, um esforço feito pela Universidade Aberta que poderia ser complementado pelo uso das redes sociais. No entanto, e dado a instabilidade deste sector técnico-económico, não há garantia de poder compensar meios mais tradicionais como os envios regulares de informação por email. O inquérito não responde a questões mais detalhadas, mas seria interessante explorar se, por parte da Universidade Aberta e dos Centros Locais de Aprendizagem, não haverá a possibilidade de implementar outros meios de divulgação de informação que sejam mais descentralizados e mais adaptados às necessidades locais d@s diplomad@s.

Apenas 6% afirmou manter contacto com ex-professores. Na última edição, esta proporção variou pouco, embora tivesse diminuído, respetivamente de 8% e 7%, nas duas coortes anteriores. Há um canal de comunicação que se mantém especialmente para os alunos que queiram continuar os estudos para mestrado ou doutoramento na mesma instituição. Estes contactos podem não ocorrer nos três anos após a obtenção da licenciatura, mas existem para várias licenciaturas que têm uma parte do corpo docente que também participa nas ofertas do segundo e terceiro ciclo.

A partir dos dados recolhidos, podemos constatar que três quartos d@s graduad@s não mantiveram contactos com a Universidade Aberta, mesmo que esta percentagem tenha diminuído ligeiramente na coorte mais recente (Abrantes et al 2021: 49). Ainda assim, é uma situação que merece reflexão por parte da instituição e da sua comunidade académica.

6.3 Se pudesse voltar atrás...

À questão da possibilidade de voltar atrás sobre o percurso percorrido, uma larga maioria d@s respondentes, em todas as edições do inquérito, confirma a escolha da Universidade Aberta para o curso realizado (mais de 80%) chegando mesmo até a 87% nas respostas dadas em 2020. Se considerarmos não só a mesma licenciatura realizada online, mas também uma licenciatura diferente na mesma instituição, ultrapassamos os 90% (e mesmo 95% nas respostas dadas em 2020). Os números revelam uma satisfação global muito elevada dos cursos realizados na Universidade Aberta. Este resultado é positivo por outra razão: trata-se de uma oferta pedagógica diversificada que preenche uma lacuna nacional e internacional em língua portuguesa. E é importante, num contexto em que a oferta da Universidade Aberta, sendo diversificada, é ainda limitada em termos de áreas disciplinares se compararmos com outras instituições de ensino superior. Há mais um aspeto a salientar: mesmo que não houvesse a mesma licenciatura, aproximadamente um décimo d@s diplomad@s teria escolhido uma licenciatura distinta na Universidade Aberta. É outro aspeto que revela a importância do ensino superior a distância e que ainda revela potencial para crescer.

Tudo somado, há muitas razões fortes a favor do papel positivo e do lugar crescente da Universidade Aberta no sistema de educação e ensino superior. Outras podem ser aferidas numa análise mais detalhada destes inquéritos ou de outras investigações futuras.

6.4 Projetos e expectativas

Em termos de projetos e expectativas d@s diplomad@s, podemos destacar três subgrupos que caracterizam os resultados das três edições do inquérito com as suas coortes respetivas (Abrantes *et al.*, 2016, 2018, 2021). Vamos centrar a análise nos dados mais recentes para ter uma visão de conjunto.

Um primeiro grupo, de proporção mais reduzida, em que a perspetiva de mudança é importante, por necessidade ou por opção. Este primeiro grupo, que totaliza 11% dos inquiridos, é composto por quem está à procura de um emprego (5,6%) ou quem está a pensar abrir uma empresa ou iniciar um negócio por conta própria (5,3%). Esta proporção está em ligeiro aumento, em relação a 2014-2015, sobretudo relacionado com o aumento dos que pensam abrir uma empresa ou iniciar uma atividade por conta própria, uma evolução comparável à de outras instituições de ensino superior em Portugal e na Europa.

O segundo grupo é constituído por quem pretende mudar de profissão dentro da organização laboral em que se encontra (12,8%), manter-se na profissão, mas mudando de organização (6,2%), ou ainda mudar simultaneamente de profissão e de organização (12,7%). Em qualquer dos casos, é de realçar que há um conjunto de licenciad@s com perspetiva de mudar por várias razões e que totalizam 29% do total dos inquiridos. É uma proporção significativa, especialmente se tomarmos em conta o perfil dos estudantes da instituição e sua distribuição etária (ver capítulo 2).

Estes dois primeiros grupos são os da perspetiva de mudança, mas existe ainda um terceiro subgrupo (o da "prudência"), predominante em dimensão (com um total de 70% dos estudantes), podendo aqui esta opção estar mais associada a lógicas de lealdade ou de apatia. Não há, neste grupo, aposta no risco de mudança, sendo possível distinguir duas categorias: os que se conformam, esperando manter-se na situação em que se encontram e/ou reformar-se (31,2%) e os que esperam evoluir dentro de uma estabilidade garantida, através de uma promoção ou mudança de posto de trabalho dentro da organização (39%). Note-se que este subgrupo representa quase dois terços do total e que há um pouco mais de um quarto que não parece ter esperança de evoluir (31%), enquanto dois quintos (40%) espera uma progressão de continuidade (Abrantes *et al.*, 2021: 50-51).

Quase metade dos diplomados e das diplomadas encara a possibilidade de, no futuro, realizar um curso de pós-graduação ou de segundo ou terceiro ciclo, nos próximos três anos (48%), e apenas 7% uma outra licenciatura. Ainda 26% dos alunos inquiridos consideram a possibilidade de realizar formação de curta duração nos próximos três anos.

No caso daqueles e daquelas que têm projetos formativos para os próximos anos, a larga maioria coloca a possibilidade de fazê-lo na Universidade Aberta, distinguindo-se um segmento de 33,9% que não tem dúvidas quanto a essa questão e um outro, mais numeroso (60%), que colocaria essa possibilidade, caso encontre na instituição uma oferta formativa que se adeque aos seus interesses e/ou necessidades (Gráfico 6.3). Só 6% não ponderam esta possibilidade. Estas proporções são estáveis em relação aos resultados do inquérito anterior.

Quanto às áreas de formação que pretendem estudar, de um total de 240 respostas válidas para a primeira opção de formação, as áreas para estudo futuro que mais se destacam são as Ciências Sociais (43 respostas), a Gestão (40), a História (17), as Línguas e Humanidades (14), a História, Museologia e Património (21) a Informática (13), a Educação (10), e as Ciências do Ambiente (11).

Podemos constatar que há cada vez menos respostas que incluem as áreas de formação quando se passa da área privilegiada ou primeira escolha (240) para a segunda escolha (165) e a terceira escolha (103), surgindo alguns temas mais específicos, como o empreendedorismo. Tal como noutros, neste caso, será importante uma análise mais aprofundada, no seio de cada área científica, o que supera os objetivos deste relatório.

Há uma tendência para um maior dinamismo, na última edição, em comparação com os dados obtidos nas duas edições anteriores, mas ainda é preliminar para extrair conclusões sólidas. É de salientar o reforço de perspectiva de mudança e de transformação do seu futuro, como a atitude relativa ao empreendedorismo. Os diplomados encaram o futuro incerto de um modo mais otimista, o que pode estar relacionado com o percurso de cada uma e de cada um por ter conseguido, entre outras coisas, acabar uma licenciatura apesar dos numerosos constrangimentos (familiares e profissionais).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrantes, P. (coord.), Bäckström, B., Henriques, S., Jacquinet, M., Magano, O., & Neves, C. (2016). *Resultados do Questionário aos Percursos Laborais e de Vida dos Licenciados da UAb*. Lisboa: Universidade Aberta.

Abrantes, P. (coord.), Bäckström, B., Falé, I., Henriques, S., Jacquinet, M., Magano, O., Neves, C., Ramos, M. R., & Ramos, A. P. (2018). *Percursos Profissionais e de Vida dos Licenciados da UAb – 2ª edição. Relatório Síntese*. Lisboa: Universidade Aberta.

Abrantes, P. (coord.), Bäckström, B., Falé, I., Henriques, S., Jacquinet, M., Magano, O., Neves, C., Ramos, M. R., & Ramos, A. P. (2021). *Percursos Profissionais e de Vida dos Licenciados da Universidade Aberta – 3ª edição. Relatório Síntese*. Lisboa: Universidade Aberta.

Abrantes, P. (coord.), Ramos, A. P., Bäckström, B., Falé, I., Henriques, S., Jacquinet, M., Magano, O., Neves, C., & Ramos, M. R. (2022). Competences and Employability: The Impacts of Distance Learning University According to Graduates' Follow-Up. *Educational Sciences*, 12 (2), 65. <https://doi.org/10.3390/educsi12020065>

Alves, N. (2005). *Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados pela Universidade de Lisboa 1999-2003*. Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa.

Byrne, C. (2022). What determines perceived graduate employability? Exploring the effects of personal characteristics, academic achievements and graduate skills in a survey experiment. *Studies in Higher Education*, 47(1), 159-176. <https://doi.org/10.1080/03075079.2020.1735329>

Capucha, L. (2018). Educação de adultos: a ideologia conta. *Fórum Sociológico*, 32, 17-27.

Cardoso, T., & Pestana, F. (2021). O Papel do Eixo Estudante/Conhecimento no Triângulo Pedagógico em Contexto de Blended (e)Learning. In P. Calvacanti (Org.), *Educação: Teorias, Métodos e Perspectivas (vol. II, cap. 16, 187-199)*. Curitiba: Editora ARTEMIS.

Castro, J. M. (2000). O balanço de competências: uma prática com pressa de se re-inventar. <https://hdl.handle.net/10216/65384>

Conselho da União Europeia (2021). Resolução do Conselho sobre uma nova agenda europeia para a educação de adultos 2021-2030 (2021/C504/02). *Jornal Oficial da União Europeia*, C 504/9.

- Costa, A. F. D., Lopes, J. T., & Caetano, A. (2014). *Percursos de estudantes no ensino superior. fatores e processos de sucesso e insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Estêvão, M. (2005). *Balanço de Competências: Saber Fazer*. Projecto EQUAL.
- European Commission (2020). *Digital Education Action Plan – 2021-2027*. European Union.
- European Court of Auditors (2021). *EU actions to address low digital skills*.
- Figueiredo, A. D. (2019). Compreender e desenvolver as competências digitais. *RE@D – Revista de Educação a Distância e eLearning*, 2(2), 1-8.
- Guimarães, P. & Barros, R. (2014). Os educadores de adultos no quadro de uma nova política pública de educação e formação de adultos em Portugal. *Sensos*, 4(1), 13-27.
- Henriques, S., Neves, C., Silva, A. P., Abrantes, P., Bäckström, B., Falé, I., Jacquinet, M., Magano, O., & Ramos, M. R. (2020). Ensino superior a distância e o desenvolvimento de competências profissionais: uma análise com base nas perceções dos diplomados. *Fórum Sociológico*, 37, 49-62. <https://doi.org/10.4000/sociologico.9511>
- Jimoyiannis, A. (2015). Digital Literacy and Adult Learners. In M. J. Spector (ed.), *The SAGE Encyclopedia of Educational Technology*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Magano, O., Abrantes, P., Bäckstrom, B., Neves, C., Jacquinet, M., & Henriques, S. (2016). Mobilidade social dos diplomados da Universidade Aberta: percursos de vida e de trabalho. *Atas do IX Congresso Português de Sociologia*. Faro: Associação Portuguesa de Sociologia, 2016. ISBN: 978-989-97981-2-0.
- Mauritti, R., Nunes, N., Alves, J. E., & Diogo, F. (2019). Desigualdades sociais e desenvolvimento em Portugal: um olhar à escala regional e aos territórios de baixa densidade. *Sociologia Online*, 19, 102-126.
- Mendes, A. Q., Bastos, G., Amante, L., Aires, L., & Cardoso, T. (2018). *Modelo pedagógico virtual: cenários de desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta. <https://hdl.handle.net/10400.2/8041>
- Monteiro, A.; Leite, C, & Lima, L. (2012). Ensinar e aprender com tecnologias digitais no ensino superior. In Moreira J. A., Monteiro, A. (Eds.), *Ensinar e aprender online com tecnologias digitais (pp. 31-44)*. Porto: Porto Editora.

Moreira, J. A., Henriques, S., Barros, D. M. V., Goulão, F., & Caeiro, D. (2020). *A Educação digital em rede: princípios para o design pedagógico em tempos de pandemia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Neves, C., Henriques, S., Abrantes, P., Backstrom, B., Jacquinet, M., & Magano, O. (2017). Licenciados da Universidade Aberta: Percursos, Motivações e Aprendizagens em ambiente digital. *Investigar em Educação*, 2ª série, 6, 175-197. (ISSN: 2183-1793)

Neves, S., & Henriques, S. (2020), A experiência dos diplomados em educação da Universidade Aberta e o papel da educação a distância nas literacias digitais de adultos. In *EducaOnline*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório de Tecnologias da Informação e da Comunicação - LATEC/UFRJ/Grupo de Estudos de Representação Gráfica em Ambientes Virtuais (GERGAV)/ Laboratório de Ecologia e Desenvolvimento (LED)/Grupo de Estudos em Ciência e Educação Ambiental – GEA.

Pereira, A., Quintas-Mendes, A, Morgado, L., Amante, L, & Bidarra, J. (2007). *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta: para uma universidade do futuro*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ramos, M., Parente, C., & Santos, M. (2014). Os licenciados em Portugal: uma tipificação de perfis de inserção profissional. *Educação e Pesquisa*, 40, 383-400.

Sharma, M., Luthra, S., Joshi, S., & Kumar, A. (2022). Analysing the impact of sustainable human resource management practices and industry 4.0 technologies adoption on employability skills. *International Journal of Manpower*, ahead of print. <https://doi.org/10.1108/IJM-02-2021-0085>

